UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

FLAVIANE MARIA DE SÃO JOSÉ DE MORAES

MOVIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DO DIZER: PRODUÇÃO ESCRITA DE NOTÍCIAS POR ALUNOS DE 6º ANO

MARINGÁ
2021

FLAVIANE MARIA DE SÃO JOSÉ DE MORAES

MOVIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DO DIZER: PRODUÇÃO ESCRITA DE NOTÍCIAS POR ALUNOS DE 6º ANO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira

MARINGÁ
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S239m

São José, Flaviane Maria de
Movimentos de constituição do dizer : produção escrita de notícias por alunos de 6º ano / Flaviane Maria de São José. -- Maringá, PR, 2021.
97 f.: il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. Dialogismo. 2. Constituição do dizer. 3. Produção textual escrita - Ensino. 4. Ensino fundamental - Língua portuguesa. 5. Notícia - Produção. I. Oliveira, Neil Armstrong Franco de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 410

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202

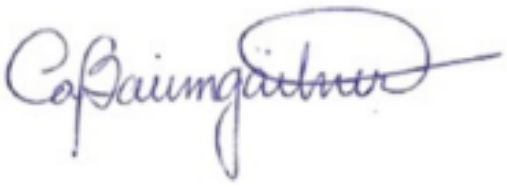
FLAVIANE MARIA DE SÃO JOSÉ

MOVIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DO DIZER: PRODUÇÃO ESCRITA DE NOTÍCIAS POR ALUNOS DE 6° ANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em 27 de abril de 2021.

Profª Drª Cláudia Valéria Doná Hilla
Membro do Corpo Docente(UEM/PLE)



Profª Drª Carmen Teresinha Baumgartner
Membro Convidado UNIOESTE/PR

Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira
Presidente - Orientador (UEM/PLE)

à minha mãe, mulher forte e sábia,
que além de plantar sonhos em minha vida,
ainda os rega, me ajuda a cultivá-los
e a colhê-los.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu sustento, por ter me proporcionado essa experiência única e por ter cuidado de cada detalhe da minha caminhada

À minha mãe, que sempre me ensinou a sonhar e a perseguir meus sonhos no tempo certo. Que como ato de resistência a uma sociedade machista, que a impediu de cursar a educação básica na idade esperada, plantou em mim o desejo de estudar e a certeza de que a educação abre caminhos, abre mentes. Ensinou-me, quando ingressou em um curso superior com quase 50 anos, que o sonho não envelhece, apenas adormece. A ela, que no início do mestrado me acompanhou nas madrugadas a Maringá, para que eu "pegasse o jeito" da estrada, e, no fim do mestrado, acompanhou-me nas madrugadas para que concluísse a escrita da minha dissertação.

Ao Carlos, por também viver muitas renúncias necessárias durante meu estudo, por passar pela "desrotina" de um mestrado, e por cuidar de nossos filhos sempre que estive ausente. Aos meus filhos, por compreenderem e respeitarem o meu momento, a minha busca, sempre me incentivando, apesar da minha ausência.

Aos meus irmãos pelo encorajamento e impulsionamento contínuos, por muitas vezes acreditarem em mim mais do que eu mesma, por serem meus parceiros em qualquer situação, pelo laço eterno que nos une e que está muito além de nosso sangue.

Ao meu pai, pelas orações e bençãos lançadas sobre minha vida.

Ao meu orientador, por me ensinar pelo discurso e pelas atitudes, por demonstrar aos seus orientandos que antes de pesquisador, professor, orientador, é necessário "ser" humano. Obrigada por respeitar meus limites em cada fase do mestrado e ter a percepção de encaminhar meu estudo de modo que eu fosse capaz de transpor esses limites no decorrer do curso. Obrigada por caminhar comigo, realmente, e por sempre me provocar a ver e ir além.

Aos meus professores durante o mestrado, Drª. Cristiane Capristano, Drª. Josimayre Novelli, Drª. Luciana Cabrini, Drª. Maria Celia Passeti, Drª. Neiva Maria Jung, Dr. Juliano Desiderato

e Dr. Renilson Menegassi, obrigada por ampliarem meu horizonte, pelas desconstruções, reconstruções e construções de saberes.

Agradeço às professoras Drª. Cláudia Valéria Doná Hila e Drª. Carmen Teresinha Baumgartner, pela leitura minuciosa do meu trabalho, pela maneira clara e profissional com que pontuaram cada uma das observações, pelas valorosas marcações em meu texto e contribuições com minha pesquisa. Suas palavras ressoaram em minha escrita durante todo período entre a banca de qualificação e defesa e agora ressoam e ressoarão na minha história.

À professora Angélica Roque, então diretora do colégio em que os dados foram gerados, e à pedagoga Elen Nascimento por aceitarem a aplicação da minha pesquisa, incentivarem e dedicarem-se para que acontecesse da melhor maneira possível.

Aos alunos, sujeitos da minha pesquisa! Agradeço pelas discussões, pelo aprendizado, por responderem à proposta de escrita, por participarem da minha constituição como pesquisadora.

À Secretaria Municipal de Educação de Loanda pela licença para pós graduação stricto sensu em um padrão (20h), o que possibilitou que eu cursasse as disciplinas e me dedicasse à incursão na sala de aula. À então secretária municipal, Patrícia Hattori, que não mediu esforços para fazer valer um direito que estava previsto em nosso plano de carreira, mas ainda não tinha sido usufruído por nenhum professor da rede. À então diretora da escola em que eu leciono, Aparecida Helena Britto, por compreender meu momento e me auxiliar.

Ao Jornal Correio do Noroeste por ceder um espaço para publicação das notícias.

Ao meu amigo Amarildo Magalhães que, sempre de mão estendida, percorreu comigo todas as fases desse trajeto desde o processo de seleção, a conquista da licença para o mestrado e a finalização do mestrado. Aos meus parceiros de orientação, em especial Rafael Alves, que sempre dividiu seus conhecimentos teóricos, e Tiago Guimarães, que dividiu anseios, medos e conquistas. À Samia Cardoso por vivenciar cada degrau de meu mestrado, pela presença constante, conselhos acadêmicos e discursos de encorajamento. À Flávia Zanutto, sempre acolhedora. À Madri, minha amiga intercessora, pelas orações diárias e amizade valiosa. Às minhas tias pelos terços dedilhados. Às minhas primas pelos cuidados constantes.

Pensar em produção [de texto] implica pensar em trabalho e não em inspiração [...] Falar em produção exige considerar de outra forma os estudantes, que de meros aprendizes, passam a agente deste processo: ninguém pode escrever pelo outro.

Geraldi (2015[2010])

SÃO JOSÉ, F. M. **Movimentos de constituição do dizer: Produção escrita de notícias por alunos de 6º ano.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, 2021.

RESUMO

Pautados no referencial teórico da concepção dialógica da linguagem, com ênfase na abordagem sócio-histórica, na perspectiva da Linguística Aplicada, sobretudo nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011[1952-1953], VOLOCHÍNOV, 2013[1928][1930], 2018[1929]) e nas pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre esse escopo, esta pesquisa, de natureza qualitativa e viés interpretativista, abordou o tema produção textual escrita de base dialógica em sala de aula. Nosso objetivo geral foi investigar de que maneira os alunos de 6º ano de uma escola pública responderiam à proposta de produzir notícias a partir de nossas intervenções, durante o desenvolvimento do procedimento didático-pedagógico elaborado para esta pesquisa. Especificamente, buscamos analisar i) se à medida que fossem conhecendo as dimensões da notícia, os alunos desejariam "tomar a palavra" respondendo a situações próximas à sua realidade, dialogando com seu entorno; ii) se os alunos contemplariam as dimensões desse gênero discursivo em suas produções textuais. Participaram da pesquisa 11 alunos do 6º ano de uma escola pública de uma cidade interiorana do noroeste paranaense. Para a geração de dados, elaboramos um procedimento didático-pedagógico, desenvolvido em 13 encontros, em período contraturno, abordando a dimensão social e a dimensão verbal do referido gênero discursivo. A incursão em sala de aula promoveu diálogos e reflexões, resultando em anotações, gravações de áudio e, sobretudo, nos textos-enunciados dos participantes. Nosso *corpus* ficou constituído pelas notícias produzidas pelos alunos, notas da pesquisadora e gravação em áudio de alguns encontros. Para nossa análise, buscando os elementos característicos das dimensões extraverbais e verbais, pautamo-nos nas obras do Círculo já citadas e nos trabalhos de Acosta-Pereira (2014), Polato e Franco de Oliveira (2016), Costa-Hübes (2017), elaborados a partir do método sociológico de análise dialógica da linguagem proposto por Volochínov (2018[1929]). Alguns elementos das duas dimensões (social e verbal) foram evidenciados pelos próprios textos-enunciados, sem que se buscasse esgotá-los. De acordo com nossa análise, os alunos apresentaram engajamento discursivo, o que resultou na posição responsiva deles que se colocaram a escrever considerando o interlocutor de suas notícias e moldando o discurso em decorrência dele e do horizonte espaço temporal em que elas foram produzidas. Ao escreverem, mobilizaram as dimensões do gênero, e as ações desses sujeitos interagentes refletiram-se nos aspectos linguísticos e extralinguísticos dos textos-enunciados que compõem nosso *corpus*. Com as reflexões confirmamos que escrever para um locutor real motiva os alunos a engajarem-se discursivamente. Concluímos que as aulas, tomadas como acontecimentos únicos, incentivaram os sujeitos de nossa pesquisa a tomarem a palavra, a dialogarem com seu entorno e possibilitaram que eles, conhecendo melhor as dimensões do gênero notícia, mobilizassem a língua conforme sua intenção comunicativa, concretizando seu projeto de dizer. Esses pontos nos levam a constatar que esta pesquisa dialoga com pesquisas

que abordam o ensino de língua portuguesa pautado na concepção dialógica da linguagem, a produção textual escrita em sala de aula a partir do gênero discursivo contemplando suas dimensões e pode contribuir com futuras pesquisas.

Palavras-chave: dialogismo; ensino da produção textual escrita; notícia; constituição do dizer

ABSTRACT

Based on the dialogical conception of language theoretical framework, with an emphasis on the socio-historical approach, in the applied linguistics perspective, especially in the theoretical assumptions of the Bakhtin Circle (BAKHTIN 2011 [1952-1953], VOLOCHINOV 2013 [1928] [1930], 2018 [1929]) and in the researches developed in Brazil on this scope, this research, of a qualitative nature and interpretative bias, addressed the topic of written textual production with a dialogical basis in the classroom. Our general goal was to investigate how the 6th grade students of a public school would respond to the proposal to produce news from our interventions, during the application of the didactic-pedagogical procedure elaborated for this research. Specifically, we seek to analyze i) if, as they got to know the dimensions of the news, students would want to say something by responding to situations close to their reality; ii) whether students would contemplate the dimensions of this discursive genre in their textual productions. Eleven students from the 6th grade of a public school in an interior city in the northwest of Paraná participated in the research. For the data generation, we elaborated a didactic-pedagogical procedure, applied in 13 extracurricular meetings addressing the social and verbal dimensions of the referred discursive genre. The foray into the classroom promoted dialogues and reflections, resulting in notes, audio recordings and, above all, on the participants' enunciated texts. Our corpus consisted of news produced by students, notes from the researcher and audio recordings of some meetings. For our analysis, looking for the characteristic elements of the extraverbal and verbal dimensions, we guided ourselves on the works of the Circle already mentioned and the studies of Acosta-Pereira (2014), Polato and Franco de Oliveira (2016), Costa-Hubbes (2017), elaborated from the sociological method of dialogical analysis of language proposed by Volóchinov (2018 [1929]). Some elements of the two dimensions were evidenced by the texts-statements themselves, without trying to exhaust them. According to our analysis, the students showed discursive engagement, which resulted in their responsive position that they started to write considering the interlocutor of their news and shaping the discourse as a result of it and the time frame in which they were produced. When writing, they mobilized the dimensions of gender, and the actions of these interacting subjects were reflected in the linguistic and extralinguistic aspects of the texts-statements part of our corpus. The reflections made us able to confirm that writing for a real speaker motivates students to engage discursively. We concluded that the classes, taken as unique events, encouraged the subjects of our research to say something, to dialogue with their surroundins and, knowing the dimensions of the news report genre made it possible for them to mobilize the language according to their communicative intention, making their speech willingness concrete. These points lead us to believe that this research dialogues with researches that address the teaching of the Portuguese language based on the dialogical conception of language, the written textual production in the classroom from the discursive genre contemplating its dimensions and may contribute to future researches.

Keywords: dialogism; teaching written textual production; news; speech constitution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Exemplo de publicação na *fanpage* do colégio e no jornal impresso 55
Figura 2 – Versão inicial da notícia *"Tensão" nas finais de tênis de mesa no Guilherme de Almeida* 70
Figura 3 – Planejamento da notícia no caderno de um dos alunos 73
Figura 4 – Pesquisa sobre aprovação/desaprovação do projeto 74
Figura 5 – Cartaz virtual da escola de futebol sobre a vinda de Edinho a Loanda 76
Figura 6 – Versão inicial da notícia *Alunos organizam treinos de tênis de mesa (pingue pongue) no COLEGA*.....79
Figura 7 – Algumas questões planejadas pelas alunas para a "entrevista-palestra"..... 84
Figura 8 – Versão inicial da notícia *Conversa sobre Outubro Rosa movimenta COLEGA* ...…….....86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Linguagem jornalística…….. .....…35
Quadro 2 – Síntese da aplicação do procedimento didático pedagógico 56
Quadro 3 – Notícia *Interclasse esportivo no Colégio Guilherme de Almeida* 67
Quadro 4 – Notícia *"Tensão" nas finais de tênis de mesa no Guilherme de Almeida* 69
Quadro 5 – Notícia *Projeto "celular off" é implantado no Guilherme de Almeida* ..….....73
Quadro 6 – Notícia *Edinho esteve em Loanda observando alunos de futsal e futebol* 76
Quadro 7 – Notícia *Alunos organizam treinos de tênis de mesa (pingue pongue) no COLEGA* 78
Quadro 8 – Notícia *Conversa sobre Outubro Rosa movimenta COLEGA* .....….....83
Quadro 9 – Notícia *Alunos do Guilherme de Almeida participam de pesquisa de mestrado* ..88
Quadro 10 – Notícia *Prova SAEB é aplicada no COLEGA* 90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

1 DIALOGISMO E ESCRITA 21

1.1 Concepção dialógica da linguagem: responsividade, valoração e enunciado.....21

1.2 Os gêneros do discurso 27

1.3 Gênero discursivo notícia: características e funcionalidade 32

1.4 A escrita em sala de aula 37

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS 41

2.1 Contexto da pesquisa: escola em que os dados foram gerados e os participantes da pesquisa……..41

2.2 Natureza e tipo da pesquisa .....… .43

2.3 A pesquisa nas ciências humanas e o método sociológico 44

2.4 Procedimento didático-pedagógico: embasamento e etapas 49

2.5 Síntese dos encontros com os alunos 54

2.6 Corpus e procedimentos de análise 57

3 MOVIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DO DIZER DOS ALUNOS DURANTE A PRODUÇÃO ESCRITA DE NOTÍCIAS……. 59

3.1 Reflexões sobre a aplicação do procedimento didático e suas possíveis implicações nos textos-enunciados dos alunos 60

3.2 Análise das notícias produzidas 66

CONSIDERAÇÕES FINAIS 91

REFERÊNCIAS 94

INTRODUÇÃO

Ancorada no referencial teórico da concepção dialógica da linguagem, nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011[1952-1953], VOLOCHÍNOV, 2013[1928][1930], 2018[1929]) e em pesquisadores nacionais, no que se refere à prática da escrita de natureza dialógica, esta pesquisa, de natureza aplicada e viés interpretativista, investigou a resposta de alunos de 6º ano da rede pública a uma proposta de produção de textos, com base no gênero discursivo notícia, lançada em sala de aula, por meio do desenvolvimento de um procedimento didático-pedagógico que previa momentos de leitura e de escrita agenciando o referido gênero.

O tema da nossa pesquisa, o ensino da produção textual escrita de base dialógica, advém de inquietações vivenciadas durante a minha prática pedagógica. Como professora de Educação Básica na rede pública há 16 anos, diversas vezes me deparei com capítulos em livros didáticos que propunham o estudo do gênero, mas desconsideravam suas dimensões sociais e verbais, inclusive reduzindo o conceito de gênero à sua estrutura, o que já fora citado por Polato e Franco de Oliveira (2016) como sendo um dos problemas evidentes quanto ao ensino dos gêneros na escola

> o gênero é, muitas vezes, o simulacro para a efetivação de uma prática ainda tradicional que não visa à compreensão da linguagem em seu real funcionamento nas interações verbais concretas, e que, consequentemente acaba por não capacitar o aluno a ler, falar e escrever melhor nas práticas sociais de suas vivências (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.95).

Quanto mais eu lia e lecionava, mais eu ansiava compreender como promover em sala de aula uma prática pedagógica condizente com a concepção dialógica de linguagem, uma linguagem viva, a serviço do usuário da língua. Buscava compreender a proposta de produção textual com gêneros além de sua estrutura composicional, contemplando suas dimensões, seu uso real, pois

> quanto melhor dominamos os gêneros [discursivos] tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2003 [1952-53], p. 285).

Como professora de escola pública, eu desejava compreender de que modo poderia provocar os alunos a se constituírem cada vez mais sujeitos do dizer em aulas de produção textual e, quem sabe, cada vez mais sujeitos do dizer em suas vidas, de que maneira despertar, ou reforçar, nos alunos a consciência do ato responsivo, tanto no sentido de resposta quanto no de responsabilidade pelas palavras lançadas. Afinal,

> O que de mais específico nós, humanos, produzimos, nas nossas relações são textos. Produzir um texto é se colocar com seus valores, com seus olhares, nas relações; é passar ao outro nossa resposta; é dar nosso passo responsável. Produzir um texto é aceitar habitar a palavra que veio do outro, colocando, ao lado da palavra outra, a nossa palavra (MOURA, MIOTELLO, 2016, p.138).

A escola constitui-se como um espaço que pode contribuir com a transformação das pessoas, contribuir para que os sujeitos não se tornem alienados, ou até mesmo que saiam dessa condição, que tenham voz, que saibam discernir entre o "achismo" e a ciência, que saibam analisar os discursos que os circundam, principalmente os dos políticos e governantes, que saibam seus deveres e façam valer os seus direitos. Defendo a importância do papel da escola pública que atende a muitos alunos cuja única chance para reivindicarem seus direitos e igualdade será pelo conhecimento adquirido, cujo único local de acesso ao conhecimento historicamente acumulado será a escola, cujo único tempo-espaço para aprender a "trabalhar" seu projeto discursivo serão as aulas que ensinam a linguagem.

No entanto, conforme Acosta-Pereira (2014), apesar de diversas pesquisas atuais no campo da Linguística Aplicada voltarem-se ao ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica sob viés enunciativo-discursivo, algumas delas revisitando e reacentuando discussões datadas da década de 1980 e 1990[1], "na escola, na maioria das vezes, o ensino e a aprendizagem da linguagem parecem estar ainda (embora passados cerca de 30 anos) assentados sob a ótica imanente, desvinculados dos usos sociais da língua" (s/p).

Alves Filho (2011, p.74), ao discorrer sobre equívocos comuns do ensino de gêneros, defende que para uma prática pedagógica promover mudanças relevantes é fundamental que o docente tenha clareza sobre o planejamento de um ensino da linguagem pautado na noção de gêneros, pois, mesmo que sejam apresentados aos alunos vários gêneros, não haverá mudanças efetivas se eles "forem abordados apenas do ponto de vista formal (descrevendo

[1]Acosta-Pereira cita os estudos de Brito (1997) e Geraldi (1985[1984]; 1997[1991]).

seus elementos composicionais), conteudístico (apenas enfocando as informações contidas nos textos) ou classificatório (meramente agrupando textos sob um mesmo rótulo)".

O ingresso no mestrado possibilitou-me debruçar sobre minhas dúvidas, inquietações e observações a partir de um novo ponto de vista, o de pesquisadora, e então, nossa pesquisa propôs estudar e analisar uma prática de escrita em sala de aula no ensino fundamental considerando as dimensões de um gênero discursivo. Para tanto, passamos pelas etapas de levantamento bibliográfico acerca da concepção dialógica de linguagem, da escrita em sala de aula sob esse viés, de planejamento de um procedimento didático-pedagógico, da aplicação desse procedimento, seleção do corpus e, por fim, análise dos textos-enunciados produzidos pelos alunos.

Ao planejar nosso procedimento didático-pedagógico, decidimos realizar a geração de dados com alunos de 6º ano[2] e selecionamos a notícia como gênero discursivo a ser mobilizado para a produção escrita por ser um gênero discursivo de grande representatividade na sociedade, comum aos alunos, de fácil acesso e que possibilita ao aluno escolher um fato do seu entorno, direcionar-se em relação a ele e se colocar como sujeito produtor de texto. Além disso, a notícia é um dos gêneros previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 6º ano.

> Aprofunda-se, nessa etapa [anos finais do ensino fundamental], o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública. [...] Para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, comentar, redistribuir, publicar notícias, curar etc. e tematizadas questões polêmicas envolvendo as dinâmicas das redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalística-midiática (BRASIL, 2018, p.136)

Para iniciarmos o planejamento dos encontros com os alunos, fizemos um levantamento bibliográfico sobre pesquisas em Linguística Aplicada, de caráter dialógico, que abordavam o gênero discursivo notícia e destacamos duas dissertações, dois capítulos de livro e um artigo científico. Acosta-Pereira (2008) apresenta em sua dissertação[3] uma análise descritivo-interpretativa do gênero jornalístico notícia da mídia impressa, baseado no método sociológico de análise dialógica da linguagem proposto por Bakhtin (2006)[4], e na proposta de Rodrigues (2001) de análise do gênero a partir de suas dimensões social e verbo-visual. Uma

[2] No capítulo metodológico justificamos a escolha pelo 6º ano.
[3]"O gênero jornalístico notícia – dialogismo e valoração", Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de concentração de Lingüística Aplicada.
[4] Citamos a referência do método sociológico tal qual consta na dissertação em questão.

de suas conclusões é a de que o trabalho poderia "suscitar novas pesquisas, tais como: [...] (d) um estudo aplicado sobre a didatização do gênero jornalístico notícia, entre outras possibilidades de investigações em [...] Lingüística Aplicada" (p.218).

Em capítulo de livro[5], Polato e Franco de Oliveira (2016) expõem um percurso dialógico de produção textual escrita de gêneros jornalísticos desenvolvidos com graduandos de Letras, passando pelas etapas de planejamento, execução, revisão e reescrita do texto, confirmando que assumir o papel de locutor e vivenciar o processo de escrita "ainda na formação inicial, é fundamental às futuras práticas docentes" (p.139). No mesmo livro, Ohuschi (2016) aborda a didatização do gênero notícia, sob o foco da responsividade de docentes de Ensino Médio nesse processo[6], descrevendo e analisando a elaboração de uma proposta pedagógica em contexto de formação continuada. O resultado permitiu à pesquisadora concluir que possivelmente o embasamento teórico-metodológico propiciado nos encontros anteriores à elaboração das atividades "contribuiu para a ressignificação dos saberes profissionais das professoras" (p.280).

Sarmento e Bessa (2020), em artigo científico, analisaram uma proposta de trabalho com o gênero discursivo notícia, em aula de Língua Portuguesa, postada no Portal do professor, e verificaram que o plano de aula não explorava de forma adequada o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional enquanto partes constituintes do gênero, pois, além de ficar na superficialidade, ainda fragmentava essas partes.

Acreditamos que a nossa investigação faz parte de uma rede dialógica de pesquisas em Linguística Aplicada, que de uma forma ou outra, abordam o gênero notícia em sala de aula. Considerando que o trabalho de Acosta-Pereira (2008) propõe uma metodologia de análise que pode auxiliar o professor cuja intenção seja levar esse gênero para a sala de aula; que Polato e Franco de Oliveira (2016) lidam com a produção escrita de futuros professores; que Ohuschi (2016) trata do planejamento didático de professores em atuação; e que Sarmento e Bessa (2020) analisam uma sugestão de proposta de aula, julgamos que a originalidade de nossa pesquisa não está no que ela propõe, já que outras pesquisas também enfocaram esse tema, mas, sim, em seu contexto, na situação de interação, alunos de um 6º ano em uma situação irrepetível, assim como o enunciado. "Parece redundante, mas é fato: a Linguística Aplicada (LA) ainda não pode economizar em trabalhos apontando para as dificuldades

[5]PERFEITO, A.; RITTER, L.; KRAEMER, M. (Orgs). Gêneros discursivos: possibilidades e reflexões de abordagens pedagógicas em práticas linguageiras. São Carlos: Pedro e João, 2016.
[6] O processo envolveu a pesquisadora e três professoras de uma mesma escola

quanto à tomada dos gêneros como objetos semiotizados de ensino e aprendizagem na escola" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.95).

Nosso objetivo geral foi investigar de que maneira, partindo da incursão em um procedimento didático pedagógico que mobilizou o gênero discursivo dentro da perspectiva dialógica da linguagem, os alunos de 6º ano de uma escola pública responderiam à proposta de produzir notícias. Especificamente, analisamos i) se, à medida que fossem conhecendo as dimensões da notícia, os alunos desejariam "tomar a palavra" respondendo a situações próximas à sua realidade, dialogando por meio de notícias de fatos do seu entorno; ii) se os alunos contemplariam as dimensões da notícia ao produzir textos mobilizando esse gênero discursivo.

Para responder às nossas asserções[7], elaboramos e aplicamos um procedimento didático-pedagógico, o qual denominamos "Linhas e entrelinhas da notícia", em um colégio estadual situado em bairro central de uma cidade interiorana do extremo noroeste paranaense. Participaram da pesquisa 11 (onze) alunos de 6º ano, com idades entre 11 e 12 anos.

Em consonância com nosso aporte teórico, para os momentos em sala de aula, também nos baseamos na concepção da escrita como trabalho. Antes de solicitar a produção de notícias, foram realizadas atividades que possibilitassem ao aluno escrever, pois, nessa concepção, em que a escrita é tomada como um processo contínuo de ensino e aprendizagem, com reais necessidades para o aluno escrever, "as atividades prévias são essenciais como pontos de partida para desencadear uma proposta de escrita a partir da interação" (Menegassi, 2013, p.109). Uma vez que o texto é o ponto de partida e de chegada para novas produções, também se constitui como lugar de interação aos participantes envolvidos nesse processo, assim, estando "o professor, o aluno e o próprio texto em construção" (idem).

Durante os momentos de leitura, em meio aos estudos e discussões, apontamos aos alunos as dimensões verbais e sociais da notícia[8]; para os momentos de escrita, retomando essas dimensões, assumimos a postura de coprodutor do aluno e contemplamos as seguintes etapas entre o texto inicial e o texto final do aluno: planejamento, execução, revisão, reescrita, avaliação e publicação[9].

Esta dissertação, que para nós configura-se como um diálogo sobre o ensino da produção textual escrita, ficou dividida em três capítulos. No primeiro, apresentamos a

[7]Conforme Bortoni-Ricardo (2019[2008], p.53), "na pesquisa qualitativa, não se levantam hipóteses como na pesquisa quantitativa, mas é aconselhável elaborar asserções que correspondam aos objetivos. A asserção é um enunciado afirmativo no qual o pesquisador antecipa os desvelamentos que a pesquisa poderá trazer".
[8] Os momentos de leitura serão retomados no capítulo metodológico.
[9] Essas etapas serão descritas na seção "A escrita em sala de aula".

concepção dialógica da linguagem, ancorada em obras do Círculo e alguns estudiosos brasileiros, revisitando os conceitos que serviram de base para nossa prática pedagógica e análise dos dados: responsividade, enunciado, valoração e gêneros discursivos. Também abordamos as dimensões visuais e extraverbais da notícia baseando-nos em estudos de Faria e Zanchetta (2007), Santana (2012), Polato e Franco de Oliveira (2016), Romualdo e Santana (2017).

A explanação da metodologia de nossa pesquisa se dá no segundo capítulo, com o detalhamento do processo de geração de dados, descrição do contexto da escola, dos sujeitos participantes, das etapas previstas no procedimento didático-pedagógico, uma síntese dos encontros com os alunos, a seleção dos dados e critérios de análise.

No terceiro capítulo apresentamos as análises qualitativas de viés interpretativista das notícias escritas pelos alunos durante a aplicação do procedimento didático pedagógico, começando por reflexões sobre a aplicação desse procedimento e suas possíveis implicações nos textos-enunciados dos alunos, passando à análise de cada notícia produzida considerando aspectos verbais e extraverbais.

As conclusões foram inferidas no decorrer da pesquisa, durante os encontros com os alunos e no final da pesquisa, ao analisar as notícias produzidas. A possibilidade de trabalho com gênero discursivo em sala de aula apresentada nesta dissertação aponta para a necessidade de deslocar o aluno da sala de aula em algumas situações de escrita, para a importância de pensar em projetos de produção de escrita na educação básica e do engajamento da gestão.

1 DIALOGISMO E ESCRITA

Neste capítulo refletimos sobre a concepção dialógica da linguagem, destacando os conceitos de enunciado, responsividade, valoração e gênero discursivo. Também abordamos as dimensões da notícia, gênero mobilizado para nossa incursão em sala de aula e o ensino da produção textual escrita. Essas conceituações fundamentam as análises dos textos-enunciados produzidos pelos alunos.

Para o dialogismo, a base da instauração dos sentidos são as relações entre os sujeitos. Por isso, o Círculo aborda ao mesmo tempo a individualidade, a unicidade do ser e o sujeito em suas relações com outros sujeitos, ou seja, um sujeito singular de ponta a ponta e social de ponta a ponta; social no que concerne à lógica da consciência, que é externa a ela, e individual porque a resposta do sujeito, a maneira como cada consciência responde às situações, é única (FARACO, 2009, p.87).

1.1. Concepção dialógica da linguagem: responsividade, valoração, enunciado

Comum à humanidade, cada momento sócio-histórico é marcado por uma percepção do mundo que cerca o homem, bem como a percepção da linguagem e de sujeito. Alicerçados em abordagens filosóficas da linguagem e das artes, o Círculo de Bakhtin[10] contrapunha os estudos linguísticos russos tradicionais e lançava novas indagações e interesses linguísticos que evidenciavam três elementos principais: o agir do sujeito falante, o psiquismo e as relações sociais.

> Há, portanto, por volta de 1925/1926, uma confluência do Círculo para a temática da linguagem. Nela se casarão as preocupações nucleares de Bakhtin (a temática axiológica, a questão do evento único do Ser e a relação ***eu/outro***), interesse acadêmico de Voloshinov (que se dedicava, nessa época,

[10]Um grupo de talentosos intelectuais russos, reunidos pela confluência de interesses filosóficos e estéticos, que, de 1919 a 1929, se encontravam com regularidade para debater filosofia e, gradativamente, a linguagem. De um viés teórico-filosófico, abordagens filosóficas da linguagem e das artes, surgiu a Concepção dialógica da linguagem. O grupo não tinha autodenominação, apenas posteriormente os estudiosos de suas obras o "batizaram" como "Círculo de Bakhtin" e, recentemente, há outras denominações, como a utilizada por Bénédicte Vaudier, em 2007, "Círculo B.M.V", referindo-se aos três membros de maior relevância para a área da Linguagem: Bakhtin, Medviédev e Volóchinov. Mikhail M. Bakhtin, filósofo e pensador, atuou como professor, foi preso em 1929, condenado ao exílio, retornando à docência após a Segunda Guerra Mundial, faleceu em 1975, aos 80 anos. Pavel N. Medviédev, crítico literário, atuou como educador e gestor na área da cultura, faleceu nos anos 1940 devido aos expurgos políticos da URSS, de forma violenta, seu arquivo pessoal (manuscritos não publicados e a vasta correspondência) foi confiscado e destruído (MEDVIÉDEV; MEDVIÉDEVA, 2014, p.29). Valentin N. Volóchinov, linguista, trabalhou como professor, cursou doutorado e faleceu prematuramente (1895-1936) vítima de tuberculose, após sua morte, seu nome e obras ficaram fora de evidência até o ano de 1970, quando foram associados à obra de Mikhail Bakhtin (GRILLO; VÓLKOVA, 2017, p.267).

> a estudos linguísticos[11]) e o projeto deste e de Medvedev de elaborar um método sociológico para os estudos da linguagem, da literatura e das manifestações da chamada cultura imaterial como um todo (FARACO, 2009, p.30, grifos do autor).

Contrariando o subjetivismo idealista, que percebia a língua como um produto acabado, um sistema estável, e o objetivismo abstrato, que se limitava ao estudo do funcionamento interno da língua, separando o homem do seu contexto social, para os integrantes do Círculo a língua é uma construção contínua[12], um produto inacabado, cuja realidade fundamental são as interações sociais.

> a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014[1929], p.127, grifos do autor)[13].

Para Volóchinov (2013[1930], p.139) "se o homem tivesse levado uma existência isolada, não só não teria tido necessidade de criar uma linguagem, como não teria criado qualquer cultura em geral". Com essa nova afirmação: a língua se **constitui** e é definida a partir das **interações sociais**, compreende-se que os estudos do Círculo de Bakhtin revolucionaram os estudos linguísticos. A subjetividade deixa de ser vista apenas em termos psicológicos, e passa a ser entendida em termos psíquicos, sociais e históricos, assim, há um sujeito falante, dotado de psiquismo, que age por meio de um sistema linguístico vivo, inserido em dois sistemas dinâmicos: a sociedade e a história. Portanto, as ações desse sujeito acontecem em determinadas relações sociais das quais ele participa (SOBRAL, 2009, p.23, 32).

De acordo com Bakhtin (2011[1952-1953], p.274), o discurso só existe nas "enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso", tendo como a "*real unidade* da comunicação discursiva" o enunciado, consequentemente, este filósofo considerava insuficiente a abordagem da linguística que estudava as unidades da língua como algo puramente verbal, desvinculado das dimensões axiológicas (FARACO, 2009, p.25). Para

[11]Em 1925, Volóchinov ingressa na condição de pesquisador colaborador no ILIAZV (Instituto da História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente, que em 1930 passou a se chamar Instituto Estatal da Cultura Linguística); em 1927 é aceito como doutorando com tema de pesquisa sobre a transmissão da palavra do outro em obras literárias (GRILLO e VÓLKOVA, 2017).

[12]Um processo constante de interconstituição entre a estabilidade e a mudança, um sistema dinâmico, no qual os elementos estáveis, que se repetem, coexistem com elementos instáveis que acabam alterando os primeiros resultando em um novo sistema.

[13]Manteremos a autoria tal qual está na edição.

os integrantes do Círculo, o contexto das interlocuções é parte constitutiva dos discursos proferidos, pois, como os acontecimentos discursivos se dão dentro de um contexto social mais amplo, as relações externas da língua são determinantes para os enunciados dos falantes.

Tomando o social como peça-chave na concepção da linguagem, uma vez que "*o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo*" (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.216, grifos do autor), a concepção dialógica de linguagem desloca o conceito de diálogo do plano da língua e o elabora no plano do discurso, o que significa importar não apenas o diálogo[14] em si, mas também o que ocorre nele, as complexas relações dialógicas, as quais são possíveis apenas entre enunciados integrais de distintos sujeitos do discurso, não podendo ser tomadas como relações meramente lógicas nem linguísticas (BAKHTIN, 2015[1959-1961], p.323).

As relações dialógicas ancoram-se no conceito de alteridade, noção derivada da filosofia em que o "eu" não pode tomar consciência do "ser eu" a não ser porque existe um "não eu" que é o outro, que é diferente, ou seja, o "eu" só é constituído como ser a partir de um "tu". Assim, o outro (ouvinte, leitor, interlocutor) é o horizonte social avaliativo que interage na constituição da subjetividade do sujeito.

> A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor, encontra-se aqui o princípio fundador da linguagem: o caráter dialógico que se constitui pela interação entre interlocutores. Nesse processo de interlocução, os sujeitos vão se constituindo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p 117).

Assim como não há uma língua pronta, também não há um sujeito pronto que dela se apropria, mas sim, um sujeito que vai se constituindo na medida em que interage com o mundo e com os demais. Como resultado desse processo, temos a sua consciência e seu conhecimento de mundo. Para Geraldi (2015[2010], p.36), "trata-se sempre de sujeitos se completando e se construindo em suas falas e nas falas dos outros", sujeitos interagindo verbalmente, falando para e com os outros, por meio de linguagem, que é social, sua e dos outros, "a linguagem é uma produção social, com uma presença individual nessa produção social" (FREIRE, 2018).

Para Volóchinov (2013[1925], p.30), passamos por dois nascimentos, o biológico e o social[15], o primeiro nos traz à vida e o segundo nos inclui na história. A relação eu-outro,

---

[14]O diálogo citado nas obras do Círculo possui um significado muito mais amplo e complexo do que o vocábulo diálogo empregado como o desenrolar de uma conversação face a face ou o encadeamento de falas das personagens no texto dramático, ele relaciona-se à ideia de diálogo da comunicação discursiva, concretizado nas relações dialógicas que, por serem extralinguísticas, não podem ser separadas do campo do discurso.

[15]O documentário *Babies,* dirigido por Thomas Balmès e lançado em 2010, exemplifica bem esse duplo nascimento ao registrar pelo período de um ano (do parto até os 12 meses) o desenvolvimento de quatro bebês de

tanto com as pessoas que nos rodeiam quanto com as que nos antecederam, promove o nosso nascimento social e nos situa em um mundo de signos e valores. Consequentemente, nas interações, nos dirigimos ao outro com nossos valores, frustrações, alegria, ou seja, com nossa vida, e o outro também se dirige a nós com sua vida. "Não se nasce organismo biológico abstrato, mas campesino ou aristocrata, proletário ou burguês [...] e só com este nascimento social começa a ideologia[16]" (VOLOCHÍNOV, 2013[1925], p.30), a qual "atravessa" os enunciados dos falantes.

O Círculo defende que todos os enunciados são ideológicos em dois sentidos: primeiro porque emergem de uma esfera ideológica, um contexto cultural repleto de valores e significados; segundo porque, sendo um ato responsivo, expressam um posicionamento social valorativo neste contexto, e essas avaliações expressas vão além do que está no âmbito estritamente verbal desses enunciados, abarcando sua situação extraverbal (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014[1929], p.36).

Nossas avaliações referem-se a um todo em que o discurso verbal entra em contato com um evento na vida e se funde com este evento, tornando-se uma "unidade indissolúvel", por isso, "a palavra tomada isoladamente, como fenômeno puramente linguístico, não pode ser verdadeira, nem falsa, nem atrevida, nem tímida" (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p.77).

> Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana* (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.181, grifo do autor).

A significação das palavras não estão nelas por si só, mas em tudo o que envolve o plano do discurso, pois somos rodeados por ideologia, e é a partir dela que a gente pensa, escolhe um lado e se posiciona, e o lado que a gente escolhe dependerá de nossa história, nossa constituição enquanto sujeitos, as esferas ideológicas que nos atravessaram e atravessam. A valoração dada às palavras pelo sujeito que fala/escreve ou ouve/lê dependerá do grupo social ao qual ele pertence, suas vivências, ou seja, ao extralinguístico.

---

culturas e lugares muito distintos (Aldeia da Namíbia, estepes da Mongólia, Tóquio e São Francisco). Mesmo sem narrações verbais, o vídeo deixa nítida a maneira como o relacionamento com o outro (no caso, os familiares) constitui a criança, apesar de todos os bebês nasceram biologicamente "iguais", constituem-se sujeitos bem diferentes devido ao seu contexto social.

[16]Para concepção bakhtiniana, o termo ideologia refere-se ao universo que engloba a ciência, filosofia, religião, política, o direito, arte, etc. A ideologia é entendida como social, construída em todas as esferas das interações, enfim, um universo intimamente relacionado às atividades humanas.

> [...] aquilo que está rodeando meu grupo social é aquilo que me permite pensar, eu não consigo pensar fora daquele grupo social, essa é que é a verdade. Eu estou ali dentro, eu sou um prisioneiro daquele grupo social, é ali que os meus sentidos são constituídos (MIOTELLO, 2018, p.49)

A maneira como cada sujeito interpreta o mundo é individual, de acordo com seu lugar único no mundo, de suas experiências únicas, seu modo de ver o mundo que é único, partindo de seus valores e de sua constituição que é resultado de um entrecruzamento de discursos lidos/ouvidos em momentos e tempos únicos para cada sujeito. No entanto, apesar de reagir de forma singular à palavra alheia, não há como dissociar a atribuição de sentidos do aspecto social, pois o sujeito se situa em um tempo e lugar específicos e as condições sócio-históricas influenciam diretamente a maneira de interpretar as situações.

Volochinov (2013[1926], p.77), pautando-se no conhecimento de que a palavra não está centrada em si mesma, mas sim, está vinculada à situação extraverbal da vida, de onde ela surge, defende que as valorações, independentemente de seu critério (ético, político, cognitivo), vão além da dimensão verbal da enunciação, pois abordam a palavra juntamente com a sua situação extraverbal, ou seja, abarcam a totalidade da enunciação.

No entanto, a palavra não reflete a situação extraverbal tal qual um espelho reflete um objeto. Ela proporciona "uma espécie de resumo valorativo" (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p.79, grifos do autor) aos participantes de uma enunciação, os quais relacionam-se como "co-partícipes, que igualmente conhecem, entendem e avaliam essa situação" (idem, p.79). A parte subentendida da enunciação relaciona-se ao socialmente objetivo, uma vez que "somente aquilo que nós, os falantes, sabemos, vemos, amamos e reconhecemos, no que estamos ligados, pode chegar a ser a parte subentendida de uma enunciação" (idem, p.80). Logo, o social gera a comunidade das valorações[17], assim, as valorações subentendidas aparecem não como emoções individuais, mas como "atos socialmente necessários e consequentes" (idem, p.80). As valorações determinam a escolha das palavras pelo falante/autor, que considera o tempo todo a aprovação/reprovação, concordância/discordância do ouvinte/leitor, bem como também determinam a percepção dessas palavras pelo ouvinte (idem, p.88).

Como bem definiu Faraco (2009, p.87), o Círculo aborda ao mesmo tempo a individualidade, a unicidade do ser e o sujeito em suas relações com outros sujeitos, ou seja, um sujeito singular de ponta a ponta e social de ponta a ponta; individual porque a resposta do sujeito é única, social no que concerne à lógica da consciência, que é externa a ela.

---

[17]O pertencimento dos falantes a uma mesma profissão, classe social, família, movimento, a um mesmo contexto histórico.

Para Bakhtin (2011[1952-53], p.271) toda compreensão de enunciados vivos é ativamente responsiva, sendo que algumas respostas acontecem em seguida em voz alta, outras na realização do pedido/ação, ou silenciosamente, porém presente em discursos subsequentes, porque "toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante".

> [...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição-responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2011[1952-53], p.271).

Para o filósofo russo, a compreensão é o início do planejamento de uma resposta. Sou eu e sou o outro do outro, ou seja, sou falante e sou respondente ao mesmo tempo. Os enunciados são elos numa cadeia ininterrupta de "respostas", em que nenhum falante é o primeiro a romper o "eterno silêncio do universo", todo sujeito ao falar está respondendo a outros enunciados.

Todo enunciado tem como princípio os enunciados de outros e solicita os enunciados responsivos de outros, ou seja, todo enunciado pressupõe os que o antecederam e os que o sucederão, dessa forma, enquanto evento (acontecimento) o enunciado é acabado, mas enquanto histórico, não há acabamento, pois "não pode haver enunciado isolado [...] nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado" (BAKHTIN, 2011[1970-71], p.371).

Nessa cadeia em que sou eu e sou o outro do outro, ou seja, sou falante e sou respondente ao mesmo tempo, a delimitação do enunciado se dá, justamente, na alternância dos sujeitos do discurso, que ora fala, ora termina seu enunciado passando a palavra. O enunciado "atual", ao mesmo tempo em que é resposta a enunciados anteriores, é construído considerando as possíveis futuras atitudes responsivas do outro, por isso o outro tem papel fundamental na construção do enunciado

.

> Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento* a alguém, o seu *endereçamento*. À diferença das unidades significativas da língua - palavras e orações -, que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor [...] e destinatário (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p.301, grifos do autor).

Para Bakhtin (2011[1952-1953], p.283), “aprender a falar significa aprender a construir enunciados” pois ninguém fala por palavras ou orações isoladas, mas por meio de enunciados, ninguém diz qualquer coisa, de qualquer jeito e para qualquer pessoa, mas, inserido em um determinado espaço e tempo, a partir da imagem que tem do outro, seu destinatário, o falante escolhe como dirá o que pretende dizer.

> Toda palavra comporta **duas faces**. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede **de** alguém, como pelo fato de que se dirige **para** alguém. Ela constitui justamente **o produto da interação do locutor e do ouvinte.** Toda palavra serve de expressão a **um** em relação ao **outro**. Através da palavra, desse nome em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014[1929], p 117, grifos do autor).

A forma e significado do enunciado são “determinados basicamente pela forma e caráter” da interação social entre os participantes da enunciação (VOLOCHÍNOV, 2013[1926]). Para a consciência linguística do falante e do ouvinte, a linguagem não é um sistema de normas, mas um conjunto de diferentes possibilidades de utilização conforme o contexto. As formas linguísticas surgem para o falante em determinado contexto de enunciação e, consequentemente, em um contexto ideológico específico (VOLOCHÍNOV, 2013[1928], p.115).

As especificidades e finalidades de cada campo da atividade humana determinam a indissolúvel tríade do enunciado: conteúdo temático, estilo e construção composicional, assim, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p. 262, grifos do autor), logo, não existe enunciado fora de um gênero.

O falante, inserido em uma determinada prática social, em determinado campo do discurso, lança mão de um dos gêneros que circulam nesse campo para poder dizer e, então, adapta sua intenção discursiva às características do gênero escolhido, “nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras” (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p.283).

1.2. Os gêneros do discurso

Para Bakhtin (2011[1952-1953] p.282, grifos do autor), a todo momento falamos “através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem

formas relativamente estáveis e típicas de *construção do todo* [...]". Mesmo em momentos descontraídos, como as conversas do dia a dia, nosso discurso é moldado por determinadas formas de gêneros que são assimilados por nós em meio a situações concretas de enunciação. Para concretizar sua vontade discursiva, o falante escolhe, dentre determinado repertório, um gênero discursivo e, depois, "com toda sua individualidade e subjetividade", aplica e adapta sua vontade a esse. "A intenção discursiva constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero" (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p.282).

Por perpassar todos os campos da atividade humana, refletindo suas especificidades e finalidades, o uso da linguagem assume formas e caráter tão multiformes quanto essas atividades , de modo que, quando um determinado campo se desenvolve e se complexifica, o repertório de gêneros desse campo se amplia e se diferencia, assim, tal qual a infinitude das possibilidades de atividades humanas, também são infinitas a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p.262).

Ao falar sobre a heterogeneidade dos gêneros discursivos e a definição da natureza geral do enunciado, Bakhtin (2011[1952-1953], p.262) chama a atenção para a distinção entre os gêneros primários (simples) e os secundários (complexos), alertando que não se trata de uma diferença funcional, mas sim de uma diferença "extremamente grande e essencial". Os gêneros primários surgem em condições da comunicação discursiva direta, enquanto os secundários são formados em condições "de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado". Durante a formação dos gêneros secundários, diversos gêneros primários são incorporados e reelaborados e, nesse processo de integração, esses gêneros primários "se transformam e adquirem um caráter especial" (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p.266).

> A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia) (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p.266).

As regularidades temáticas, estilísticas e composicionais de cada campo da atividade humana constituem a relativa forma estável do gênero do discurso, determinando sua indissolúvel tríade: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional (BAKHTIN, 2011[1952-1953]). É importante que esses elementos não sejam tomados de maneira estanque, mas entrelaçados e sob a perspectiva do dialogismo.

Primeiramente, o enunciado se caracteriza por determinado conteúdo semântico, as "tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido"

(BAKHTIN, 2011[1952-1953]) determinará a seleção do gênero discursivo, as peculiaridades estilístico-composicionais do enunciado. Portanto, antes das escolhas de um gênero e das escolhas linguísticas, o sujeito do discurso precisa dar conta de determinado tema, essa é a sua tarefa maior.

O conteúdo temático é determinado pelas atividades humanas, surge no contexto da interlocução, ele contempla aspectos específicos ao sujeito que participa da enunciação, abrange suas intenções e conhecimentos, assim, "o conteúdo temático cumpriria o papel de orientador da comunicação discursiva, ele é o tópico que garantirá a ativação de conhecimentos sociais discursivamente construídos" (RIBEIRO, 2010, p.57).

Por expressar a situação histórica concreta em que o enunciado foi gerado, o tema, tal qual o enunciado, é individual e irrepetível, sendo definido pelas formas linguísticas que o constituem e pelos aspectos extraverbais da situação de interação. Dentro do tema há a significação do enunciado que corresponde aos aspectos do enunciado que são "*repetíveis e idênticos a si mesmos* em todas as ocorrências" (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.228, grifos do autor). Ao contrário do tema que é indivisível, "a significação se decompõe em uma série de significações em conformidade com os elementos linguísticos do enunciado", é o meio pelo qual o tema se realiza.

Tema e significação são interdependentes, precisam um do outro para se constituírem. Se por um lado a significação serve de base para a realização do tema, por outro, para entender a significação é necessário um tema ao qual ela esteja associada. A palavra por si, material linguístico, não carrega a significação em si, é apenas no enunciado que ela adquire um tema.

> A significação não está na palavra, nem na alma do falante, nem na alma do ouvinte. A significação é um efeito de interação entre o falante e o ouvinte no material de um dado conjunto sonoro. [...] Apenas a corrente da comunicação discursiva atribui à palavra a luz da sua significação (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.233).

A significação está no processo de compreensão ativa e responsiva e o tema só é acessível nessa compreensão dialógica em que o interlocutor se orienta para o enunciado alheio encontrando para ele um lugar no seu respectivo contexto e acrescenta a cada palavra desse enunciado compreendido uma "camada de nossas palavras responsivas" (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.232).

> O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição à formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. Evidentemente, é impossível traçar um limite absoluto e mecânico entre o tema e a significação. Não há tema sem significação, como não há significação sem tema (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.229, grifos do autor).

Para clarificar a diferenciação entre tema e significação, Volochinov (2018[1929]) nos dá o seguinte exemplo: o enunciado "Que horas são?" sempre que for proferido/escrito terá a mesma significação, mantendo sua forma sintática e morfológica, mas apresentará temas únicos enlaçados à situação concreta da interação (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.229), ou seja, terá um tema se for dito por um sujeito aguardando alguém chegar de viagem; terá outro se for proferido por alguém realizando uma prova de concurso; por alguém que acabou de acordar; por alguém que está em uma festa; etc.

O tema é "o sentido da totalidade do enunciado*"* (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.228), ele é realizado pelos elementos semânticos da língua, mas a transcende, pois, ao mesmo tempo que é inseparável dos elementos linguísticos é indissociável da situação comunicativa, "o que está orientado para o tema é o enunciado inteiro como atuação discursiva, a totalidade e suas formas, irredutíveis às formas linguísticas" (BRAIT; PISTORI, 2012, p.384). As palavras isoladas não pertencem a ninguém, mas no enunciado pertencem ao sujeito do discurso, estando a serviço do conteúdo temático (BAKHTIN, 2011[1952-1953]).

Atrelado à unidade temática do enunciado, à sua construção composicional, à relação entre o autor do enunciado e seu interlocutor, o estilo é um dos elementos do gênero discursivo e, aos diferentes gêneros, correspondem determinados estilos. Bakhtin (2011[1952-1953], p.265,266) aborda o elemento estilo sob dois pontos: o estilo individual, voltado para a individualidade do sujeito, e o estilo do gênero, voltado às práticas de linguagem.

Se o estilo do gênero é resultado "da convergência dos usos linguísticos, textuais e discursivos reiterados em um dado contexto enunciativo", o estilo individual resulta de escolhas singulares do sujeito enunciado na situação discursiva (RIBEIRO, 2010, p.59). Bakhtin (2011[1952-1953]) defende que todo enunciado, por ser individual, pode refletir o estilo do sujeito que fala ou escreve, apesar de existirem gêneros menos propícios a revelar o estilo individual (como documentos oficiais), e outros mais propícios (como os artístico-literários),

> na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artísticos-literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como

> objetivo seu mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar" (BAKHTIN, 2011[1952-53], p.265).

O estilo é consequência das escolhas individuais e das escolhas normatizadas pela coletividade, ou seja, ao mesmo tempo que o sujeito do discurso não age de maneira absoluta, também não é assujeitado. "A ação comunicativa se dá a partir da tensão das duas dimensões e, por conseguinte, é reveladora e geradora de aspectos da individualidade e da coletividade", logo, através da linguagem o sujeito social se expressa e se forma (RIBEIRO, 2010, p.59).

Volochínov (2013[1926], p.97) afirma que o poeta aprende a entonação das palavras no decorrer de sua vida, em meio às interações, e que essas entonações estão presentes no discurso interior, ou seja, o estilo de um poeta tem origem no estilo de seu discurso interno e este é fruto de sua vida social

> "O estilo é o homem"; e nós podemos dizer: o estilo são pelo menos, dois homens, ou mais exatamente, é o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante ativo - o ouvinte, que é o participante permanente do discurso interno e externo do homem (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p. 97).

O dialogismo é determinante para o delineamento do estilo, uma vez que o estilo é característico do homem singular, mas se constrói considerando o outro, um outro que é ouvinte, que participa do discurso, independentemente se este é externo ou interno.

O estilo também está relacionado à história da sociedade e da linguagem, pois as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão atreladas às mudanças dos gêneros do discurso, e a história dos gêneros discursivos refletem as transformações ocorridas na vida social (BAKHTIN, 2011[1952-53], p.267).

> Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero. Desse modo, tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011[1952-53], p.268).

Nossos enunciados apresentam "*formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo"* (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p. 282, grifos do autor). Para Ribeiro (2010, p.59), a construção composicional pode ser vista como "a logística do gênero", pois, partindo do projeto enunciativo, ao estruturar e relacionar os elementos constituintes, consegue garantir uma unidade ao gênero, ou seja, tem por função integrar, sustentar e ordenar as propriedades do gênero.

Sobral (2009, p.71) discorre sobre a distinção entre a forma composicional e a forma arquitetônica explicitando que a primeira se refere à materialidade do texto e a segunda à organização do discurso. A forma composicional, vinculada às estruturas textuais e formas da língua, é determinada pela forma arquitetônica, atrelada ao projeto enunciativo do autor que pode, inclusive, realizar-se de diferentes maneiras composicionais. Por outro lado, a forma arquitetônica não existe sem a forma composicional, visto que precisa de um material para moldar o conteúdo, portanto, a forma composicional e a forma arquitetônica estão indissociavelmente atreladas.

Conforme Brait e Pistori (2012, p.376, grifo das autoras), é necessário olhar o texto não pela sua forma externa, mas pelo seu plano, ou seja, sua forma arquitetônica, "aspecto que tem a ver, em termos do conjunto da proposta do pensamento bakhtiniano, com a relação **eu para o outro – o outro para mim**, presente nos textos, nos discursos, nos gêneros".

1.3. Gênero discursivo notícia: características e funcionalidade.

De acordo com o que já foi dito neste capítulo sobre a relação constitutiva entre os campos discursivos e os gêneros do discurso, faz-se necessário iniciarmos essa seção abordando o campo jornalístico, do qual emergem gêneros discursivos como a notícia, reportagem, artigo de opinião, entrevista, crônica, charge, editorial, etc. A partir dessa heterogeneidade discursiva, esse campo "enquadra [...] o discurso que vem de outros campos e, até mesmo, o discurso do mesmo campo, como resposta de concordância ou de discordância aos conteúdos veiculados por parceiros ou concorrentes" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.109).

Conforme esses autores, o campo jornalístico é um dos principais campos da atividade humana. Utilizando-se de linguagem clara, tem a função de informar sobre fatos reais e relevantes de todas as áreas de conhecimento, além de defender e expor aos leitores opiniões e pontos de vista.

Os profissionais desse campo precisam estar sempre atentos a fatos noticiáveis e ao que está sendo publicado na mídia concorrente. Ao escreverem, geralmente eles assumem uma posição axiológica correspondente ao campo e a cada um de seus gêneros, isto é, "os agentes do jornalismo, como autores, enunciam a partir de inúmeras demandas: as do próprio campo, as de outros campos, das vontades da empresa para qual trabalham", também respondem ao esperado pelos anunciantes e pelos interlocutores, o que faz com que atuem numa linha de tensão (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.109).

A esfera jornalística surgiu para atender à necessidade de divulgar informações de interesse público de maneira mais rápida e precisa (ROMUALDO; SANTANA, 2017, p.155). Acredita-se que no início essas informações eram "espalhadas" por transmissão oral, havendo mensageiros para assegurar a confiabilidade do conteúdo falado, o que garantia "aos líderes o controle de informações, pois os mensageiros só noticiavam o que seu líder ordenava e do jeito que ele mandava" (BARBOSA, 2001, p.27).

Na Idade Média, em alguns lugares existia um circuito oficial de notícias, em que, geralmente, as informações oficiais eram transmitidas à população por autoridades nobres. Também alguns membros da Igreja eram portadores de notícias oficiais. Com o aumento do número de pessoas alfabetizadas, a partir do século XIII, surgiu o *avvisi*, cópias manuscritas fixadas em muros, geralmente escritas a pedido de banqueiros e comerciantes. Posteriormente, no século XVI, passaram a circular como folhas volantes. Com o advento da imprensa, no século XV, e a circulação dos primeiros jornais[18], as pessoas passaram a ter mais acesso à informação num espaço menor de tempo.

Conforme Lage (2001, p.29), desde antigamente, a notícia é o modo corrente de transmissão da experiência, "a articulação simbólica que transporta a consciência do fato a quem não o presenciou". Até a Revolução Industrial, e suas consequências para o jornalismo, as notícias constituíam-se de relatos de fatos importantes para o comércio, os meios políticos, as manufaturas, porém, com a conquista do grande público, elas tornaram-se artigos de consumo, sujeitas a acabamento padronizado e moldadas conforme as técnicas de *marketing*.

Com a circulação de jornais impressos e a concorrência entre as empresas jornalísticas surgiu o sensacionalismo como estratégia para chamar a atenção da massa. Contrários a esse movimento, alguns profissionais da área "começaram a aplicar o espírito científico a seu trabalho, tomando cuidado para não incluir nas notícias mais do que os fatos indicavam", e passaram a adotar determinada maneira de concretizar seus propósitos enunciativos, o que deu início à busca pela imparcialidade.

> Esse acontecimento, sócio-historicamente situado, como podemos notar, começou a delinear o que seria considerado um dos traços mais marcantes do estilo da notícia na atualidade, o efeito de objetividade, aspecto que, por sua vez, está intimamente relacionado à finalidade da esfera em questão: transmitir ao interlocutor a informação isenta de juízo de valor para manter sua credibilidade perante o público (SANTANA, 2012, p.55)

[18]Conforme Barbosa (2001, p.29), "os primeiros jornais com edições periódicas regulares surgiram um século e meio após as criações de Gutenberg".

O tratamento temático da notícia delimita o que pode ser notícia: um fato novo, recente e relevante. O conceito de "novo" é objetivo, pode ser determinado pelo "quando" aconteceu, mas o conceito de relevante é extremamente abstrato, "um fato pode ser visto como importante por uma pessoa mas não por outra; pode ser muito interessante para dado grupo social e indiferente ao outro" (ALVES FILHO, 2011, p.91). Dessa forma, a seleção do fato a ser noticiado já revela a individualidade do autor do discurso e derruba a suposta "neutralidade", afinal, "um enunciado absolutamente neutro é impossível" (BAKHTIN, 2011[1952-1953], p.289).

De modo geral, a notícia se apresenta como fonte de informação aos leitores sobre acontecimentos considerados recentes e relevantes. No entanto, os gestos de leitura demonstram como ela pode promover crenças e valores de grupos sociais dominantes, fazer propaganda política e acabar até incentivando determinados comportamentos. A estrutura padronizada da notícia "pode levar os leitores a crer que as notícias são imparciais e objetivas, mesmo sabendo-se que isso nem sempre acontece" (ALVES FILHO, 2014, p. 98).

Conforme Polato e Franco de Oliveira (2016), considerando a composição arquitetônica, a notícia sempre se relaciona a outros textos presentes no jornal, assim, ao lê-la, recorre-se e recupera-se esses outros textos, ou seja, recorre-se ao extralinguístico, às relações dialógicas.

> Sua característica [da notícia] é a de ser aparentemente imparcial e, sob esse artífice, o jornal (eu) se dirige ao (outro) leitor, embora implicitamente, com o intuito de direcioná-lo a uma interpretação X, mas, explicitamente, com o intuito de mantê-lo informado. Só a notícia serve a isso e de forma tão peculiar (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.102).

Atendendo à finalidade desse gênero discursivo, "informar com precisão, clareza e objetividade", e às necessidades do leitor de jornal, que, não dispondo de muito tempo para leitura, precisa fazê-la com rapidez, selecionando aquilo que lhe interessa, bem como interrompendo a leitura antes de chegar ao final do texto sem deixar de entender o fato (ALVES FILHO, 2011, p.98), a construção composicional da notícia apresenta três elementos razoavelmente estáveis: título, lide, e o corpo (desenvolvimento).

Os títulos objetivam despertar o interesse do interlocutor para a leitura da notícia, antecipar o que será informado, iniciar o processo de compreensão criando no leitor expectativas a respeito do tema, compor o desenho estético do jornal e, junto com demais elementos, contribuir para "marcar a pertinência da matéria segundo quem a publica: quanto

mais importante a notícia, mais destacado será o seu título" (FARIA; ZANCHETTA, 2007, p.12).

No(s) primeiro(s) parágrafo(s) da notícia, o lide apresenta de forma sucinta os principais aspectos do fato, geralmente respondendo às perguntas básicas: quem - o que - quando - onde- como - por que, na intenção de "oferecer a maior gama de informações possível para que o leitor possa formar um quadro mínimo acerca do assunto e tomar ou não uma posição" (FARIA; ZANCHETTA, 2007, p.32).

As informações secundárias e os detalhes passíveis de exclusão, nessa ordem, aparecem no corpo da notícia. Temos em uma notícia a chamada pirâmide invertida em que as informações relevantes aparecem no início do texto e as menos importantes aparecem depois. Essa estrutura permite uma leitura rápida, bastando ler os primeiros parágrafos para se ter uma ideia geral dos fatos e "possibilita ao jornal decidir o tamanho da matéria na edição", de maneira a adequar ao espaço reservado na página (FARIA; ZANCHETTA, 2007, p.34).

Estando ligado à função da notícia, relatar de maneira objetiva, clara e precisa um fato de interesse público, temos no estilo desse gênero o uso de uma variedade linguística intermediária que, pretendendo ser acessível, segue o padrão culto da língua, mas dispensa, sempre que possível, os termos técnicos. Como consequência de mudanças históricas, na busca pela objetividade e neutralidade, evitam-se marcas de pessoalidade, esse estilo "objetivo" ajuda a construir a credibilidade perante os interlocutores.

Quadro 1: Linguagem jornalística

FORMAL	USO PREFERÍVEL	COLOQUIAL
próximo a, perto de	perto de	perto de
mora à Rua X	mora na Rua X	mora na Rua X
concomitantemente	ao mesmo tempo	ao mesmo tempo
homossexual	homossexual	veado, bicha
meu marido	meu marido	meu homem
semáforo	semáforo (SP), sinal (RJ)	farol (SP) sinal (RJ)
denegou	negou	negou
prurido	coceira	coceira
indiciado	acusado	acusado
neoplasia	câncer	câncer
"a torcida assistiu o jogo" (agramatical)	"o jogo foi assistido pela torcida"	"o jogo foi assistido pela torcida"

Fonte: Adaptação de LAGE (2000, p.38).

Por relacionar-se à linha editorial, o estilo pode variar de acordo com a ideologia assumida pelo jornal. Assim, uma notícia sensacionalista vinculada a um periódico de mesmo cunho, cederá espaço às marcas de subjetividade do autor, visando atender a esse público que

espera pela espetacularização da notícia e optam por uma variação linguística popular, mais coloquial (SANTANA, 2012, p.63).

Apesar de a notícia primar pela objetividade e neutralidade, sabemos que não existem enunciados neutros, assim, o autor pode recorrer à máxima impessoalidade possível, mas a escolha do tema, a seleção de determinados vocábulos e exclusão de outros e as construções gramaticais já refletem suas valorações

> Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação em ser o mais objetivo possível (NOVO MANUAL DE REDAÇÃO, 1992 apud SANTANA, 2012, p.65).

Conforme Lage (2000, p.16), noticiar não significa narrar os acontecimentos, mas expô-los, sendo assim, a notícia pode ser definida como "o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante". Para tanto, no processo de produção de uma notícia evidenciam-se três fases: a seleção dos eventos, a ordenação dos eventos e a nomeação. Enfatizando o que é considerado mais relevante, a ordenação dos fatos não é posta conforme a sequência temporal, mas sim, seguindo a ordem decrescente de interesse e importância a partir da perspectiva de quem expõe e, principalmente, na suposta perspectiva do interlocutor.

Portanto, a notícia não é um espelho do acontecimento ou fato relatado, mas uma versão dele a partir do universo axiológico do autor que recorta as informações que considera mais importante e escolhe determinadas vozes testemunhais (falas de especialistas, familiares, amigos, testemunhas, etc.) para compor seu discurso por meio de discurso direto ou indireto. Dessa forma, "mesmo exigindo a manutenção de um efeito de objetividade, o que anularia a questão da individualidade do redator, por sua própria construção, [a notícia] manifesta o estilo particular de quem a escreve" (SANTANA, 2012, p.66)

Para agilizar o tempo do leitor e exigir menos esforço para compreensão, opta-se por um texto sintético com frases curtas, pela economia. Ou seja, "o que pode ser dito em duas não precisa ser explicado em mais palavras" (FARIA; ZANCHETTA; 2007, p.28). Atendendo ao quesito "credibilidade da informação", o jornalista procura distanciar-se do fato e manter-se isento. Para isso, redige a notícia em terceira pessoa e evita o uso de adjetivos.

A ausência, ou pouco emprego, dessa classe gramatical também está relacionada à objetividade, pois evita-se demonstrar um juízo de valor, assim, ao invés de qualificações opta-se por dados para garantir maior confiabilidade ao texto. "O texto jornalístico procura

fugir dos adjetivos para evitar comprometimento do jornal. A atenção recai sobre substantivos e verbos" (FARIA; ZANCHETTA; 2007, p.27). Citar dados também contribuem para a concretude do discurso, já que o ancora em elementos passíveis de serem provados.

Atendendo ao caráter de objetividade e credibilidade, a aos demais quesitos citados, a notícia, assim como todo gênero discursivo, é marcada por um estilo específico. Ao mesmo tempo, marca-se o estilo individual de acordo com a linha editorial do jornal em que será publicada.

1.4 A escrita em sala de aula

Por muito tempo prevaleceu a ideia de que a escrita era um dom[19], uma habilidade disponível a poucos "agraciados". No entanto, como já diziam os escritores João Cabral de Melo Neto[20] e Graciliano Ramos[21], a escrita é um trabalho, um processo meticuloso de escolhas de palavras - tal qual catar feijão -, de revisões e etapas - tal qual o ofício das lavadeiras de Alagoas.

Para o dialogismo, a linguagem não é espelho do pensamento, nem se dá em um momento "mágico" de inspiração. A linguagem é intencional, o discurso é "moldado" considerando o outro, a situação de interação, os papéis dos participantes. Portanto, escrever é um trabalho com e sobre a linguagem, no qual o locutor considera o que se quer dizer, para quem será dito, como será dito.

Nessa perspectiva, a produção textual é tomada como um processo consciente constituído por várias etapas de idas e vindas ao texto para avaliá-lo, reajustá-lo, e, enfim, fazer a palavra dizer, importando estudar a linguagem em seu uso, em seu funcionamento, "estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam" (GERALDI, 1999[1984], p.41). Nesse processo socioindividual

> o aluno se faz sujeito responsivo ativo para responder a determinadas condições de produção do texto. Além disso, retoma suas produções depois da análise mediada pelo professor, por ele próprio, ou por pares, a fim de aprimorá-la. Passa a refletir, nesse processo, sobre o lugar de onde escreve, sobre a posição que assume, sobre as finalidades do que escreve, sobre seus

[19]No decorrer da história da educação brasileira o ensino da produção textual escrita passou por diferentes concepções: a escrita com foco na língua; escrita como dom; escrita como consequência; escrita como trabalho.
[20]Poema "Catar feijão".
[21]Trecho de entrevista concedida a um jornal em 1984, em que o literato compara o ato de escrever ao ofício das lavadeiras de Alagoas. Fonte: "Da arte de escrever e de lavar roupa". Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/2130/da-arte-de-escrever-e-de-lavar-roupa>. Acesso em 10 set 2020.

> interlocutores, sobre o meio de circulação de seu texto (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.111)

Geraldi (2015[2010], p.98) elenca três condições para que a escrita aconteça: i) ter o que dizer; ii) ter razões para dizer o que tem a dizer; iii) ter claro para quem será endereçado o dizer. Infelizmente, muitas vezes "nos processos de produção de textos, nas escolas, o aluno não tem para quem dizer o que diz, ele escreve um texto não para um leitor, mas para um professor para quem ele deve mostrar que sabe escrever", o que torna a atividade insignificante, por estar distante do uso real da língua, por desconsiderar a essência dela: a interação.

Considerando que o discurso é uma "ponte lançada entre mim e os outros" (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p.117), sendo sempre endereçado ao outro, é imprescindível que aos alunos seja proposta, na medida do possível, uma produção com interlocutores definidos. "Não saber a quem se fala" é apontada por Britto (1999[1983], p.119) como uma das maiores dificuldades dos alunos ao escreverem.

> Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor [...] (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.204).

Conforme Menegassi (2013, p.106), reconhecendo o papel ativo do outro nas interações, os apontamentos feitos pelo professor durante as situações de ensino que envolvem as produções textuais realizadas por alunos precisam levar o aluno a refletir que ele está inserido em um "processo ativo e contínuo de reestruturação de seu dizer em busca da adesão ao jogo enunciativo que se procura estabelecer" com o destinatário de seu discurso, o que implica mobilizar determinados recursos da língua.

> Se tivermos resolvido o que temos a dizer, para quem dizer, razões para dizer, então estaremos em condições de escolher **estratégias de dizer**, porque elas dependem de nosso assunto, de nossas razões, de nossos interlocutores. Afinal, o estilo é o homem para quem se escreve e não só o homem que escreve. **O trabalho com as estratégias de dizer não pode ser tratado *in vacuo*, no vazio** (GERALDI, (2015[2010], p.98, grifos nossos).

Ao ensinar a produzir textos é fundamental levar o aluno a refletir sobre o que é interno e externo ao discurso. Por exemplo, ao escrever para um jornal é imprescindível pensar na coerência enunciativa que ele mantém com seus interlocutores e os demais

enunciados presentes no jornal que dialogam entre si, ou seja, deve-se respeitar a posição desse jornal em momento sócio-histórico e ideológico específico, "daí nasce um processo de reflexão, planejamento e execução que é necessariamente dialógico e discursivo" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.111).

A produção textual tomada como um processo consciente prevê as seguintes etapas[22] entre o texto inicial e o texto final do aluno: planejamento, execução, revisão, reescrita e avaliação (MENEGASSI, 2020). Tal processo exige que o aluno, ao planejar seu texto, considerando o seu interlocutor, reflita sobre como materializar seu projeto de dizer.

> Por isso, essa concepção de escrita é conhecida como "trabalho", pois dá trabalho preparar, construir, revisar, reescrever e avaliar um texto, por isso mesmo, ela é considerada como pertencente à abordagem processual-discursiva de escrita, distinguindo-se das concepções já discutidas, **enquadrando-se nos estudos dialógicos da linguagem** (MENEGASSI, 2013, p.109, grifos nossos).

A etapa de planejamento da escrita pode considerar leituras prévias que favoreçam a ampliação, ou apropriação, de conhecimento temático, definição do projeto de dizer em virtude do interlocutor, a escolha de um gênero, de um suporte para publicação e definição do meio de circulação. No momento da execução, que é a efetivação da escrita, as leituras e reflexões, realizadas no planejamento, sobre o que é "externo e interno ao discurso, se manifestará vivo na elaboração mental do aluno" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.124).

Conforme Menegassi (2020), revisão e reescrita ocorrem de maneira concomitante e recursiva à execução, pois, enquanto o aluno executa seu texto ele também o revisa, e então, para adequá-lo ao seu projeto de dizer, ele o reescreve fazendo alterações no texto. Essas alterações podem ser, por exemplo, substituição ou supressão de palavras ou sentenças, mudança na estrutura da oração, adição de informações. Por não ser uma habilidade natural, o processo de revisão e reescrita precisa ser ensinado aos alunos, mediante parâmetros elencados e explícitos, para que, quando o aluno revisar seu texto, saiba o que verificar, a que atentar-se, e quando for reescrever saiba se adequou, ou não, a materialidade linguística ao que foi pontuado durante a etapa da revisão (MENEGASSI, 2020).

Nesses retornos ao texto, na tentativa de perceber se atendeu ou não ao que era proposto em seu projeto de dizer, ou em um comando de produção, há uma ampliação da consciência socioideológica do aluno durante reflexões sobre o interlocutor de seu texto (o

[22] Para essa pesquisa, acrescentamos a etapa da publicação.

público alvo) e sobre a forma de apresentação do texto (MENEGASSI, 2020). Durante essa etapa de revisão e reescrita o aluno aprende a analisar a língua e fazer uso dela de maneira mais eficaz, atentando-se, por exemplo, às valorações expressas pelas palavras.

Após a revisão realizada pelo próprio autor ou por um colega, cabe ao professor assumir uma postura dialógica frente ao texto produzido pelo aluno, perceber a falha ou lacuna presentes e torná-las visíveis ao aluno na tentativa de assegurar a ele a realização do seu projeto de dizer

> Quando o aluno escreve um período truncado, por exemplo, quando escreve um período que está lacunoso, quando o teor de informatividade não está bom no texto, o professor que tem olhar formativo[23] vai perceber isso [...] porque quem produziu não produziu vendo isso, senão não teria cometido o erro. Esse é o olhar formativo, que é assegurar ao outro as condições para que ele realize o seu projeto de dizer (SUASSUNA, 2018).

Nessa perspectiva, ensinar escrita prevê uma mudança de atitude do professor ante o aluno, cabendo a ele assumir um papel de coprodutor deste, orientando-o sempre sobre as estratégias de dizer.

> o professor somente ensina a escrever se assume os processos de escrever do aluno, tornando-se dele um co-enunciador, um leitor privilegiado e atento, um colaborador capaz de encorajar o outro a continuar buscando a melhor forma de dizer o que quer dizer para quem está dizendo pelas razões que o levam a dizer o que diz (GERALDI, (2015[2010], p.98, grifos nossos).

O docente deverá estar "aberto" ao texto do aluno para, respeitando sua palavra, responder, concordar, questionar e, principalmente, sugerir melhorias. O convívio com a experiência do professor e dos demais sujeitos inseridos nas aulas deve contribuir para aumentar a experiência linguística do aluno.

[23]A autora discute a ideia de olhar normativo e olhar formativo: no primeiro, o professor vai ao texto do aluno para "limpá-lo", corrigi-lo, no segundo, interessa primeiro o que o texto diz e, depois, como diz, a intenção é assegurar a realização do projeto de dizer do aluno.

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Nas pesquisas em ciências humanas, além do sujeito falante e expressivo que materializa seu discurso nos textos que serão analisados, também há o pesquisador em busca de respostas, ou seja, na construção do conhecimento há o encontro entre dois sujeitos, portanto, entre duas consciências, dois horizontes. De um lado o sujeito-autor que validou seu projeto de dizer, materializando sua linguagem, de modo único e singular, do seu lugar social, logo, projetando em seu texto-enunciado suas ideologias e valorações. De outro, o pesquisador, que lerá e analisará esse texto a partir do seu horizonte apreciativo, guiado por suas vivências, valorações e ideologias.

> O nosso objeto é um "ser expressivo e falante". É assim que Bakhtin define o objeto de seu trabalho e também o objeto de ciências humanas. Isso significa que, ao desenvolvermos atividades com a linguagem, não trabalhamos com um objeto mudo. As ciências humanas são as ciências do homem. Homem que fala. E homem que fala com outro homem que fala" (MOURA; MIOTELLO, 2016, p.133).

Nossa trajetória de investigação dividiu-se em cinco etapas: i) leituras para a aquisição e compreensão do embasamento teórico; ii) elaboração de um procedimento didático pedagógico para a geração de dados; iii) processo de aprovação pelo COPEP[24] e NRE; iv) aplicação do procedimento didático pedagógico; v) seleção e análise dos dados.

A seguir explicitamos os aspectos metodológicos utilizados em nossa pesquisa e o contexto da geração de dados. Descrevemos nosso procedimento didático pedagógico: sua elaboração, a seleção do gênero discursivo notícia e uma síntese dos encontros com os alunos. Finalizamos discorrendo sobre os critérios considerados durante a seleção do corpus e o procedimento de análise.

2.1 Contexto da pesquisa: escola em que os dados foram gerados e os participantes da pesquisa

O procedimento didático-pedagógico desta pesquisa, intitulado "Linhas e entrelinhas da notícia", foi aplicado no Colégio Estadual Guilherme de Almeida, situado em bairro central de Loanda, cidade interiorana do extremo noroeste paranaense, cuja população

[24]CAAE 10637019.9.0000.0104. Número do Parecer: 3.384.074.

estimada é de 23 mil habitantes[25]. O município conta com 5 escolas municipais, 4 estaduais e 3 particulares.

No ano da geração de dados[26], o colégio, também conhecido como COLEGA[27], ofertava as etapas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio nas modalidades de Ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos, funcionava nos turnos matutino, vespertino e noturno e atendia a cerca de 580 alunos oriundos de diversos bairros do município e pertencentes a classes sociais média baixa e baixa. Em 2019, a instituição atingiu nota 5,1 no IDEB[28], e as taxas de aprovação das séries finais e do ensino médio, respectivamente, foram 0,92 e 0,87.

A escolha desse colégio foi motivada pelo desejo de retornar o conhecimento científico à instituição na qual eu concluí a educação básica e pela receptividade da gestão escolar. A diretora e a pedagoga não mediram esforços para que a pesquisa tivesse êxito, o que certamente influenciou os dados gerados. Apesar das diversas atribuições burocráticas da escola (como aplicação, correção e relatórios de provas diagnósticas enviadas pela SEED), elas sempre atenderam às necessidades do grupo, desde a organização[29], até a participação e acompanhamento dos encontros e publicação das notícias[30].

Como sujeitos da pesquisa, foram selecionados alunos de 6º ano, do período matutino[31]. Inicialmente, devido ao meu contexto de atuação profissional (rede municipal de ensino), pretendíamos realizar a pesquisa com alunos do 5º ano (ensino fundamental I), de modo que, ao retornar os dados[32] para a Secretaria Municipal de Educação, pudéssemos fomentar possíveis reflexões entre os professores dessa rede. No entanto, como não foi

[25]Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/loanda.
[26]2019.
[27]O termo COLEGA, que surgiu da abreviação do nome do colégio, existe há muitos anos na cidade, tornando-se tradicional entre os munícipes.
[28]Nota dos anos finais. Não há nota para ensino médio pois, conforme site do INEP, o número de participantes foi insuficiente.
[29]Conversar previamente com os alunos e com os responsáveis, organizar o horário e o ambiente ideal para as aulas, providenciar e separar os recursos necessários (data show, extensão, tela).
[30]A Diretora assumiu a responsabilidade de publicar na fanpage do colégio as notícias produzidas, sempre postando no mesmo dia de modo a atender o caráter da temporalidade desse gênero.
[31]Ao expor para a diretora do colégio minha pesquisa e questionar a possibilidade de desenvolvê-la nos 6º anos, obtive resposta afirmativa com a única ressalva de que os encontros acontecessem em horário contraturno, de modo a não interferir no planejamento curricular dessas turmas. Como no período matutino estudava um maior número de alunos, optamos por ofertar a pesquisa aos alunos que frequentavam esse período.
[32]O retorno dos dados é uma das considerações éticas previstas em nossa pesquisa.

possível[33], escolhemos o 6º ano para desenvolver a pesquisa, por ser o ano em que a faixa etária dos alunos e o currículo são mais próximos dos alunos do EFI.

Para formar o grupo, após os trâmites legais[34], a pedagoga fez o convite às turmas de 6º anos e, então, fui ao colégio explicar aos alunos interessados sobre a pesquisa e como seriam os encontros[35]. O grupo ficou constituído por 11 (onze) alunos, 4 meninos e 7 meninas, com idades entre 11 e 12 anos, os quais mantiveram-se até o encerramento da pesquisa. Uns eram desinibidos, outros, tímidos, mas todos participativos e comprometidos. Lidei com alunos que tinham interesse prévio por discussões e escrita, o que possivelmente justifique a participação ativa deles durante os encontros e o compromisso com a pesquisa.

2.2 Natureza e tipo da pesquisa

A pesquisa em sala de aula faz parte do campo da pesquisa social e pode seguir um paradigma quantitativo ou qualitativo, dependendo de seu objeto e objetivo de pesquisa. Tomamos como objeto os textos-enunciados produzidos por alunos de 6º ano (considerando as dimensões verbais e extraverbais) objetivando interpretar as ações linguísticas desses alunos de acordo com suas intenções comunicativas e valorações, especificamente, em situações de escrita de notícias. Mais que o "produto", importou-nos os aspectos processuais das interações que culminaram nas notícias escritas, as particularidades desses enunciados escritos e dos apontamentos realizados pelos alunos durante as interações, os significados que os sujeitos da pesquisa conferiram às suas ações.

Nossos dados foram gerados em situações de interações interpessoais, de coparticipação dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A nós, pesquisadores, coube o papel de participar, compreender e interpretar as interações e os movimentos linguísticos dos alunos, ou seja, lidamos com o universo de significados, crenças, atitudes, motivos, valores, etc., desses sujeitos, "o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (MINAYO, 2001, apud FONSECA, 2002, p.20).

---

[33]O ano da geração de meus dados coincidiu com o ano da Prova Saeb (Sistema de Avaliação da educação Básica) e com mudanças anunciadas pela Secretaria Estadual de Educação, dentre elas a implantação de outras avaliações, como a Prova Paraná. Por isso, a gestão escolar e a coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação concluíram que seria melhor não realizar a pesquisa no 5º ano para não comprometer a aplicação do procedimento didático-pedagógico, nem o planejamento específico desse ano para essas turmas.

[34]Aprovação pelo COPEP e pelo NRE.

[35]Posteriormente, os responsáveis pelos alunos aceitaram participar compareceram à escola para assinarem o termo de assentimento livre e esclarecido.

Conforme Moita Lopes (1994, p.331), os diversos significados que constituem as realidades são passíveis, apenas, de interpretação, uma vez que são construídos pelo homem, "que interpreta e reinterpreta o mundo à sua volta". Além do universo de significados dos alunos, também estava "em jogo" o nosso universo de significados, uma vez que a observação, descrição, seleção dos dados e interpretação do pesquisador estão enraizadas "em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo" (BORTONI-RICARDO, 20019[2008], p.32).

Em consonância com nosso objeto de pesquisa, objetivo e geração de dados, ancoramo-nos no paradigma qualitativo pelo viés interpretativista, uma vez que a pesquisa qualitativa busca interpretar fenômenos sociais em um determinado contexto, e os métodos de pesquisa sob a denominação "interpretativismo" assumem um "compromisso com a **interpretação** das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social" (BORTONI-RICARDO, 2019[2008], p.34, grifo da autora).

Nossa investigação preocupou-se mais com o processo do que com o produto e, ao invés de buscar fenômenos que tivessem uma explicação, buscou perspectivas significativas dos sujeitos envolvidos na pesquisa manifestadas nos seus textos-enunciados.

2.3 A pesquisa nas ciências humanas e o método sociológico

Conforme Costa-Hübes (2017, p.552), ao refletir sobre a elaboração de uma epistemologia em ciências humanas pautada pela filosofia da linguagem, pelos estudos do Círculo, admite-se, de antemão, "o desafio de refletir sobre o objeto de estudo que orienta as pesquisas nessa área e sobre o método que organiza as investigações".

Na época das discussões do Círculo, o ponto de partida do pensamento linguístico era a enunciação isolada e monológica, direcionada à compreensão passiva do filólogo que afastava o documento do campo real de criação e tratava-o sem prever uma compreensão ativa, responsiva e ideológica, elaborando suas metodologias e categorias a partir das enunciações mortas, documentos antigos (VOLOCHÍNOV, 2013[1928]).

> Toda teoria do significado e do tema da fala está impregnada da noção errada de compreensão passiva, ou seja, de uma compreensão da fala de que se exclui a priori uma resposta ativa a tal fala [...] A língua de que se ocupa a linguística é por definição uma *língua morta, estrangeira, escrita* (VOLOCHÍNOV, 2013 [1928], p.119-120, grifo do autor).

Se ao filólogo-linguista competia decifrar uma língua, à escola competia "ensinar uma língua já decifrada" (VOLOCHÍNOV, 2013[1928], p.120). Consequentemente, documentos escritos e heurísticos tornaram-se modelo escolástico, clássicos da língua.

> Este segundo escopo fundamental da linguística, aquele de criar um aparato necessário para o ensino de uma língua já decifrada, aquele, por assim dizer, de codificá-la tendo presente sua transmissão escolar, imprimiu sua marca sobre o pensamento linguístico. A fonética, a gramática, o léxico: essas três seções do sistema da língua, estudadas com categorias linguísticas que não organizavam seu centro próprio, foram organizadas para servir aos dois escopos da linguística por nós indicados: o heurístico e o pedagógico (VOLOCHÍNOV, 2013[1928], p.120)

Ao discutir sobre os estudos na ciência literária, Volochinov (2013[1926]) critica o tratamento dado à arte, alegando que ela é tomada alheia ao aspecto sociológico, tal qual a estrutura química de um corpo. Citando dois pontos de vista pelos quais o discurso artístico é analisado, um que se limita à estrutura da obra e outro que se limita ao estudo da psique do criador ou do contemplador, o linguista russo argumenta que eles comungam do mesmo erro: "*tentam encontrar uma parte na totalidade*; fazem passar a estrutura de uma parte separada do todo pela estrutura da totalidade" (p.76, grifo do autor).

Para Volochinov (2013[1926]), somente por meio de métodos sociológicos é possível alcançar "um grau máximo de aproximação de uma cientificidade efetiva" para estudos na esfera da ideologia, uma vez que, ao contrário dos corpos físicos e químicos que existem foram da sociedade humana, "todos os produtos da criação ideológica se cultivam somente pela e para a sociedade" (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p.73).

Bakhtin (2011[1959-61], p.395, grifos do autor), ao comparar as ciências exatas e as humanas, destaca que "o objeto das ciências humanas é o *ser expressivo e falante* [...] inesgotável em seu sentido e significado", e, por isso, não se pode aplicar a ele as categorias do conhecimento material.

> As ciências exatas são uma forma monológica de saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite um enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico* (BAKHTIN, 2011[1959-61], p.400, grifos do autor).

Tratando da relação com o objeto analisado, Bakhtin (2011[1959-61], p.401) pontua que enquanto nas ciências naturais há uma relação monológica com o objeto (que é mudo), ou seja, alguém observa e discorre sobre algo mudo, nas ciências humanas há uma relação dialógica, visto que o objeto é o texto, a expressão de um sujeito, assim, há sempre mais de um sujeito envolvido (ao menos dois), aquele que analisa e aquele que é analisado. Portanto, nas ciências naturais há uma relação sujeito/objeto e nas "ciências do texto" há uma relação sujeito/sujeito, considerando que "atrás do texto há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage" (FARACO, 2009, p.43).

Volochinov (2013[1926]), almejando comprovar seu posicionamento sobre a forma singular da enunciação poética realizada no material da palavra, analisa alguns aspectos do enunciado do discurso cotidiano comum enfatizando o papel fundamental do extralinguístico, da situação extraverbal.

> A palavra na vida, com toda a evidência, não se centra em si mesmo. Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p.77).

O linguista russo continua explicando que, para alcançarmos a totalidade de um enunciado, para compreendê-lo, é necessário considerarmos sua parte verbal e o contexto extraverbal, composto por três aspectos: "1) um *horizonte espacial compartilhado* por ambos os falantes (a unidade do visível [...]); 2) o *conhecimento e a compreensão comum da situação*, igualmente compartilhado pelos dois [...] 3) a *valoração compartilhada* pelos dois, desta situação" (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p.78).

Portanto, a enunciação se apóia no que é visto, sabido e avaliado conjuntamente, ou seja, aspectos que não estão expressos verbalmente, não estão ditos, mas estão absorvidos no sentido do enunciado. Logo, o enunciado é composto pelo dito e pelo não dito, ou, o realizado verbalmente e o subentendido, *"a situação [extraverbal] forma parte da enunciação como a parte integral necessária de sua composição semântica"* (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p.79, grifos do autor).

Discorrendo sobre uma metodologia para estudar o "que é a linguagem, o que é a palavra", Volochinov (2018[1929], p.144) expõe a dificuldade em delimitar esse objeto real de pesquisa, já que, ao tentar "reduzi-lo a um conjunto objetivo material-definido, visível e compacto, perdemos a própria essência do objeto estudado ou seja, a sua natureza sígnica e ideológica". A solução proposta é incluir a língua no âmbito da comunicação social

organizada, pois, conforme o autor, para poder estudá-la "é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte [...] no ambiente social", o que, ao invés de delimitar o referido objeto de pesquisa, torna-o mais amplo e complexo (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.145).

Reiterando a importância de tomar o enunciado em sua totalidade (o meio extraverbal e verbal) e considerando a ordem em que ocorre a evolução real da língua[36], Volochinov (2018[1929]) aponta a seguinte ordem metodológica para o estudo da língua, que posteriormente foi reconhecido como método sociológico:

> 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLOCHÍNOV, 2018[1929], p.220).

Rodrigues (2001) faz uso do termo *dimensão social* para referir-se à situação extraverbal apontada por Volochinov, reiterando o caráter dessa dimensão na composição da totalidade dos enunciados. A autora pontua que essa dimensão exerce determinações sobre o gênero, uma vez que transcende os elementos linguísticos englobando os elementos extralinguísticos que envolvem o contexto de produção do texto-enunciado em estudo.

Conforme Polato e Franco de Oliveira (2016, p.95), há cerca de três décadas, as obras do Círculo servem de aparato teórico aos pesquisadores que buscam um caminho metodológico para o estudo da língua pautado, nessa ordem: enunciações reais, gêneros discursivos, aspectos da concretude linguística. Rojo (2005, p.184), por sua vez, ao discutir questões teóricas e aplicadas relativas aos gêneros do discurso e gêneros textuais, explicita que, em decorrência dos PCNs de língua portuguesa e estrangeira, que tomam os gêneros como objeto de ensino e destacam a sua importância, a partir de 1995 houve uma "explosão das pesquisas que tomam por base teórica as teorias de gênero". Recortando as pesquisas de 1995 a 2000, constata que elas poderiam ser classificadas[37] em dois grupos: as de teoria de gêneros do discurso ou discursivo e as de teoria de gêneros de texto ou textuais.

> Os trabalhos que estou classificando como adotando uma *teoria de gêneros de texto* tendiam a recorrer a um plano descritivo intermediário - equivalente à estrutura ou forma composicional - que trabalha com noções herdadas da

[36]"[...] a comunicação social se forma (fundamentada na base), nela se criam a comunicação e a interação verbal e nessa última se constituem as formas dos discursos verbais e, por fim, essa formação se reflete na mudança das formas da língua" (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.220).
[37]De acordo com o critério metateórico.

> linguística textual (tipos, protótipos, sequências típicas etc.) e que integrariam a composição dos textos do gênero. A outra vertente, a dos gêneros discursivos, tendia a selecionar os aspectos da materialidade linguística determinados pelos parâmetros da situação de enunciação - sem a pretensão de esgotar a descrição dos aspectos linguísticos ou textuais, mas apenas ressaltando as "marcas linguísticas" que decorriam de/produziam significações e temas relevantes no discurso (ROJO, 2005, p.186)

A pesquisadora aponta, ainda, que a diferença entre texto e discurso é o início da diferenciação de métodos e de concepção dessas duas abordagens. Ao contrário da abordagem das pesquisas de gêneros textuais que, desconsiderando a significação realizam uma descrição textual ou funcional/contextual, os/as pesquisadores "bakhtinianos"[38], ao descreverem um corpus de enunciados, procedem sua análise em "busca da significação, da acentuação valorativa e do tema, indiciados pelas marcas linguísticas, pelo estilo, pela forma composicional do texto" (ROJO, 2005, p.189).

De acordo com Costa-Hubes (2017, p.555), durante a pesquisa revela-se uma relação dialógica de compreensão entre dois textos-enunciados: o pronto e o criado. O primeiro refere-se ao tomado como objeto de estudo, de análise; o segundo, o texto que está sendo produzido a partir da reação perante o dado. Ao analisar o texto-enunciado do outro, é necessário que o pesquisador considere o discurso refletindo sobre as vozes, expressões que ali estão instauradas ou reenunciadas.

Uma metodologia de pesquisa pautada na filosofia da linguagem de Bakhtin demanda do pesquisador ter clareza da distinção entre objeto e indivíduo, permitindo que ele caracterize cada elemento em sua especificidade. "O pesquisador do campo das ciências humanas está, portanto, *transitando no terreno das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações, das produções de sentido entre o eu e o outro"* (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p.2, grifos das autoras).

Nesse viés, sendo o pesquisador afetado pelo contexto em que a cena da pesquisa acontece, há uma ruptura da suposta neutralidade na produção do conhecimento em ciências humanas, não cabendo ao pesquisador

> controlar a sua *performance* para minimizar ao máximo as consequências de suas atitudes no campo, mas, ao contrário, *faz-se mister tornar explícito no seu relato o modo como as circunstâncias o afetam.* Em outros termos, o pesquisador se indaga sobre a especificidade do conhecimento que é produzido de forma compartilhada, na tensão entre o e*u e o outro*, por meio de uma cumplicidade consentida entre ambos (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p.4, grifos das autoras).

[38]Termo utilizado por Rojo no texto em questão.

É importante que o pesquisador se atente ao seu papel social nesse contexto, que é, primeiramente, de observador, situado em determinado contexto que o convida a compreender e interpretar uma realidade específica (COSTA-HUBES, 2017, p.553).

Pautados nas discussões expostas nesta seção e em pesquisas da linguística aplicada baseadas no método sociológico de Volóchinov (ACOSTA-PEREIRA, 2014, POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, COSTA-HUBES, 2017) elaboramos nosso procedimento didático pedagógico e norteamos as discussões durante a sua aplicação em sala de aula e, ainda, e, ainda, a análise dos textos-enunciados produzidos durante a incursão em sala de aula.

2.4 Procedimento didático-pedagógico: embasamento e etapas

Pautados no método sociológico de Volochinov [1929], Acosta-Pereira (2014) e Costa-Hübes (2017) fazem proposições, de cunho teórico-metodológico, de questionamentos que podem subsidiar professores de Língua Portuguesa da Educação nas etapas prévias à prática da elaboração de atividades e nas análises de textos-enunciados tomados como objeto de estudo. O "caminho de questionamentos", de Acosta-Pereira (2014) e os quadros "Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão social do gênero" e "Questionamentos que podem direcionar a análise da dimensão verbal (ou verbo-visual) do gênero", de Costa-Hübes (2017) direcionaram nossa análise das notícias escolhidas para momentos de leitura durante a incursão em sala de aula, bem como a análise dos textos-enunciados produzidos pelos alunos.

Conforme Acosta-Pereira (2014, s/p), para a análise da dimensão social, as questões devem se voltar para uma situação ampla dos enunciados, para as "conjecturas histórico-culturais e ideológico-valorativas de constituição e funcionamento dos textos-enunciados", de modo a explorar as condições de produção (esfera, posições autorais, horizonte apreciativo-ideológico, valoração), as condições de circulação (esfera, interlocutor, horizonte apreciativo-ideológico do interlocutor, meios, espaços e tempos de circulação) e as condições de recepção (modos de publicação e situação imediata de interação).

Ao tratar a dimensão verbo-visual, objetivando que os alunos identifiquem "e compreendam como os diferentes recursos da língua são agenciados para construir sentidos sob a baliza da situação de interação", Acosta-Pereira (2014) propõe que o professor investigue os aspectos enunciativo-discursivos (tema, estilo e composição), textuais,

linguísticos e visuais do gênero discursivo, evidenciando seu funcionamento dentro da sua esfera de atividade.

Como já citado anteriormente, dentre tantos gêneros que circulam na escola e na sociedade, escolhemos a notícia como gênero discursivo a ser mobilizado para a produção escrita mediante dois critérios: a) um gênero discursivo de grande representatividade na sociedade e de fácil acesso; b) um gênero discursivo que possibilita ao aluno escolher um fato do seu entorno, direcionar-se em relação a ele e se colocar como sujeito produtor de texto.

> Se, antes da publicação dos PCN e das DCE, a notícia já frequentava as salas de aulas para atividades diversas devido à sua relevância social, com esses documentos oficiais, ela se torna mais presente, pois eles apontam esse gênero como um dos adequados para o professor trabalhar questões referentes à linguagem oral e à escrita (ROMUALDO E SANTANA, 2017, p.153).

Cientes de que a redução do conceito de gênero ao conceito de estrutura é um dos problemas mais evidentes quanto à tomada dos gêneros em sala de aula, e que acarreta na tomada do gênero como um "simulacro para efetivação de uma prática ainda tradicional que não visa à compreensão da linguagem em seu real funcionamento nas interações verbais concretas" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.95), ancorados na concepção dialógica de linguagem, propusemos a elaborar um caminho metodológico que abordasse as enunciações reais, as formas típicas do enunciado concreto notícia e a análise dos aspectos da concretude linguística.

Polato e Franco de Oliveira (2016), ao refletirem sobre trabalho que realizaram com alunos de graduação em Letras, em que propuseram a produção textual escrita mobilizando alguns gêneros da esfera jornalística (notícia, reportagem, entrevista, editorial, artigo de opinião), tecem sugestões para um procedimento de ordem metodológica, do qual nos valemos para o planejamento das etapas do nosso projeto "Linhas e entrelinhas da notícia". Tendo como ponto de partida e de chegada a notícia, buscamos integrar práticas de leitura e escrita.

Como um de nossos objetivos era que os alunos percebessem o âmbito discursivo que envolve esse gênero, a primeira etapa da incursão foi a leitura de notícias. Para nossos encontros, tomamos a leitura como uma prática social, isto é, "um trabalho com a linguagem que aciona a interação entre autor, texto, leitor e situação social, que aciona a dimensão social e a verbo-visual do enunciado e, assim, considera os elementos extraverbais do enunciado, que constituem o todo da enunciação" (BELOTI et al, 2020, p.110)

Para os momentos de leitura, buscamos lidar com elas não como um texto, mas como um enunciado, ou seja, realizamos a leitura considerando a materialidade linguística e as características extraverbais. Conforme Alves Filho (2011, p.110), ao se propor um trabalho em sala de aula com o gênero notícia, é necessário

> [..] levar para os alunos a dinamicidade, pluralidade e riqueza do gênero, sem sufocar em modelos formais, conteudístico ou estilísticos; enfatizar a relação das notícias com os contextos onde elas são produzidas, procurando encontrar o sentido dos textos através desta relação. Por isso, as atividades de leitura e de escrita de notícias necessitam levar em alta conta as particularidades características do gênero notícia, ou seja, a abordagem pedagógica deve ser sensível ao gênero e aos seus contextos de uso.

Almejávamos que os alunos tomassem consciência de que noticiar não é uma simples narração dos acontecimentos, mas uma exposição "o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante", sendo que esse aspecto é determinado a partir da perspectiva de quem expõe e, principalmente, na suposta perspectiva do interlocutor (LAGE, 2000, p.16).

Os questionamentos para os momentos de leitura foram elaborados partindo da concepção de que o autor escreve considerando seu leitor e o leitor lê sabendo que por trás da página há um autor, portanto, a leitura integra os processos de constituição das subjetividades o que implica reconhecer que a palavra não é neutra, nem um espelho do real, as palavras carregam juízos de valores.

O locutor, em seu projeto de dizer, diz com seus valores axiológicos, aliás dizer é sempre valorar, enquanto o leitor, em sua leitura, lê com seu universo axiológico e, assim, há um encontro de mundos, em que as ideias concordam, diferem, confrontam-se, etc. Lemos de acordo com o processo de "subjetivação" ao qual fomos expostos durante nossa história, que é sempre a história de grupos ou classes.

> A leitura autoral, de caráter social e histórico, é construída, assim, por sujeitos ativos, que dialogam com os textos, que interagem com outras compreensões do mundo, avaliando e criticando diferentes pontos de vista. Trata-se de uma leitura que não apenas preenche vazios, preenchimento necessário para construir sentidos, mas também produz outras leituras que podem não coincidir com as hegemônicas (CAVALCANTI, 2010, p.14).

Ao contrário da ideia de um leitor passivo, que apenas "acessa" os sentidos já dispostos no texto por meio de uma língua que é um sistema de códigos, a concepção dialógica da linguagem nos apresenta um leitor ativo que interage com o texto, sendo a leitura

uma construção de sentidos, em que significação vai além do que está expresso pelas palavras, além da forma material, dependendo, inclusive, da posição axiológica do leitor, seu horizonte espacial e temporal. Basta pensarmos que o mesmo enunciado, lido por diferentes sujeitos, pode suscitar significados diferentes, ou ainda, que o mesmo leitor constrói sentidos diferentes para o mesmo texto ao lê-lo em momentos distintos.

Intencionamos que os alunos percebessem que, apesar de a neutralidade ser tida como uma das características da notícia, não há textos neutros, que a seleção dos fatos e a escolha lexical, por exemplo, não são ações ingênuas, mas determinadas pela ideologias do autor, é o "lado da moeda" que ele deseja apresentar ao leitor.

Para tanto, durante as leituras, com apontamentos sobre a finalidade da notícia a que se estava lendo, as relações extralinguísticas e linguísticas, instigamos os alunos a identificarem e refletirem sobre essa "não neutralidade" do texto, lê-lo ciente de que o discurso do autor foi moldado de acordo com seu projeto discursivo e que "os agentes do jornalismo, como autores, enunciam a partir de inúmeras demandas: as do próprio campo, as de outros campos, das vontades da empresa para qual trabalham" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.109), dirigindo-se a um público esperado.

> Em termos de produção textual escrita, compreender que os conhecimentos são apreendidos do social significa considerar que se o estudante não tiver oportunidade de dialogar com outras pessoas, de se apropriar de já-ditos, de perceber as relações dialógicas concretizadas a partir de textos de diferentes gêneros, de posicionar-se diante do que lê e de se apropriar de gêneros, ser-lhe-á barrado o processo de tomar a palavra do outro para que possa torná-la própria, pessoal, quando escreve. Desse modo, as leituras prévias integrantes de um processo organizado de produção textual são imprescindíveis, principalmente aos alunos cujas leituras sobre o tema são parcas. A esses, se não houver leituras e discussões prévias, poderá ser conferida "a coroa dos incapazes" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.115)

Consideramos que os sentidos produzidos durante as leituras, a compreensão do modo de dizer do outro efetivado em seus enunciados, a reflexão acerca dos elementos linguístico-discursivos que compuseram tais enunciados, poderia subsidiar as escolhas dos alunos no momento de produção de suas notícias. De maneira a possibilitar essas reflexões, umas das estratégias lançadas foi apresentar aos alunos notícias sobre o mesmo tema, mas de diferentes veículos ou empresa jornalística, para que fossem observadas diferentes posições sobre esse tema, diferentes visadas dialógico-valorativas.

> [...] necessariamente, essa reflexão [tema] deve passar pela leitura de outros textos. É pela leitura que se criam oportunidades de interação, reflexões e diálogos em que os sentidos sobre o que se lê são coproduzidos por meio das respostas que surgem, ao encontro das ou de encontro às posições explicitadas no(s) texto(s) lido(s). Essas respostas (leituras) se dão a partir de um processo responsivo e dialógico (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p. 113)

Na etapa de planejamento foram considerados o suporte em que as notícias seriam publicadas e os possíveis interlocutores, já que, durante o processo de produção textual, o aluno assume o papel de sujeito responsivo ativo que, de modo a atender às condições de produção do texto, precisa refletir "sobre o lugar de onde escreve, sobre a posição que assume, sobre as finalidades do que escreve, sobre seus interlocutores, sobre o meio de circulação de seu texto" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.111).

A publicação das notícias produzidas era indispensável para nossa investigação, uma vez que precisávamos envolver os alunos em uma prática real de uso da escrita, com interlocutores reais, de modo a gerarmos dados que sinalizassem a posição enunciativa dos sujeitos da pesquisa, como eles moldariam seu discurso considerando os leitores das notícias, ou seja, de que maneira se colocariam em suas produções escritas como sujeito agente da linguagem, um "interagente", considerando que "antes mesmo de falar, o locutor altera, 'modula', sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a 'imagem presumida que cria de interlocutores típicos, ou seja, representativos, do grupo a que se dirige" (SOBRAL, 2009, p.39).

Durante a etapa de execução, buscamos manter uma orientação flexível, evitando que os alunos tomassem a "professora" como alguém com um olhar vertical, mas sim uma coautora de seu texto. Foram realizadas interações de incentivo para que eles se sentissem encorajados a escreverem, cientes de que, após aquele momento de autoria, haveria a revisão e reescrita. Conforme Polato e Franco de Oliveira (2016, p.124), é importante devolver ao aluno a responsabilidade da autoria, respaldado na etapa anterior (planejamento e leituras), e possibilitar que ele lide com os "nós" presentes na execução de um texto, tão necessários às elaborações mentais.

Exigida pela consciência de autoria, a revisão e reescrita são etapas em que o falante avalia o atendimento, ou não, ao seu projeto discursivo inicial. Uma vez que reescrever um texto é torná-lo mais adequado a esse projeto, à vontade discursiva do autor considerando a finalidade e o interlocutor do discurso, "não pode haver execução sem planejamento e texto dito e acabado sem revisão e reescrita" (POLATO; FRANCO DE OLIVEIRA, 2016, p.111).

As revisões foram realizadas coletivamente, ou seja, os textos foram revistos e reescritos pelo grupo (como discorreremos mais adiante), e também objetivavam levar os alunos a compreenderem que essas etapas servem à melhoria do texto e do autorar.

2.5 Síntese dos encontros com os alunos

Ao todo, foram realizados treze encontros em uma sala de aula comum, nos meses de setembro, outubro e novembro de 2019[39], às terças e quintas-feiras, das 13h30 às 15h20. Durante os encontros foram realizadas leituras e produção de notícias. As aulas pautaram-se em situações de interação entre os alunos, alunos e pesquisadora, alunos e entrevistados, e alunos e leitores. Em todos os encontros seguíamos a seguinte rotina: iniciávamos socializando notícias da semana que chamaram a atenção dos alunos[40]; depois, retomávamos o(s) encontro(s) anterior(es); então, partíamos para o estudo do aspecto da notícia em destaque naquele dia; ao final, fazíamos uma síntese do que havia sido discutido e os alunos sugeriam fatos locais possíveis de serem noticiados pelo grupo[41].

Por considerar que uma das características da notícia é a novidade e visando tratar o gênero da forma mais próxima possível da sua realidade de circulação, afinal, ao ir para a sala de aula, ao passar por uma transposição didática, os gêneros já sofrem alteração, privilegiamos a leitura de notícias veiculadas naquele momento da incursão em sala de aula (preferencialmente notícias do dia ou da véspera). Além disso, sempre que possível contemplávamos notícias de fatos ocorridos na cidade ou região[42].

A aplicação do procedimento didático pedagógico não aconteceu tal qual estava planejada, mas conforme previámos. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, de viés interpretativista e ancorada na perspectiva dialógica, esperávamos que as interações exigiriam de nós um replanejamento no decorrer da incursão em sala de aula. Em decorrência de anseios e curiosidades dos alunos, houve alterações na sequência das aulas, inclusão de um encontro, a organização de uma "entrevista-aula" e outros "desvios de percurso", por exemplo, em nosso planejamento estava previsto o início das produções escritas no 7º encontro, porém, no 4º encontro o grupo já pediu para noticiar um evento da escola. Todas as notícias foram

[39]17, 19, 24 e 26 de setembro; 3, 8, 10, 15, 22, 24, 29 e 31 de outubro; e 11 de novembro.
[40]Propus aos alunos que se atentassem às notícias atuais durante o período do curso, lessem as de seu interesse e depois, em nossos encontros, comentassem com os colegas.
[41]Aula a aula, pedi que os alunos observassem melhor seu entorno e sugerissem fatos possíveis de serem noticiados.
[42] Como "Celular explode em Loanda" e "Meteoro cai no noroeste do Paraná".

publicadas em um jornal regional de impressão quinzenal[43], nas duas edições de novembro, sendo que, algumas, também foram publicadas anteriormente na fanpage do colégio, no dia em que foram escritas. A seguir, expomos algumas das publicações (uma na fanpage do colégio e outra no jornal impresso) e uma breve síntese de cada encontro.

Figura 1 - Exemplos de publicação na fanpage do colégio e no jornal impresso

Fonte: A pesquisadora.

[43] Jornal *O Correio do Noroeste*, novembro de 2019, ano 14, nº 258 e nº 259.

Quadro 2 - Síntese da aplicação do procedimento didático pedagógico

Data	Atividades realizadas.
1º encontro 17/9/19	Iniciamos a incursão em sala de aula com questionamentos que nos permitiram saber um pouco sobre a notícia no cotidiano dos alunos e o conhecimento que tinham acerca desse gênero. Manipulando jornais impressos, destacamos os diversos gêneros ali presentes e a constituição da primeira página, também acessamos páginas de jornais online. Conversamos sobre as seções dos jornais e o público leitor.
2º encontro 19/9/19	Estudamos a história da notícia, inclusive relacionando as mudanças desse gênero ao longo do tempo às mudanças nas práticas humanas. Conversamos sobre o campo jornalístico, almejando incitar o aluno a concluir que os gêneros discursivos estão "à serviço" de um projeto de dizer de um sujeito inserido em determinado campo da atividade humana, com finalidades e condições específicas. Também dialogamos sobre os diversos campos nos quais estamos inseridos, os gêneros comuns a cada um deles e como o social determina nossos enunciados.
3º encontro 24/9/19	Partindo da leitura de algumas notícias específicas[44]evidenciamos que, além de informar, as notícias influenciam diretamente a vida das pessoas e a sociedade. Também abordamos o chamado efeito imitador[45].
4º encontro 26/9/19	O grupo pediu para noticiar o interclasse esportivo que estava acontecendo na escola. Suspendemos as atividades previstas para esse encontro e passamos ao planejamento e escrita da notícia. Analisamos se era um fato relevante para os demais alunos e comunidade, projetamos nossos leitores, elencamos as informações necessárias e quais vozes testemunhais poderiam compor a notícia. Coletivamente, escrevemos a notícia *Interclasse esportivo no Colégio Guilherme de Almeida*.
5º encontro 03/10/19	Os alunos sugeriram noticiar um projeto pedagógico em fase de experimentação na escola[46]. Atendendo ao anseio do grupo, novamente "desviamos" o que estava previsto e planejamos a escrita. Após, estudamos sobre as *fakenews,* abordando seus danos à ciência e à população e a importância de investigar a veracidade dos fatos noticiados[47]. Abordamos a possível intenção enunciativa do autor de uma *fakenews* e de quem a compartilha. Com a leitura de algumas notícias falsas, evidenciamos que elas recebem um caráter de verdade devido à sua estrutura e estilo típicos de uma notícia.
6º encontro 08/10/19	Explicamos que o tratamento temático delimita o que pode ser notícia: um fato novo, recente e relevante. Para exemplificar que o conceito de "novo" e recente são objetivos, mas o conceito de relevante é extremamente abstrato[48], comparamos notícias de jornais de diferentes estados e as diferentes seções de um mesmo jornal. Evidenciamos que a "simples" seleção do fato a ser noticiado já revela uma valoração do jornalista e do jornal, o que derruba a suposta "neutralidade" desse gênero discursivo. Exemplificamos consultando as notícias de diferentes jornais e seções, comparando os fatos noticiados por jornais assumidamente de direita e outro contrário ao governo, demonstrando que alguns acontecimentos[49] nem eram citados nos jornais pró-governo.

[44]"Com boatos de nova greve dos caminhoneiros, postos de BH registram filas neste sábado"; "Suspeitas de zika esgotam repelentes com icaridina em farmácias da capital"; "Morte de neto de Lula por meningite promove corrida por vacina e já há postos com estoque esgotado".
[45]"Efeito-imitador: quando o sensacionalismo leva a novos ataques como o de Suzano".
[46]A pedagoga recolhia os celulares dos alunos dos 6º anos e os guardava em uma caixa até o final do período.
[47]Visitamos alguns sites específicos de combate às fakenews, em especial o site criado pelo Ministério da Saúde https://www.saude.gov.br/fakenews.
[48]O mesmo fato pode ser importante para um grupo/sujeito e indiferente a outro.
[49]À época, havia muitas críticas quanto ao governo devido ao posicionamento em relação ao vazamento de Petróleo no Nordeste brasileiro.

7º encontro 10/10/19	Estudamos sobre os elementos composicionais razoavelmente estáveis da notícia: estilo, título, lide, corpo. Ao abordar o título, partindo da comparação de três notícias[50] sobre o mesmo fato, discutimos sobre o clickbait[51], uma tática comum no meio digital, o título, e o uso das aspas.
8º encontro 15/10/19	No 8º encontro, o grupo todo participou da revisão e reescrita da notícia *Projeto "celular off" é implantado no Guilherme de Almeida*, escrita por quatro alunos.
9º encontro 22/10/19	As características composicionais da notícia e as vozes testemunhais mais uma vez foram assunto de estudo. Após, debatemos o que poderia ser noticiado pelos alunos e, a partir dos temas escolhidos, eles se agruparam.
10º encontro 22/10/19	O estudo dos mecanismos linguístico-discursivos da notícia não obteve o resultado esperado, já que os alunos não dominavam alguns conhecimentos linguísticos prévios (como conceito e uso do adjetivo, artigo, verbo, pessoas do discurso, períodos). Discutimos sobre a detenção da informação por um determinado grupo de posição social elevada. Por fim, revisamos o planejamento de escrita dos grupos.
11º encontro 24/10/19	Entrevista-palestra com representantes do grupo "Meninas dos Olhos de Deus[52]" direcionada pelas perguntas elaboradas pela dupla que noticiaria o evento.
12º encontro 31/10/19	Revisão e reescrita dos textos-enunciados.
13º encontro 11/11/19	Continuação da etapa de reescrita das notícias e roda de conversa para que os alunos expressassem suas opiniões e percepções sobre o aprendizado durante os encontros, o processo de escrita, os textos produzidos e as publicações.

Fonte: A pesquisadora.

2.6 Corpus e procedimentos de análise

Conforme Bortoni-Ricardo (2019[2008], p.53), "na pesquisa qualitativa, não se levantam hipóteses como na pesquisa quantitativa, mas é aconselhável elaborar asserções[53] que correspondam aos objetivos". De modo a triangular dados que pudessem confirmar, ou não, nossas asserções, durante a aplicação do procedimento, reunimos registros de diferentes naturezas: notas da pesquisadora, gravações de áudios dos encontros e produções escritas dos alunos.

---

[50]i) "Pabllo Vittar" é preso em flagrante por tráfico de drogas no Rio e o nome da cantora derruba a internet; ii) 'Pabllo Vittar' é preso em flagrante por tráfico de cocaína no Borel; iii) Pabllo Vittar, o traficante, é preso em flagrante no Rio de Janeiro.

[51]"Clickbait é uma tática para gerar tráfego online chamando a atenção com títulos ou promessas exagerados. Também definido como caça-cliques ou isca de cliques, o clickbait ganhou uma conotação pejorativa por nem sempre entregar o que promete nos conteúdos". Fonte: Rock Content. Disponível em: <https://comunidade.rockcontent.com/clickbait/> Acesso em 21 mar. 19

[52]Meninas dos Olhos de Deus é um grupo formado por mulheres de diferentes cidades, que passaram pelo tratamento de câncer e apoiam outras mulheres que estão enfrentando a doença. Na cidade em que foi realizada essa pesquisa, o grupo também promove ações preventivas, como o apoio necessário para o teste de mamografia (desde agendamento ao transporte).

[53]"A asserção é um enunciado afirmativo no qual o pesquisador antecipa os desvelamentos que a pesquisa poderá trazer" (BORTONI-RICARDO, 2019[2008], p.53)

No decorrer da aplicação do procedimento didático pedagógico, foram produzidas 8 (oito) notícias. Dessas, uma foi escrita individualmente, três foram escritas em dupla, duas em grupos pequenos e duas pelo grupo todo. Para garantir o sigilo em relação à identidade dos participantes da pesquisa, optamos por atribuir nomes fictícios, mantendo o gênero do nome. Listamos a seguir as notícias produzidas e seus autores:

> Interclasse esportivo no Colégio Guilherme de Almeida, escrita pelo grupo todo.
> Projeto "celular off" é implantado no Guilherme de Almeida, escrita por Alice, Isadora, Izabel e Ronaldo.
> "Tensão" nas finais de tênis de mesa no Guilherme de Almeida, escrita por Lucas.
> Edinho esteve em Loanda observando alunos de futsal e futebol, escrita por João e Lucas.
> Alunos organizam treinos de tênis de mesa (pingue pongue) no COLEGA, escrita por André, Ronaldo e Luana.
> Conversa sobre Outubro Rosa movimenta COLEGA, Vivian e Izabel.
> Alunos do Guilherme de Almeida participam de pesquisa de mestrado, escrita pelo grupo todo.
> Prova SAEB é aplicada no COLEGA, escrita por Maria e Isadora.

Não elencamos categorias fixas e rígidas de análise, optamos por tomar como parâmetro um olhar para as dimensões sociais e verbais dos textos-enunciados produzidos, ou seja, o que cada fica mais evidente nessas notícias, o que é possível perceber pela materialidade verbal e pelo extraverbal, os dados que emergem, por exemplo, das escolhas lexicais dos sujeitos da pesquisa, os temas escolhidos, as valorações, as vozes escolhidas para compor seu texto.

Mediante a incursão em sala de aula, percebendo que cada aula era um acontecimento, um enunciado irrepetível, e que os textos enunciados foram sendo produzidos em momentos também únicos, por sujeitos únicos, decidimos não elencar categorias de análise. Para nossa análise, como já dito anteriormente, pautamo-nos nas obras do Círculo citadas em nosso capítulo teórico e nos trabalhos de Acosta-Pereira (2014), Polato e Franco de Oliveira (2016), Ohuschi (2016) e Costa-Hübes (2017).

3 MOVIMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DO DIZER DOS ALUNOS DURANTE A PRODUÇÃO ESCRITA DE NOTÍCIAS

A análise que segue corresponde à nossa interpretação que não é, nem poderia ser, tomada como única. Conforme Bortoni-Ricardo (2019[2008], p.58), a pesquisa qualitativa assume que "o olho do observador interfere no objeto observado, ou seja, o olhar do pesquisador já é uma espécie de filtro no processo de interpretação da realidade com a qual se defronta". Partindo desse princípio, o paradigma qualitativo defende que não existe uma análise de fatos culturais absolutamente objetiva, em razão de não ser possível dissociar completamente as vivências e valorações do pesquisador durante esse processo.

Além da interpretação singular, também sabemos que os dados foram gerados em um contexto singular, considerando, inclusive, que a enunciação é única e irrepetível, nos termos bakhtinianos: o grupo foi formado por alunos que apresentaram interesse prévio, o número de alunos era pouco, a gestão escolar apoiou o projeto, a pesquisadora tinha experiência como docente do ensino fundamental, ou seja, nossos dados correspondem à resposta de alunos de 6° ano a um contexto específico, em forma de textos-enunciados produzidos tomando como referência o gênero discursivo notícia. Aliás, a própria "ação investigativa do pesquisador influencia o objeto da investigação e é por sua vez influenciada por esse" (BORTONI-RICARDO, 2019[2008], p.58-59).

Por ser insuficiente a análise apenas da materialidade linguística de um enunciado, pois a significação está na relação entre os elementos linguísticos e extralinguísticos, e não no sistema da língua como se compreendia em outros tempos, com reflexo na escola de uma ensino de língua de caráter meramente normativo, nosso percurso analítico contempla as notícias produzidas pelos alunos, as notas da pesquisadora realizadas durante a incursão em sala de aula e trechos de falas dos alunos, na interação estabelecida. Conforme expusemos no capítulo metodológico, para organizar nossa análise do alcance das dimensões social e verbal nos textos-enunciados produzidos pelos alunos, pautamo-nos nas obras do Círculo citadas em nosso capítulo teórico e nos trabalhos de Acosta-Pereira (2014), Polato e Franco de Oliveira (2016), Ohuschi (2016) e Costa-Hübes (2017).

3.1 Reflexões sobre a aplicação do procedimento didático e suas possíveis implicações nos textos-enunciados dos alunos

Uma de nossas angústias durante a pesquisa[54] era se, na etapa prevista para a escrita, os alunos teriam sobre o que escrever, se escolheriam temas típicos do gênero discursivo notícia, afinal, nossa intenção, desde o início, era que essa produção tivesse uma aproximação com o contexto de produção de notícias. Como estratégia pedagógica, almejando "aguçar" o olhar dos alunos para o que poderia ser relatado a partir do referido gênero, ao final dos encontros solicitávamos que eles observassem seu entorno em busca de fatos noticiáveis e, no início de cada novo encontro, que pudessem comentar sobre essas observações.

Para demonstrar o critério "relevante" dos fatos, ainda no início dos encontros, ao lermos os títulos das notícias do dia, cada um expunha qual(is) havia chamado a sua atenção e por qual motivo tinha interesse em ler aquela(s) notícia(s)[55], um preferia fatos sobre games, outro sobre esporte, Após a leitura de alguns exemplares do gênero notícia, cada um citava as suas "impressões" e, até, opiniões, marcando um pouco do seu universo axiológico. Vale ressaltar que as notícias, mesmo na prerrogativa do jornalismo de se pautar na objetividade, clareza e imparcialidade, o leitor faz seu próprio julgamento dos fatos.

Nos primeiros encontros, quando perguntado o que poderia ser noticiado naquele dia, os alunos não sugeriam fatos noticiáveis, ficavam calados, como se lê em nota da pesquisadora. Depois, a cada encontro, ampliava-se o rol de sugestões, confirmando que o olhar dos alunos estava mais "desperto" ao que poderia ser notícia no mundo que os cercava. Além disso, os fatos levantados por eles eram diferentes e estavam relacionados às suas atividades e seus gostos, ao que era "relevante" para cada um.

> "Conversamos sobre as notícias selecionadas pelos alunos (tarefa do encontro anterior). Os alunos não conseguiram responder à pergunta O que poderíamos noticiar hoje?" (Nota da pesquisadora).
>
> "Izabel propôs noticiar a feira de louças que será promovida pela escola em que a mãe leciona" (Nota da pesquisadora).
>
> *Maria*: Professora, vai ter outro interclasse?
> *Pesquisadora*: Não sei.
> *Alice*: Falaram que vai ter.

[54]Muitas foram as angústias, dentre elas, a principal era em relação à geração de dados: Teria alunos que aceitariam participar como sujeitos da pesquisa? Se tivesse, esses alunos continuariam o projeto até o final? Participariam assiduamente? Desejariam escrever ou se recusariam? Querendo escrever, encontrariam temas ou eu deveria sugerir?

[55]Geralmente os interesses eram: games, futebol, vida de youtubers famosos e animais.

Maria: Nós poderíamos perguntar se vai ter interclasse e fazer a notícia.

Essas práticas pedagógicas (sugestão de notícia e exposição das notícias de interesse) possibilitaram que o grupo reconhecesse que cada um deles era único, com gostos e vivências diferenciados. Partindo disso, repetidas vezes foi frisado ao grupo que o que cada um tinha a dizer era importante e, por isso, na fase da escrita do nosso projeto, era fundamental que emergisse o que "eles" tinham a dizer e não a professora-pesquisadora, ou a escola, ou o amigo. E assim aconteceu, os alunos não só noticiaram o que consideravam relevante, como agruparam-se por interesses em comum (treino de tênis de mesa, treino de futebol, "Outubro Rosa", projeto pedagógico, etc.).

> É no texto-enunciado que o sujeito materializa sua linguagem e valida seu projeto de dizer, ancorando sua intenção enunciativa. Todavia, esse sujeito, por ser social e por organizar o seu discurso a partir desse lugar social que ocupa, projeta nele suas ideologias, seus valores, suas vontades, suas verdades que são resultantes de sua formação cultural. Assim, ao considerarmos o texto-enunciado como ponto de partida para uma pesquisa em ciências humanas, devemos atentar-nos para esse sujeito e o contexto que envolve a ele e a seu discurso: lugar, momento histórico de produção, interlocutor(es), motivações, interesses, valores etc (COSTA-HUBES, 2017, p. 553)

Para Volóchinov (2018[1929], p.228), "o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence. O enunciado só possui um tema ao ser considerado um fenômeno histórico em toda a sua plenitude concreta". Atendendo ao gênero discursivo notícia, que emerge do campo jornalístico, todos os temas correspondem a fatos verdadeiros, novos, recentes e relevantes, respondendo ao horizonte espaço-temporal, ao nosso ver, como no caso das notícias produzidas na escola, durante um projeto de produção textual, os fatos estão atrelados à escola.

> No plano da notícia, o horizonte temático caracteriza-se pela contemporaneidade, efemeridade e proximidade tempo-espacial dos fatos e dos acontecimentos a serem noticiados. A seleção dos fatos a serem reportados assim como a ação dos critérios de noticiabilidade perpassam e se entrecruzam dialogicamente no horizonte temático das notícias. (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p. 98-99)

O lugar e o momento histórico de produção, o contexto de um projeto de escrita aplicado dentro de uma escola, refletiu-se diretamente nos temas das notícias. Respondendo à esfera educacional, de onde emergiram nossos dados, os temas abordados relacionam-se à educação, sendo que sete das oito notícias informam especificamente da escola em que os

dados foram gerados. Apesar do tema “Outubro Rosa" ser da esfera da saúde, a notícia voltou-se para um acontecimento na escola e a notícia do Edinho, apesar de estar ligada à área de esporte, traz informações sobre uma escola de futebol.

Almejando que os alunos tomassem a palavra e dissessem o que consideravam importante dizer, optamos por não determinar os agrupamentos dos alunos para a fase da escrita. Deixamos à vontade para escolherem sua dupla, trio, grupo, de acordo com a identificação pelo mesmo interesse enunciativo e, consequente, projeto discursivo. Novamente nossa asserção foi confirmada: os alunos se agruparam por interesses, pelo que desejavam dizer. Nessa organização, houve quem participou da escrita de quatro notícias, quem escreveu sozinho, e quem escreveu apenas nos momentos de escrita coletiva realizada por todos os alunos.

Como defendido por Alves Filho (2011, p.93), as discussões em sala de aula sobre a relevância ou não dos fatos noticiados é um excelente exercício de reflexão, inclusive, possibilita aguçar a percepção de alguns alunos sobre jogos de poder que envolvem as notícias e exemplificar que o autor do enunciado conferirá às informações maior ou menor relevância conforme seus propósitos. Percebemos que a cada encontro os alunos liam “com pensamento mais crítico, analisando” (Izabel, 2019)[56], deixando de tomar as notícias como verdades absolutas para tomarem como o discurso de alguém sobre determinado fato.

Ao buscarmos reunir diferentes compreensões sobre os mesmos assuntos, de forma a ampliar o conhecimento do aluno e sua reflexão sobre essas verdades absolutas, realizamos leituras de diferentes notícias do mesmo fato[57], o que oportunizou a constatação das diversas possibilidades de apresentar os acontecimentos e o direcionamento que determinada apresentação provoca. Ao falar sobre o projeto, Izabel disse que estava pensando diferente: “Professora, esses dias estava lendo uma coisa para minha mãe, eu comecei a analisar coisinha por coisinha”. Podemos observar nas palavras da aluna sua resposta à interação iniciada em sala de aula, buscando na interlocução com a própria mãe demonstrar compreensão outra de pormenores que entram na composição de uma notícia.

Pressupomos que, além de analisarem como o outro “trabalhou” o texto, eles também refletiriam sobre como “trabalhariam” os seus textos quando estivessem em posição de autores. Novamente nossa asserção foi confirmada, uma vez que ficou evidente nos textos-enunciados a preocupação com as palavras utilizadas, as informações apresentadas, a

[56]Fala de uma das alunas ao dar o feedback sobre o projeto.
[57]Por exemplo, “Nova greve dos caminhoneiros perde força” e “Os caminhoneiros retomam a chantagem”, ambas publicadas em 28 de julho de 2019, respectivamente, no Estadão e na Gazeta do Povo.

escolha dos entrevistados, a ordem em que as vozes dos entrevistados apareceram nas notícias, etc.

A etapa da reescrita foi um grande desafio durante a aplicação do nosso procedimento didático. Era fundamental contribuir com o texto do aluno mas sem descaracterizá-lo, ou seja, auxiliá-lo a melhorar o texto sem que deixasse de ser "seu". As sugestões deveriam ser assertivas de modo que o aluno percebesse a falha/lacuna e conseguisse corrigi-la/adequá-la com suas palavras, com o seu estilo de linguagem e o estilo do gênero. Para Suassuna (2018), o intuito do professor ao tornar a falha ou lacuna do texto visível ao aluno "é assegurar ao outro as condições para que ele realize o seu projeto de dizer", por isso a necessidade de um olhar formativo[58].

Nos momentos de reescrita, os alunos também apontavam melhorias, lacunas, e suas falas evidenciavam a preocupação com o "moldar" o discurso tendo em vista o interlocutor. Por exemplo, discutiam sobre um título atraente, a substituição de palavras de acordo com o que pretendiam passar ao interlocutor, a ordem das informações, a supressão de discursos de entrevistados[59].

> Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.204).

Os textos-enunciados nos permitem inferir que, considerando a publicação das notícias na fanpage do colégio, os alunos tomaram como interlocutores a comunidade escolar, ou seja, profissionais da escola (diretora, pedagoga e professoras), alunos e pais. Muito embora se possa, no mínimo, supor que, por ser página de rede social, a notícia poderia alcançar outros interlocutores que não apenas aqueles do contexto da escola. Em um movimento de responsividade, as notícias publicadas, eram comentadas, como se lê a seguir[60], inclusive reafirmando a ideia de enunciado como elo da comunicação discursiva.

> Tem que fazer em todas as salas (Carla, mãe de aluno)[61].
> Carla, concordo (Letícia, mãe de aluno)
>
> Super apoio deviam aplicar em todas as turmas (Keila, mãe de aluno).

[58]A autora discute a ideia de olhar normativo e olhar formativo: no primeiro, o professor vai ao texto do aluno para "limpá-lo", corrigi-lo, no segundo, interessa primeiro o que o texto diz e, depois, como diz, a intenção é assegurar a realização do projeto de dizer do aluno.
[59]Mais adiante essas sugestões serão descritas.
[60]Comentários na postagem da notícia "Projeto 'celular off'é implantado no Guilherme de Almeida".
[61] Nomes fictícios para resguardar a identidade das pessoas que comentaram as publicações.

> Ótimo né Iasmin. (mulher adulta[62])
> eu n fico sem cll KKK (Iasmin, aluna)
> é só 6° e 7°(Iasmin, aluna)
> Iasmin, vamos ver se implantam a ideia em todas as escolas (mulher adulta)

> Os sujeitos da pesquisa atribuíram importância especial à autoria dos textos escritos, fazendo questão de assinar os textos e acompanhar as publicações. , como se lê no diálogo a seguir.

> *Pesquisadora*: Por que a gente precisou se encontrar hoje?[63]
> *Maria*: Porque eles vão fechar o jornal às 18h.
> *Pesquisadora*: Exatamente. As notícias serão publicadas no jornal Correio do Noroeste
> *Maria*: Eu quero esse jornal!
> *Pesquisadora*: Vocês vão ter, com certeza.
> *Maria*: **Vai ter meu nome lá, né**?
> *Pesquisadora*: Vai![64]

Além de comentadas, as notícias dos sujeitos participantes do projeto também eram compartilhadas por alguns interlocutores que se mostravam orgulhosos em ver o nome de seu(sua) filho(a) como autor(a) e divulgavam o "feito". Para Britto (1999[1983], p.124) "escrever é, assim, ascender socialmente. Dá *status*. Escrever dentro de certa modalidade, mais formal, dá ainda mais *status*".

Também os familiares curtiam, comentavam e até compartilhavam as notícias publicadas na fanpage do colégio. Diversas respostas de leitores relacionavam-se ao projeto, à produção escrita dos alunos e não ao fato noticiado em si. A seguir, há a compilação de alguns comentários de familiares, comunidade escolar, professores e da equipe do Núcleo Regional de Educação de Loanda, no decorrer das publicações:

> Que lindos! Que orgulho dessa lindeza da tia (tia de um dos alunos participantes da pesquisa)

> Ai que orgulho da minha sobrinha linda (tia de uma das alunas participantes da pesquisa)

> Esses alunos estão dando um show de reportagem [...] (mãe de uma das alunas participantes da pesquisa).

> Parabéns pela iniciativa, poderia ser estendido ao ensino médio… (mãe de um aluno do colégio, sobre o projeto).

---

[62] Não consegui depreender se a mulher é familiar, ou não, da adolescente em questão.
[63]O 13º encontro não estava previsto no projeto, consequentemente, no cronograma entregue aos alunos no início da incursão.
[64]Diálogo ocorrido no último encontro.

> Que notícia maravilhosa!!! Melhor que esta notícia só os escritores dela, garotinhos com sucessos promissores!!! Como amo!!! (professora de Língua Portuguesa do colégio em questão).
>
> Simplesmente apaixonada por esse trabalho (diretora do colégio).
>
> Ohhh colégio para me dar gosto! (ex-professor de Língua Portuguesa do colégio, atualmente Diretor de Ensino Médio e Técnico da Pró-Reitoria de Ensino IFPR).
>
> Parabéns, Professora Flaviane, pelo belíssimo trabalho desenvolvido [...] com os alunos do Colégio!!! (Núcleo Regional de Educação de Loanda).

Esses comentários nos permitem entrever que o projeto "Linhas e entrelinhas da notícia" extrapolou os limites da sala de aula. Havia uma "plateia" ansiosa acompanhando o desempenho dos alunos e aguardando a publicação dos textos escritos e assinados por eles. Os alunos aceitaram a proposta do projeto e responderam a ela colocando-se em situação de escrita, por sua vez, tiveram respostas de seus leitores, seja em forma de compartilhamento, de comentário ou "curtir".

Os alunos também marcarem-se nas fotos, fazendo questão de estarem nos registros. Essa característica fugiu ao estilo de imagens que compõem o gênero notícia, mas como não trabalhamos esse aspecto, pois não era objeto de nossas pesquisas, permitimos que os participantes da pesquisa desfrutassem da satisfação de serem autores e de mostrar isso ao outro. Afinal, apesar de estarmos lidando com um gênero do campo jornalístico, os textos enunciados emergiram da escola, da sala de aula, de um projeto de produção textual, portanto, deu-se um entrecruzamento dos campos. Conforme Sobral, Paula e Franco (2020, p.272), "a didatização [...] é inevitável quando tiramos o gênero de sua circulação social como acontecimento. Isso precisa ser considerado, bem como a escola precisa sair de seus muros".

> *Pesquisadora*: Nós vamos publicar em jornal impresso.
> *Maria*: Mas, aí, no jornal impresso vai uma foto de todos nós, né?
> *Pesquisadora*: Vamos tirar uma foto.
> *João*: Podemos tirar lá na grama.

Esses comentários nos permitem confirmar que os alunos estavam expostos e respondendo a uma situação de escrita proposta dentro da escola, porém, o mais próxima possível de uma situação real, considerando fatos e interlocutores reais. Sobral, Paula e Franco (2020) nos alerta para o trabalho na escola tomando o gênero como simulacro, em que a escola

> diz ao aluno, por exemplo: “Escreva uma carta ao editor”. O aluno, de fato, vai mandar a carta ao editor? Ela vai realmente ser entregue a alguém? Está o aluno falando de alguma coisa concreta? Não. [...]. O aluno escreve na escola para o professor; sua posição enunciativa é a de quem escreve para o professor na escola [...]. O que importa é que ele perceba que sua posição enunciativa, na escola, é a de aluno avaliado pelo professor (SOBRAL; PAULA; FRANCO, 2020, p. 268-269)

Passamos, na seção seguinte, ao trabalho propriamente com os textos enunciados produzidos pelos alunos, na sua materialidade linguística e alguns elementos da dimensão social do gênero em foco. Concomitante à análise dos aspectos linguísticos que emergiram dos dados, também faremos uma contextualização sobre a produção de cada uma das notícias, por entendermos que todo discurso é um acontecimento social, uma resposta, um fenômeno de comunicação, determinado pelas relações sociais que o motivam, que a “estrutura do enunciado, bem como da própria vivência expressa, é uma *estrutura social*. O acabamento estilístico do enunciado [...] é um fluxo social” (VOLÓCHINOV, 2018[1929], p.217, grifos do autor).

3.2 Análise das notícias produzidas

Conforme Costa-Hübes (2017, p.558), na perspectiva dialógica, é fundamental que o pesquisador conheça a situação extraverbal, que assuma o papel de co-enunciador do autor, que dialogue com o objeto em estudo, de modo a “inserir-se no horizonte espacial e temporal do autor para melhor compreender e avaliar a situação discursiva”. Essa postura possibilitou-nos vislumbrar, em especial nos momentos de reescrita, os alunos colocando em prática o que haviam aprendido durante as leituras e o processo da pesquisa, perceber os acontecimentos linguísticos, os atos. Conhecer a intenção comunicativa, possibilitou-nos interpretar o motivo de alguns movimentos linguísticos dos alunos nessa etapa.

Identificamos, inclusive, que alguns desvios não ocorreram, como, por exemplo, não foi sugerido tema incondizente com o gênero discursivo notícia, não houve o uso da primeira pessoa do singular ou do plural em nenhum texto produzido, nem falta de título. Creditamos esses “acertos” às leituras e análises realizadas durante os encontros.

Os alunos escreveram de maneira objetiva fazendo uso da terceira pessoa do singular (mesmo nos textos iniciais, antes da reescrita, não houve o uso de outra pessoa), e verbos no pretérito perfeito, marcando que a notícia é de um fato ocorrido. Usaram coerentemente vozes de autoridade no corpo da notícia, demonstrando que assimilaram as funções dos discursos citados, e, ao fazê-lo, usaram verbos introdutórios.

Considerando que o enunciado se configura como a manifestação da linguagem do sujeito e de seus movimentos de interação, nossa análise contempla, de maneira conjunta, alguns aspectos linguísticos e extralinguísticos de cada notícia, de modo a demarcar nosso ponto de partida: o olhar para o sujeito que, em um momento sócio-histórico e ideológico específico, valida seu projeto de dizer, ancorando sua intenção comunicativa (COSTA-HUBES, 2017, p.553).

Quadro 3 - Notícia *Interclasse esportivo no Colégio Guilherme de Almeida*

INTERCLASSE ESPORTIVO NO COLÉGIO GUILHERME DE ALMEIDA
26/9/2019
Por Alunos do Projeto Linhas e entrelinhas da notícia*

O interclasse esportivo do Colégio Estadual Guilherme de Almeida acontece nos dias 26 e 27/9, no período matutino, envolvendo os alunos que estudam pela manhã e à tarde. São disputadas as modalidades tênis de mesa, futsal e voleibol. Para o aluno ACS[65], "é importante ter diferentes modalidades, pois assim os alunos podem escolher aquela de que gosta".
As atividades são organizadas pelos professores de educação física, coordenação escolar e alguns alunos que auxiliam durante as competições. Conforme a diretora, A.P.R., "o interclasse é promovido pensando em propiciar momentos de interação entre os alunos".

Fonte: A pesquisadora.

Essa foi a primeira notícia a ser produzida. Antes do previsto no planejamento didático, os alunos pediram para noticiar o interclasse que havia iniciado naquele dia no colégio. Esse pedido evidenciou que os alunos perceberam que esse era um fato novo, relevante, um fato noticiável, portanto, compreenderam o que é o tema de uma notícia. Perceberam, também, a temporalidade da notícia, pois disseram que precisávamos noticiar naquele dia, afinal, o interclasse acabaria no dia seguinte e, então, não faria sentido a escrita ficar para depois.

Atendendo ao grupo e aproveitando a oportunidade, desviei meu planejamento e passamos a escrever o texto coletivamente. Quanto à voz testemunhal, decidiram que um deles falaria, o escolhido foi André. Em seu discurso, "é importante ter diferentes modalidades, pois assim os alunos podem escolher aquela de que gosta", percebe-se uma valoração, a de que todas as modalidades esportivas são importantes, pois nem todos gostam do mesmo esporte, e até mesmo uma crítica, a de que a escola precisa atender a todos, e não apenas aos jogadores de futsal e futebol, uma vez que é de senso comum que por muito tempo os interclasses esportivos limitavam-se a essas modalidades. André faz parte do time de tênis

[65]Para a dissertação, escrevemos apenas as iniciais do nome das pessoas citadas nas notícias, de modo a manter sua identidade em sigilo.

de mesa, o que pode influenciar seu discurso, por, dessa vez, sentir-se inserido na ação do colégio.

Acima de tudo, as valorações determinam a seleção das palavras pelo autor e percepção desta seleção (co-eleição) pelo ouvinte. Porque o poeta não escolhe suas palavras de um dicionário, mas do contexto da vida no qual as palavras se sedimentam e se impregnam de valorações (VOLOCHÍNOV, 2013[1926], p.88)

No segundo parágrafo, o grupo cita a participação dos alunos na organização do evento, "As atividades são organizadas pelos professores de educação física, coordenação escolar e **alguns alunos** que auxiliam durante as competições". Esse destaque ao protagonismo estudantil é recorrente em outras notícias escritas por eles.

> [o sujeito] ao manifestar-se para o outro, revela seu modo de ver o mundo, de ver o outro, de compreender a realidade. Por isso, é importante que a ênfase da análise recaia sobre o lugar social ocupado por esse sujeito, sua posição axiológica, o contexto que o envolve, a cultura que nele se projeta, as atitudes valorativas que assume, seu modo de compreensão da vida social, enfim, sua postura autoral assumida no texto-enunciado que produz (COSTA-HUBES, 2017, p. 554)

Podemos interpretar que a posição autoral desses sujeitos é a de alunos escrevendo para a comunidade escolar, e não para o professor, alunos que marcam sua posição social, seu grupo social, que valorizam o papel desse grupo nas ações escolares, afinal, "Viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser numa ótica axiológica" (BAKHTIN, 2003[1920-1930], p. 202).

A falta de verbo no título, "Interclasse esportivo no Colégio Guilherme de Almeida", ocorreu na primeira e na segunda notícia. A partir da terceira notícia começamos a intervir, pois a maior parte dos textos iniciais não tinham. Durante um dos encontros destinados ao estudo dos elementos linguísticos da notícia, percebi uma lacuna no conhecimento acerca das classes gramaticais. Enfatizamos que o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, mesmo na perspectiva dialógica e dos gêneros discursivos, não impede explorar elementos da gramática tradicional e sua nomenclatura. Os alunos não conseguiram diferenciar, nem conceituar, substantivo, adjetivo e verbo, tanto que a aula não aconteceu como estava planejada, pois faltava o conhecimento prévio. Possivelmente essa lacuna interferiu na escrita dos títulos, refletindo na ausência dos verbos. Ressalto que os alunos compreenderam a função do título na notícia e que ele precisa ser conciso. Apenas apresentaram dificuldade para contemplar o verbo.

Quadro 4 - Notícia *"Tensão" nas finais de tênis de mesa no Guilherme de Almeida*

"TENSÃO" NAS FINAIS DE TÊNIS DE MESA NO GUILHERME DE ALMEIDA
27/9/2019
Por Lucas

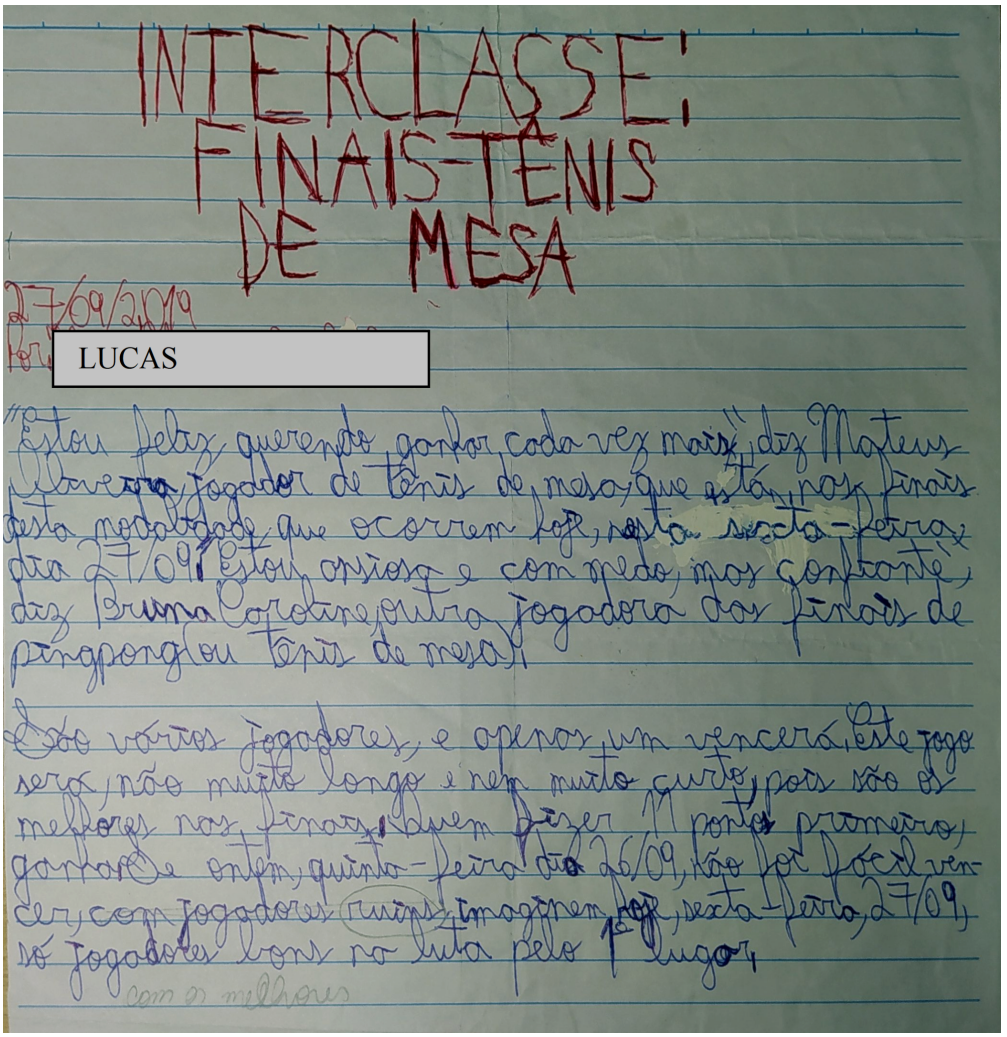
"Estou ansiosa e com medo, mas confiante", diz B.C.. "Estou feliz, querendo ganhar cada vez mais", diz M.O.
B. e M. são alguns dos jogadores de tênis de mesa que estão nas finais que ocorrem hoje (27), na final do Interclasse, no Colégio Guilherme de Almeida.
São vários jogadores, mas apenas um vencerá. Os jogos das finais serão equilibrados, pois, com o "mata-mata", ficaram os mais bem preparados. Quem fizer 11 pontos primeiro ganha o set, serão 5 sets. Se ontem, quinta-feira (26), não foi fácil vencer, hoje, sexta-feira (27/9), a disputa está mais acirrada ainda na luta pelo 1º lugar.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Essa notícia foi uma surpresa para nós. Ao final do 5º encontro, o aluno João me chamou para dizer que Lucas havia produzido uma notícia, mas estava com vergonha de mostrar. Lucas é um menino tão inteligente, quanto tímido e inseguro[66]. Quando pedi que me mostrasse, ele desdobrou o papel que estava guardado no meio do caderno e entregou dizendo que não sabia se estava bom. Lucas tomou a iniciativa de escrever, posteriormente a diretora contou que na manhã do fato noticiado, enquanto alguns alunos jogavam e outros assistiam ou conversavam, Lucas estava com caneta e papel noticiando a final do torneio.

[66]Desde o 1º encontro eu notava que Lucas era muito inteligente, mas não se sentia à vontade para expor sua sugestão ou opinar e sempre se referia a mim ou ao grupo com voz muito baixa. Ao final do 3º encontro, procurei a diretora para saber um pouco mais sobre ele e refletir sobre como atendê-lo durante as aulas, de modo que ele se sentisse mais confiante para participar das discussões.

Figura 2 - Versão inicial da notícia *"Tensão" nas finais de tênis de mesa no Guilherme de Almeida*



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Após a leitura da notícia, indaguei aos alunos se o lide atendia às perguntas típicas (o que, quem, quando, onde, como e por que) da primeira proposição ou do primeiro parágrafo de uma notícia. Eles logo responderam que não. Sendo assim, passamos à reescrita dessa parte, respeitando a composição escolhida pelo autor, discutindo que essa composição atendia à intenção comunicativa do aluno, ao que ele considerava mais importante dizer sobre aquele fato: a reação dos jogadores, especificamente, a tensão que antecede uma disputa, típica de final de torneio.

Apesar de o lide dessa notícia fugir da composição canônica,– houve uma alteração em sua estrutura composicional–, esse texto-enunciado continua sendo um exemplar da notícia, pois não perdeu sua função, não se desviou do projeto de dizer do autor, o que comprova que a composição arquitetônica é maior que a do gênero.

Conforme Faria e Zanchetta (2007, p.37), a respeito do lide integral ou convencional, "é importante o cuidado para não impor esse tipo de construção. Estruturas como a do lide

integral devem ser vistas como um referencial para auxiliar a nortear a redação e também a leitura de textos informativos", pois, na escrita, os estudantes e jornalistas são movidos por estímulos e interesses distintos.

Durante discussões sobre o significado de algumas palavras empregadas por Lucas, os alunos mostraram valorações diferentes para "ruim" e "vencer". Enquanto Lucas considerava "bons" apenas os melhores jogadores, os vencedores, Luana e André não viam dessa forma. Para Lucas vencer é o primeiro lugar, para André quem consegue o segundo lugar também é vencedor. André fez algumas sugestões de modo a apagar o termo "jogadores ruins", em lugar da construção "Se ontem, quinta-feira, 26/9, não foi fácil vencer com jogadores ruins", sugeriu "Se ontem foi difícil sem ser as finais".

> *Maria*: Eu tiraria o "ruim".
> *Luana*: Jogadores "não tão bons"?
> [...]
> *Pesquisadora*: (lendo) "São vários jogadores, e apenas um vencerá".
> *André*: Professora, mas tinha segundo lugar tbm.
> Pesquisadora: É, mas vencer, vencer é o primeiro [lugar].
> *André*: São vários jogadores mas apenas um vencerá, "Apenas um vai ganhar o primeiro lugar".
> [...]
> *Pesquisadora*: (lendo) "...só ficaram os melhores".
> *Luana*: Mas professora, os bons quer dizer que são ruins? Não, né? Fala só os jogadores.

Como afirma Volochinov (2013[1926], p.91) "a palavra é o esqueleto que se enche de carne viva somente no processo da percepção criativa e, por consequência, somente no processo da comunicação social viva", a mesma palavra suscita sentidos diferentes a sujeitos diferentes em determinada situação sócio-histórica, de acordo, também com suas vivências.

O título inicial, "Interclasse: finais de tênis de mesa", assim como em outras notícias, não apresentava verbo e antecipava pouco sobre o que seria relatado. Durante reescrita, Lucas sugeriu a palavra "tensão" em busca de evidenciar a apreensão dos participantes do torneio. No entanto, após sugerir, Lucas buscou reconsiderar sua escolha, afirmando que a palavra poderia ser compreendida de outra forma pelo leitor. A solução encontrada pelo grupo foi aspear a palavra.

> *Lucas*: Professora, achei o título "Tensão em torneio".
> [...]
> *Lucas*: Mas, professora, "tensão" pode dar a impressão de que foi uma briga.
> *André*: Não, não dá não.
> *Pesquisadora*: Eu também acho que dá a impressão de que foi disputadíssimo. Mas entendi sua preocupação, alguém pode ler e achar que aconteceu algum rebuliço, né?

> [...]
> *Luana*: Professora, coloca entre aspas
> *André*: Isso, "tensão" entre aspas não é briga.

Para Polato e Franco de Oliveira (2016, p.135), na notícia as aspas "podem ser usadas com a função de destacar, ironizar, questionar, portanto, com fins avaliativos", nesse caso, foi utilizada para destacar, chamar atenção do significado da palavra nesse contexto, mediante uma modulação do discurso considerando o leitor, pois os alunos, projetando a resposta do interlocutor durante a leitura, anteciparam que a palavra tensão poderia ser mal interpretada.

Além de novamente ser posta em discussão a significação das palavras "querer ganhar cada vez mais", considerada ganância para Luana, mas não para André, também foi refletido sobre o discurso direto.

> *Luana*: Professora, "quero ganhar cada vez mais" dá a impressão de ganância.
> *André*: Ou não, depende.
> *Lucas*: Mas ele disse desse jeito.
> *Pesquisadora*: Então não dá para alterar.

Luana não gostou do tom do discurso do jogador, André entrou na discussão e Lucas finalizou dizendo que não pode alterar um discurso direto. Ficou evidente que Lucas compreendeu que os discursos do outro devem ser citados tal qual foram ditos, cabendo ao autor da notícia reportar a ele ou não, mas jamais alterá-lo. Conforme Benites (2001), as aspas têm um papel importante na busca pela fidelidade do relato,

> através delas, o jornalista rompe a aparente homogeneidade do texto, nele inserindo a voz do outro, o que dá autenticidade a seu próprio discurso. Essa representação "literal" e "integral" da fala do outro costuma ser reservada para afirmações de um certo impacto, seja por seu conteúdo, seja por sua forma inusitada. (BENITES, 2001, p. 40)

Quadro 5 - Notícia *Projeto "celular off" é implantado no Guilherme de Almeida*

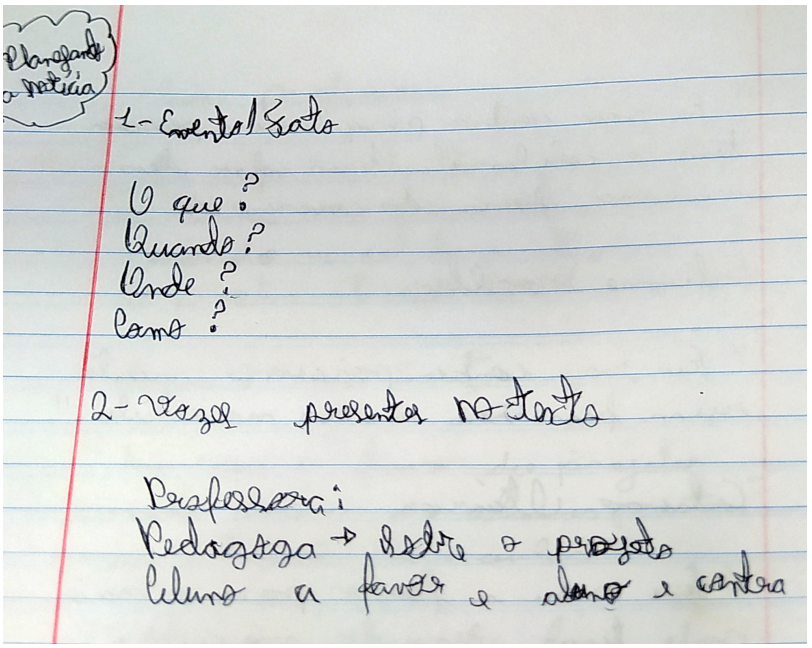
PROJETO "CELULAR OFF" É IMPLANTADO NO GUILHERME DE ALMEIDA
Por Alice, Isadora, Izabel, Ronaldo.

O projeto "celular off" acontece no Colégio Estadual Guilherme de Almeida, no período da manhã, nas turmas do 6ºA, 6ºB e 7ºA. Geralmente, após o sinal da entrada (7h30), a pedagoga E.A.N. vai às salas e pede que os alunos coloquem seus celulares na caixa que ficará guardada na coordenação até o final do período (11h45).
A ideia surgiu após o conselho de classe, quando houve muitas reclamações dos professores sobre o uso do celular durante as aulas. Além disso, conforme a pedagoga, é uma tentativa de que os estudantes possam interagir com os colegas e percebam que há outras atividades a serem realizadas.
O projeto divide opiniões. A aluna M.L. é a favor do projeto "porque assim os alunos prestam atenção nas aulas". Já A.C. argumenta que "se a pessoa traz o celular ela deveria pelo menos usá-lo no intervalo".
A professora E. defende a iniciativa: "os alunos não ficam distraídos no celular deixando de prestar atenção durante as aulas".
A diretora considera o projeto interessante, porque "demonstra que o aluno veio mesmo para estudar e que ele tem confiança para deixar um bem com a pedagoga".

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No início da quarta aula, no momento em que os alunos comentavam fatos noticiáveis, uma das alunas sugeriu noticiar um projeto pedagógico que havia iniciado naquela semana e que dividia opiniões entre os alunos. Outros três alunos interessaram-se por esse tema, o projeto pedagógico, e formaram o grupo. Coletivamente, fizemos o planejamento da notícia, as informações importantes e quem poderia ser entrevistado.

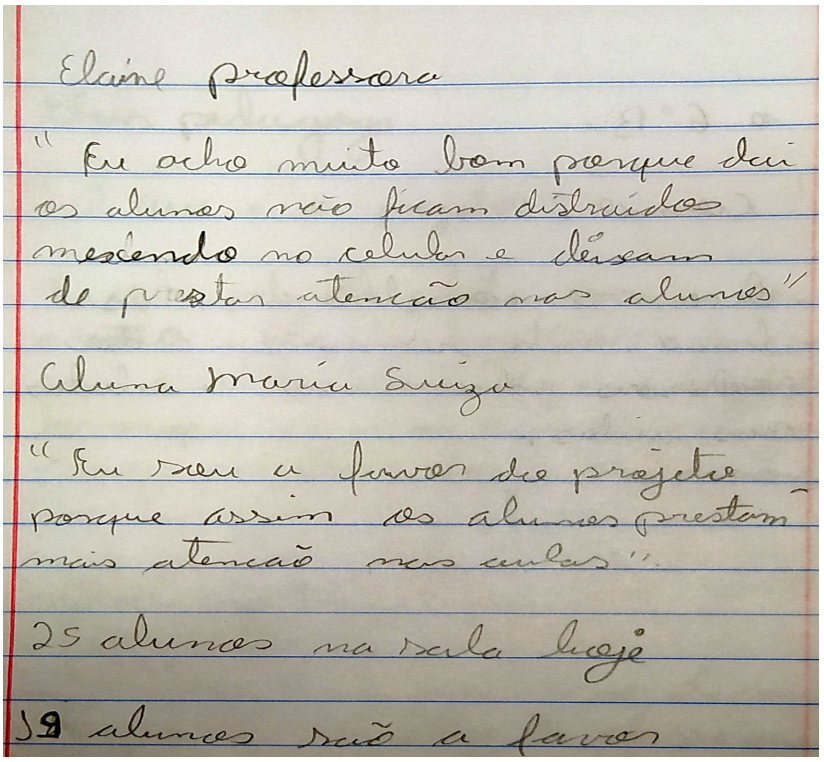
Figura 3 - Planejamento da notícia no caderno de um dos alunos.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Durante a coleta dos dados, na fase da execução da escrita, os sujeitos envolvidos consideraram importante ouvir pessoas com ponto de vista diferente, por isso fizeram uma pesquisa quantitativa sobre a aprovação/desaprovação do projeto.

Figura 4 - Pesquisa sobre aprovação/desaprovação do projeto


Elaine professora

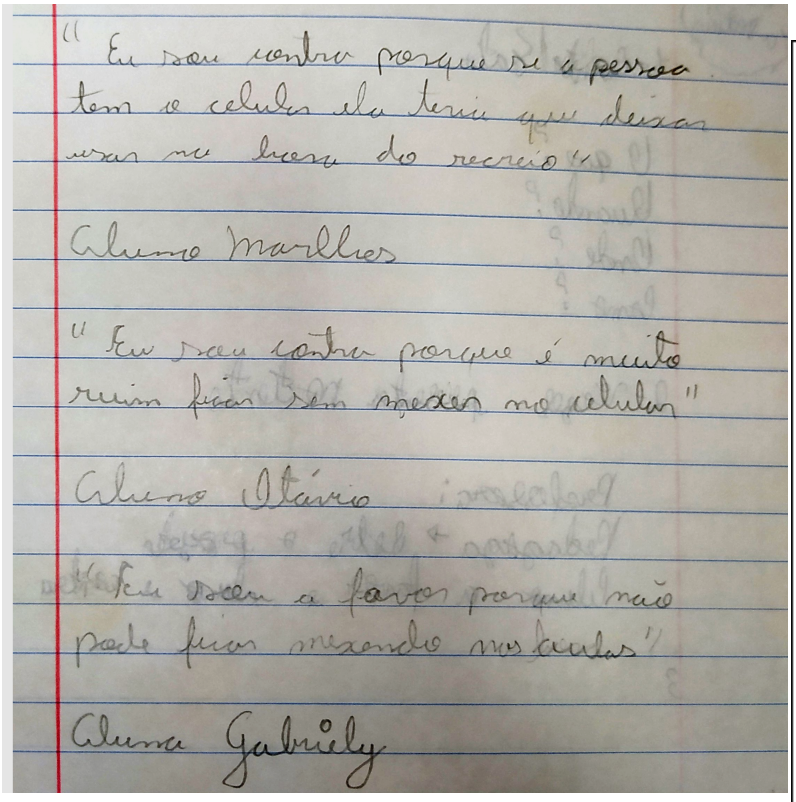
" Eu acho muito bom porque dai os alunos não ficam distraídos mexendo no celular e deixam de prestar atenção nas aulas"

Aluna Maria Luiza

" Eu sou a favor do projeto porque assim os alunos prestam mais atenção nas aulas".

25 alunos na sala hoje

19 alunos são a favor


" Eu sou contra porque se a pessoa tem o celular ela teria que deixar usar na hora do recreio".

Aluno Marllos

" Eu sou contra porque é muito ruim ficar sem mexer no celular"

Aluno Otávio

" Eu sou a favor porque não pode ficar mexendo nas aulas"

Aluna Gabriely

"Eu sou contra porque se a pessoa tem o celular ela teria que deixar usar na hora do recreio".
Aluno Marllos

"Eu sou contra porque é muito ruim ficar sem mexer no celular".
Aluno Otávio

"Eu sou a favor porque não pode ficar mexendo nas aulas".
Aluna Gabriely

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na etapa da reescrita, como era um assunto comum a todos do grupo, todos participaram dessa etapa sugerindo melhorias e apontando lacunas. Em "O projeto divide opiniões" os alunos demarcaram a polêmica do tema e pelas palavras do outro procuraram valorar o projeto citando o discurso da diretora, da pedagoga, de professoras e de alunos, uma contrárias e outra a favor: "A aluna M.L. é a favor do projeto "porque assim os alunos prestam atenção nas aulas". Já A.C. argumenta que "se a pessoa traz o celular ela deveria pelo menos usá-lo no intervalo".

Como se pode ler no texto da notícia, a escola implantou procedimentos para evitar o uso do celular em sala de aula, depois de identificar que a distração com os aparelhos era recorrente. Observa-se, portanto, que o tratamento temático sobre o projeto procurou evidenciar o problema (causa) e a atitude da escola diante do problema (consequência). Essa relação de causa e consequência é uma das características do gênero notícia, situando, no caso específico dessa notícia, o leitor o motivo da iniciativa do colégio, a necessidade em lançar essa estratégia.

Inicialmente os alunos "batizaram" o projeto como "projeto de recolher celulares", depois como "anti-celular", mas, por considerarem que esses termos não correspondiam ao que eles queriam dizer, ficaram discutindo, insatisfeitos, tentando encontrar um outro termo que levasse o leitor a compreender que o projeto não era contra celulares, mas sim, a favor de uma conscientização sobre o uso desse aparelho. O grupo fez várias tentativas até a criação do nome "celular-off" que correspondia ao que pretendiam dizer ao leitor: celular desligado. O termo off também demarca o grupo social desses alunos, pré-adolescentes inseridos em um ambiente de redes sociais.

Para eles, o novo título, *Projeto "celular off" é implantado no Guilherme de Almeida*, conseguia demarcar que o objetivo da pedagoga era implantar um projeto de conscientização e não uma imposição. Nessa intenção, no corpo da notícia escolheram o verbo *pedir* para designar a ação da profissional[67], observando que "ela não obriga a entregar o celular, ela pede, entrega o aluno que quer" (fala de Izabel durante a reescrita). Ressaltaram que era importante fazer essa diferenciação para que o leitor entendesse que não era obrigatória a entrega do aparelho. Os alunos, cientes de que o leitor não compartilhava do mesmo horizonte espaço-temporal deles, escolheram as palavras de forma intencional evitando interpretações errôneas acerca do objetivo da escola.

Além disso, incluíram o advérbio "geralmente" justificando que, às vezes, devido a atendimentos aos pais, a pedagoga não conseguia passar para recolher os celulares e eles

[67]Durante a escolha

achavam importante dizer isso, marcar que não eram todos os dias. Como resultado final, o parágrafo ficou assim: "*Geralmente*, após o sinal da entrada (7h30), a pedagoga E.A.N. vai às salas e *pede* que os alunos coloquem seus celulares na caixa que ficará guardada na coordenação até o final do período (11h45)".

Quadro 6 - Notícia *Edinho esteve em Loanda observando alunos de futsal e futebol*

EDINHO ESTEVE EM LOANDA OBSERVANDO ALUNOS DE FUTSAL E FUTEBOL
24/10/2019
Por João e Lucas

Edinho, ex capitão da seleção brasileira, esteve em Loanda, nos dias 23 e 24 de outubro, para assistir aos treinos dos subs 12, 13, 14, 15 e 17, da Escolinha de Futsal Loanda Futsal Menor (LFM).
O futebolista iniciou sua vida nos campos aos 13 anos. Além de ter sido jogador da seleção brasileira, também atuou como treinador e comentarista esportivo no canal Sportv.
A Escolinha de Futsal LFM fechou parceria com o ex jogador, que virá acompanhar os treinos a cada 50 ou 60 dias para poder orientar os professores quanto ao aprimoramento do ensino e descobrir futuros jogadores profissionais, inclusive, indicando-os para alguns clubes brasileiros. "Como treinador, descobri vários talentos e revelei muitos jogadores. Esse trabalho agora é para descobrir novos garotos, novos talentos", disse Edinho.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

João é aluno de uma escola de futebol e, assim que recebeu uma mensagem em aplicativo de bate-papo avisando sobre a vinda de ex-jogador Edinho para Loanda, enviou mensagem no grupo do projeto perguntando se poderia noticiar. Com a resposta afirmativa, ele convidou Lucas para escreverem juntos, para isso ele também deveria assistir à reunião[68] entre pais, alunos e escola de futebol. Como orientei, antes da escrita eles pesquisaram sobre Edinho e sobre a escola. Resolvi entrar em contato com o professor da escola de futebol para verificar a possibilidade de os meninos entrevistarem ex-jogador após a reunião. O pedido foi aceito e a dupla elaborou a pergunta: "Você já encontrou um talento em Loanda?"

Figura 5 - Cartaz virtual da escola de futebol sobre a vinda de Edinho a Loanda.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

[68]A reunião, realizada no dia 23/10/2019, no ginásio municipal de esportes, no período noturno, teve o objetivo de explicar aos pais sobre a parceria da escola com o Edinho e como seria desenvolvido o trabalho.

Nos dois primeiros parágrafos temos várias informações sobre Edinho. Ao invés de referenciar a ele como ex-jogador de futebol, os alunos citaram ex-capitão da seleção brasileira, jogador, treinador e comentarista esportivo. A escolha por assim explicar quem é o sujeito (tema) da notícia, mostra a valoração que se dá a ele e justifica ao leitor a importância do fato noticiado. A referenciação de forma variada pode ser justificada não apenas pelos vários papeis que o personagem exerceu no mundo esportivo, incluem-se o profissional dos campos (de futebol, no Brasil e na Europa) e do jornalismo esportivo. Considera-se, também, a perspectiva do leitor, que pode conhecer todas as facetas do fato/tema/objeto do discurso (Edinho) ou apenas uma ou outra.

A escolha pela palavra "futebolista", que não é muito usual para se referir ao ofício de jogar ou ex-jogador, provavelmente, reflete que os alunos consideraram que deveriam ser mais formais e optaram por um rebuscamento empregando, assim, uma palavra que estava na pesquisa realizada por eles antes da entrevista.

Ao fazerem sua pergunta, Edinho esquivou-se de uma resposta direta, falando de maneira ampla, o que causou uma visível quebra de expectativa na dupla[69]. O entusiasmo deles antes da notícia não foi o mesmo ao escrevê-la, pois, para a dupla, a pergunta estava sem resposta.

Durante a escrita da notícia, perguntei qual parte da fala do Edinho gostariam de contemplar. Eles disseram que nenhuma porque ele não havia respondido. Então expliquei que ele não respondeu como eles esperavam ou gostariam, mas que houve uma resposta e era importante citar o discurso do "sujeito" de quem a notícia trata.

> *Pesquisadora*: Precisa colocar alguma voz. Qual voz vocês acham importante?
> *João*: A voz do professor, porque aquela pergunta lá que a gente fez, eu acho que… (cara de não respondeu).
> *Pesquisadora*: Aquela parte do que vai ser um bom profissional, o que vocês acham…

Ouvimos novamente o áudio da resposta de Edinho, e auxiliei a dupla a selecionar um trecho para incluir na notícia. Depois João mostrou o áudio do professor da escola de futebol explicando o projeto e selecionamos um trecho também.

Durante a escolha do título, ficou clara a compreensão dos alunos sobre a característica de um título de notícia, dentre elas, que precisa ser conciso. Como pode-se ler no trecho de diálogo abaixo, Lucas sugeriu um título e logo o avaliou dizendo ser muito

[69] A pesquisadora também participou da reunião para acompanhar os alunos.

comprido. Além disso, topicalizaram o ponto principal de sua notícia, que era a vinda do Edinho, e marcaram seu intuito discursivo

> *Lucas*: Eu pensei no título "Edinho vem a Loanda para ver se algum aluno da escolinha LFM pode ser encaminhado para algum clube de futebol", mas não ficou bom, ficou muito comprido.
> *Pesquisadora*: Ficou muito comprido.
> *João*: Eu pensei "LFM trouxe Edinho em Loanda para avaliar os alunos que têm chance para ser jogadores profissionais".
> *Pesquisadora*: Tá. Então, vamos começar o título com Edinho, já que é o que vocês querem evidenciar.

Em toda a notícia, do título ao último parágrafo, marca-se que o intuito da dupla não era destacar a vinda do Edinho em si, mas a "descoberta de novos talentos" na cidade de Loanda, a oportunidade de alunos da escola de futebol se tornarem jogadores profissionais. Provavelmente João projetou em sua escrita um sonho seu, afinal, ele é um dos jogadores que treinam nessa escola, seu posicionamento axiológico é decorrente da própria expectativa de uma oportunidade de alcançar um sonho.

Quadro 7 - Notícia *Alunos organizam treinos de tênis de mesa (pingue pongue) no COLEGA.*

ALUNOS ORGANIZAM TREINOS DE TÊNIS DE MESA (PINGUE PONGUE) NO COLEGA
29/10/2019
Por André, Luana e Ronaldo.

No colégio Guilherme de Almeida estão acontecendo treinos de tênis de mesa, nas terças-feiras, das 13h às 15h30, com estudantes do 6º ao 8º ano. A iniciativa partiu dos alunos Y.R.S, D.R.B e F.S.S, que são os treinadores.
A ideia surgiu devido ao interesse de aprimoramento dos praticantes e teve apoio da direção e coordenação da escola. O time já participou de campeonatos da cidade e também de campeonato regional. "A gente não esperava participar de campeonatos, mas como os jogadores apresentaram bom desempenho, após observação, escolhemos alguns alunos, que já estavam preparados, para representar o colégio", disse Y.R.S. O grupo de alunos pretende continuar com os treinos no próximo ano (2020).

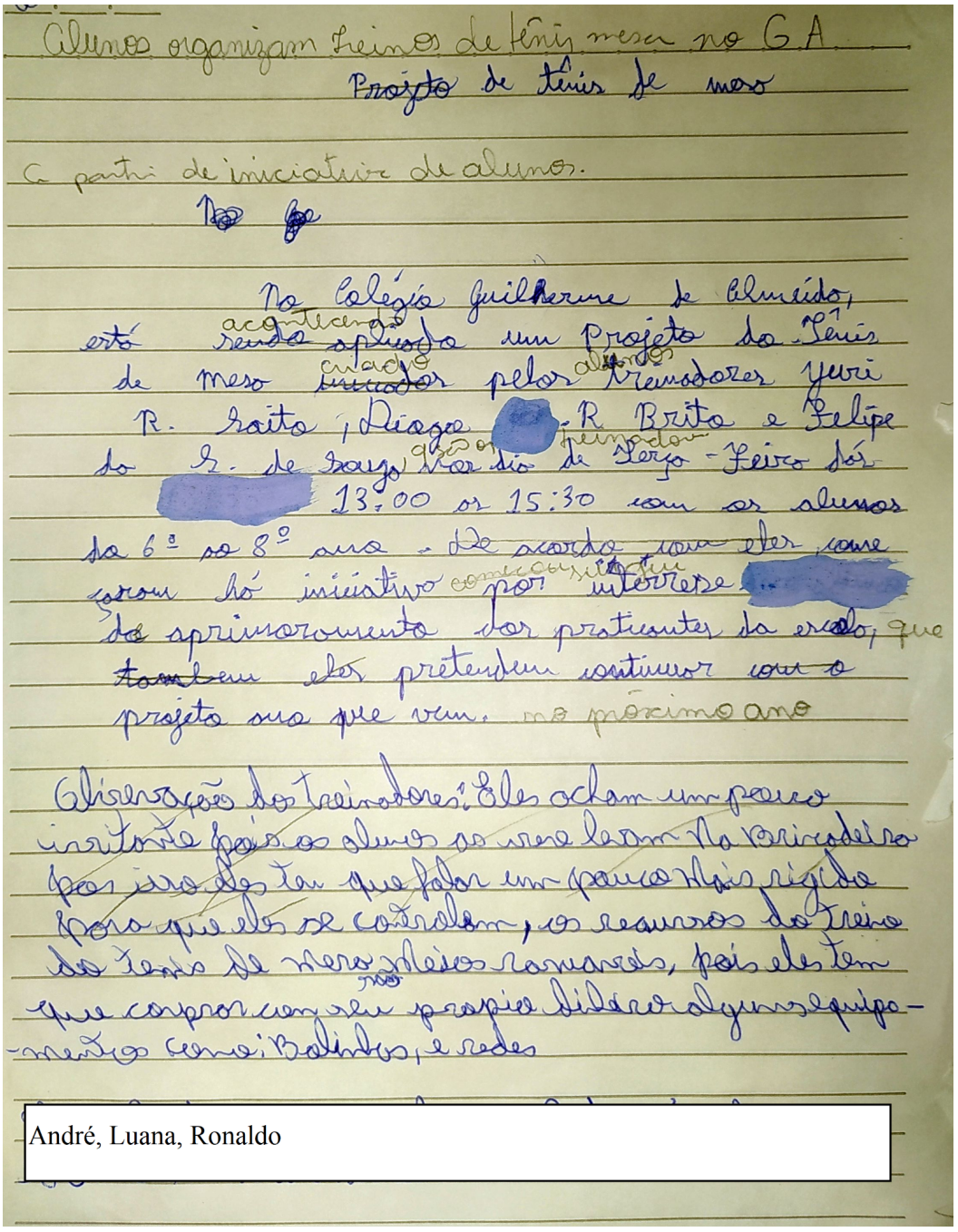
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Ao solicitar aos alunos que escolhessem temas para noticiar, André, Luana e Ronaldo se colocaram à disposição para escreverem sobre os treinos de mesa, do qual dois deles faziam parte e gostavam muito. Compreendemos que é fundamental que o pesquisador conheça a situação extraverbal e que assuma o papel de co-enunciador do autor, de modo a dialogar com o objeto em estudo. Dito de outro modo, "precisa inserir-se no horizonte espacial e temporal do autor para melhor compreender e avaliar a situação discursiva" (COSTA-HUBES, 2017, p.558).

Na fase de planejamento, os produtores do texto escolheram como uma das vozes testemunhais o aluno responsável pelos treinos, no entanto, quando os alunos trouxeram a

notícia escrita, a fala dos alunos-treinadores estava separada do texto e sinalizada como observação.

Figura 6 - Versão inicial da notícia *Alunos organizam treinos de tênis de mesa (pingue pongue) no COLEGA.*


Alunos organizam treinos de tênis mesa no G.A

Projeto de tênis de mesa

A partir de iniciativa de alunos.

No Colégio Guilherme de Almeida, está sendo aplicado um Projeto de Tênis de mesa pelos alunos treinadores Yuri R. Saito, Diogo R. Brito e Felipe do R. de Souza nos dias de Terça-Feira das 13:00 as 15:30 com os alunos do 6º ao 8º ano. De acordo com eles esse projeto há iniciativo por interesse de aprimoramento dos praticantes da escola, que também eles pretendem continuar com o projeto nos que vem. no próximo ano

Observações dos treinadores: Eles acham um pouco irritante pois os alunos as vezes levam na brincadeira por isso eles tem que falar um pouco mais rígido para que eles se controlem, os recursos do treino de tenis de mesa são poucos, pois eles tem que comprar com seu proprio dinheiro alguns equipamentos como: Bolinhas, e redes

André, Luana, Ronaldo

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Questionei o porquê de a fala não estar no corpo da notícia e eles me responderam que se eles incluíssem a fala o leitor teria a impressão de que os treinos eram uma bagunça. Portanto, eles preferiam que não constasse na notícia. Continuando, perguntei por que

também preferiram omitir a fala sobre o orçamento. Responderam que também não gostariam de escrever, pois poderiam contrariar a direção da escola.

> *Pesquisadora*: Dessas falas, o que vai para a notícia de vocês?
> *André*: Professora, eu não posso mudar, então… [...]
> *Pesquisadora*: Vejam como o jornalista tendenciona, a gente mesmo já está pensando: é interessante mostrar para o leitor que tem aluno que vem para o treino, mas não leva a sério?
> *Vários*: Não.

Estava claro que o projeto discursivo desses alunos era enaltecer o tênis de mesa e estavam moldando a notícia conforme a avaliação que fizeram do tema. Durante o último encontro, essa questão das falas dos treinadores foi retomada pelo grupo todo.

> *Pesquisadora*: Na notícia do André, Luana e Ronaldo só estavam faltando as vozes dos treinadores. Os dois depoimentos eles não gostaram: era um falando que os alunos brincavam demais e o outro falando do dinheiro. O do dinheiro você falou que não achava legal e o do brincar você falou que...
> *Maria*: Eles não levavam a sério e não estavam nem aí pro treino.
> *Pesquisadora*: Então, colocar uma informação dessa na notícia vai...
> *Maria*: Falar que a escola é uma merda, escrever "A escola é uma merda".
> *Pesquisadora*: Vai desmerecer..
> *Maria*: A escola.
> *Pesquisadora*: Exatamente. A intenção do grupo ao fazer a notícia é justamente o contrário. Quando vocês pensaram nessa notícia era por quê? Qual a intenção de vocês ao noticiarem esses treinos?
> *André*: Mostrar que está tendo treino e a iniciativa dos alunos.
> *Pesquisadora*: Exatamente. Mostrar que está tendo treino e a iniciativa é não denegrir o projeto. Eles [o trio] chegaram à conclusão de que não era legal. O que foi pedido? Que eles pegassem falas que fossem pontos positivos do projeto. Então está fácil de reorganizar.

Esse diálogo faz parte do momento de reescrita dessa notícia, que já havia passado por uma reescrita com o trio. Não só os autores como os demais alunos do grupo optaram pelo apagamento desses discursos dos alunos-treinadores considerando não apenas o que o outro poderia compreender ao ler o texto, como também a imagem que o outro poderia fazer da escola deles.

Quando André, Luana e Ronaldo quiseram noticiar os treinos de tênis de mesa na escola, pretendiam divulgar os treinos, enaltecendo-os, por isso "apagaram" o dizer do entrevistado que, muito mais que não responder às expectativas do trio, ia contra o projeto de dizer pensado por eles. Sobre essa ação dos autores, recorremos a Oliveira (2020):

> em todo enunciado há um posicionamento de sujeito, seja este individual, coletivo, presumido, explícito. O importante é que ele se assume como autor no processo de gerenciamento das vozes sociais que se fazem presentes nos enunciados, sejam estas vozes dele autor, sejam vozes alheias (OLIVEIRA, 2020, p.49)

Ao exercer a autoria, demarca-se a relação sujeito e linguagem, pois o enunciado do sujeito é construído por suas vozes e as alheias que, inclusive, são tomadas como próprias, o que caracteriza um movimento de interação verbal de caráter dialógico. Ainda sobre as vozes testemunhais, questionei se não havia algo de positivo na fala dos alunos-treinadores, algo que pudesse ser contemplado na notícia

> *Trio*: Um ponto positivo foi levar para o campeonato porque o time estava bem.
> *Pesquisadora*: Então vamos acrescentar.
> *Ronaldo*: Professora, poderia ser uma fala "Devido ao desenvolvimento dos jogadores…"
> *Pesquisadora*: Eles não esperavam ir para o campeonato?
> *Ronaldo*: Não.

O parágrafo sobre os campeonatos e a voz do aluno-treinador foram incorporados à notícia após a reescrita, "A gente não esperava participar de campeonatos, mas como os jogadores apresentaram bom desempenho, após observação, escolhemos alguns alunos, que já estavam preparados, para representar o colégio". Ao conversarmos sobre o desenvolvimento das informações no lide, André sugeriu uma reescrita citando o papel da direção

> *André*: Professora, podia falar "da iniciativa dos alunos junto com a diretora, a coordenação".
> *Pesquisadora*: E se falarmos que a ideia surgiu dos alunos e teve apoio da direção e coordenação da escola?
> *André*: Sim.

Após a retomada da função do título da notícia e da sua estrutura, instiguei o grupo a perceber as alterações de sentido em consequência da alteração que eles sugeriam na ordem das palavras.

> *Pesquisadora*: "Alunos organizam treino de tênis de mesa no Guilherme de Almeida". O que acharam do título? Treino de mesa ou pingue pongue?
> *Luana*: Professora, pode ser "Treinos de tênis de mesa acontecem no Guilherme"?
> *Pesquisadora*: Pode ser também, mas não ressalta que são os alunos que organizaram. Qual a intenção de vocês? De um jeito evidencia a iniciativa dos alunos logo no título, do outro evidencia os treinos. O que vocês preferem? O texto é de vocês.

Desde o planejamento ficou clara também a intenção de destacar a iniciativa dos alunos, o que se marcou durante a escolha do título da notícia. Inicialmente os alunos apenas escreveram “Projeto de tênis de mesa”. Expliquei que essa estrutura de título não estava adequada para uma notícia, principalmente porque faltavam dados para que o leitor antecipasse o que seria abordado na notícia. O destaque ao protagonismo dos alunos, como em outras notícias, ficou marcado em todo texto, desde o título que topicaliza os estudantes, aos discursos diretos escolhidos. Afinal, entrevistaram apenas os alunos, não contemplaram a voz de professor ou da direção.

Ainda sobre o título, Luana sentiu necessidade de escrever “pingue-pongue”, justificando que esse termo é mais comum, portanto mais pessoas saberiam a que se refere. Novamente vemos a projeção do interlocutor. Certamente Luana projetou não só os alunos do colégio, mas, pessoas que não compartilhavam do mesmo conhecimento que eles. O trio entrou em acordo para deixar o termo entre parênteses. Apesar de não ser comum elementos explicativos no título, não interferi, pois essa escolha reflete a preocupação de Luana em tornar mais claro o tema para o leitor. Durante a reescrita, houve várias possibilidades de reflexão linguística.

> *Luana*: Como escreve pingue pongue? Não é uma palavra estrangeira?
> *Pesquisadora*: Vamos ver...[pausa para pesquisa em dicionário on-line]. Aceitam os dois jeitos. Como era uma palavra muito usada, aportuguesou.
> *Maria*: Aportuguesou? Existe essa palavra?
> *Pesquisadora*: Sim
>
> *Pesquisadora*: Alunos realizam treinos de tênis de mesa. Realizam parece que não é sempre, parece que é uma vez ou outra. Organizam parece que é contínuo. Vocês têm a mesma impressão.
> *Maria*: “Organizam” fica melhor.
>
> *Pesquisadora*: Os alunos ou os jogadores já participaram?
> *Lucas*: Os jogadores.
> *Pesquisadora*: Os jogadores ou o time?
> *André*: O time.

O texto 6 parece demonstrar que os alunos compreenderam que a notícia também é uma seleção do que dizer sobre o fato abordado de modo a atender um ponto de vista. Conforme já fora citado na seção 1.3, para Lage (2000, p.16) o processo de escrita de uma notícia prevê três fases: a seleção dos eventos, a ordenação e a nomeação, uma vez que a notícia é uma exposição do fato partindo do que é considerando mais importante, e o critério

importante será ditado pelo posicionamento do autor da notícia, ou do veículo de comunicação.

Quadro 8 - Notícia *Conversa sobre Outubro Rosa movimenta COLEGA*

CONVERSA SOBRE OUTUBRO ROSA MOVIMENTA COLEGA
31/10/2019
Por Izabel e Vivian.

Representantes do grupo "Meninas dos olhos de Deus", R.V e L.F., estiveram no Colégio Guilherme de Almeida, nesta terça-feira (29/10), para um bate papo sobre câncer com os alunos do período vespertino e do projeto Linhas e Entrelinhas da Notícia.

A ideia inicial era falar somente sobre o câncer de mama e a saúde da mulher, mas como os alunos interagiram muito, as representantes acabaram comentando sobre outros tipos de câncer e também sobre a saúde do homem.

Conforme R.V., o grupo "Meninas dos olhos de Deus" surgiu há um tempo, em Maringá, quando duas mulheres que estavam em tratamento contra o câncer começaram a conversar e resolveram se unir. Atualmente são 86 participantes, somente mulheres, de diferentes cidades. Não há uma líder, mas sim, todas se ajudam. Um aluno que estava presente questionou se havia um grupo de homens, como não há, lançou a sugestão.

De acordo com as representantes, em Loanda não há mais mulheres na fila de espera para mamografia, "conseguimos encaminhar todo mês um ônibus cheio de mulheres para Umuarama, UOPECCAN, para realizarem a mamografia e não ficarem na fila esperando", disse R..

No início da fala, todos ganharam um laço rosa para colocarem no peito, representando o Outubro Rosa, a luta pela saúde das mulheres. Ao final, todos ganharam dois bombons, um para comerem e outro para entregarem a uma mulher especial (mãe, avó, tia, irmã...) junto com a pergunta: **"Você já fez a sua mamografia?".**

L.F. fez um alerta aos alunos: "Não fume, não beba, pratique exercícios, pois isso previne o câncer. Cuide de sua saúde! **O câncer tem cura, e mais importante que tratamento é a gente cuidar da saúde, prevenir!**".

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A notícia de Izabel e Vivian foi um ato responsivo aos textos-enunciados lidos/ouvidos durante o mês de outubro[70], considerando que neste mês há uma ampla divulgação de propagandas, notícias, entrevistas, etc. voltadas para a prevenção do câncer de mama.

> [...] O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) [...]. Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (BAKHTIN, 2011[1930-1940], p.401).

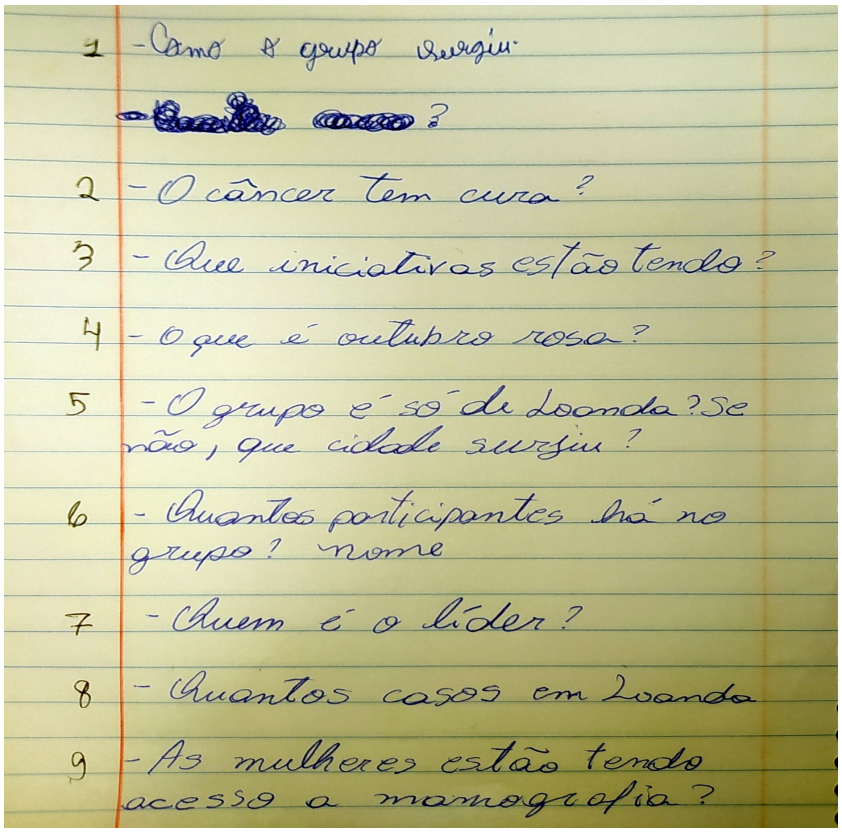
Quando as meninas se mostraram interessadas por esse tema e planejamos que elas "colheriam" mais informações com representantes de um grupo de ajuda a mulheres em tratamento de câncer, precisei intermediar uma fala com essas mulheres. O grupo em questão, "Meninas dos olhos de Deus", é muito conhecido e atuante na cidade em que a pesquisa foi aplicada.

[70]Mês em que a notícia foi produzida.

No trecho “Conforme R.V, o grupo ‘Meninas dos olhos de Deus’ surgiu há um tempo, em Maringá, quando [...]” as alunas trouxeram ao leitor um breve histórico do grupo de apoio e na voz, indireta, de uma das protagonistas. Na notícia, a voz alheia é importante não apenas para o veículo se isentar de responsabilidade do que fala como também para dar credibilidade ao que se fala, o que aconteceu nesse caso. “O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006[1929], p.147).

Inicialmente a fala seria apenas para o grupo do projeto, mas após ler as perguntas formuladas pela dupla responsável, sugeri à diretora que estendesse aos demais alunos do período vespertino. Ela gostou da sugestão, e a entrevista para coletar informação para a escrita da notícia se tornou uma “entrevista-palestra”.

Figura 7 - Algumas questões planejadas pelas alunas para a “entrevista-palestra”



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A proposta era falar sobre “Outubro Rosa” e as ações do grupo na cidade. Porém, devido à interação dos alunos presentes houve uma ampliação temática durante o acontecimento: o câncer no homem. No texto inicial a dupla não selecionou essa informação, mas durante a reescrita, foi incluída. Enquanto discutíamos sobre o título, o aluno João

“atravessava” a conversa querendo marcar o recado que havia sido dado aos meninos também.

> *Pesquisadora*: Palestra do Outubro Rosa no Colega. O título não ficou muito legal, e faltou verbo. Como poderia ser?
> *João*: Prof, Outubro Rosa é para mulheres?
> *Vivian*: Prof e se trocar por conversa?
> *Pesquisadora*: Gostei. O que vocês acharam da conversa? Ela movimentou.
> *João*: Prof, e Outubro Rosa não é só para mulheres. Alertaram que não é só mulher que tem câncer.
> [...]
> *Vivian*: Título pode ser conversa, bate-papo sobre o câncer de mama.
> *João*: Sobre o câncer!

Atendendo ao anseio do aluno de também incluir o alerta aos homens, propus à dupla que incluíssemos a informação. Ficou nítido o impacto do discurso ouvido pelo menino que desejava reenunciá-lo, marcá-lo.

> *Pesquisadora*: Podemos fazer um parágrafo sobre o que o Anderson falou, que a ideia inicial era falar sobre câncer de mama, mas como os alunos interagiram muito...
> *Maria*:... Acabou falando de outros tipos de câncer
> *Pesquisadora*: Inclusive da saúde...
> *Maria*: ...do homem

Continuando a reescrita, em outro momento João se pronunciou novamente voltando a atenção ao público masculino.

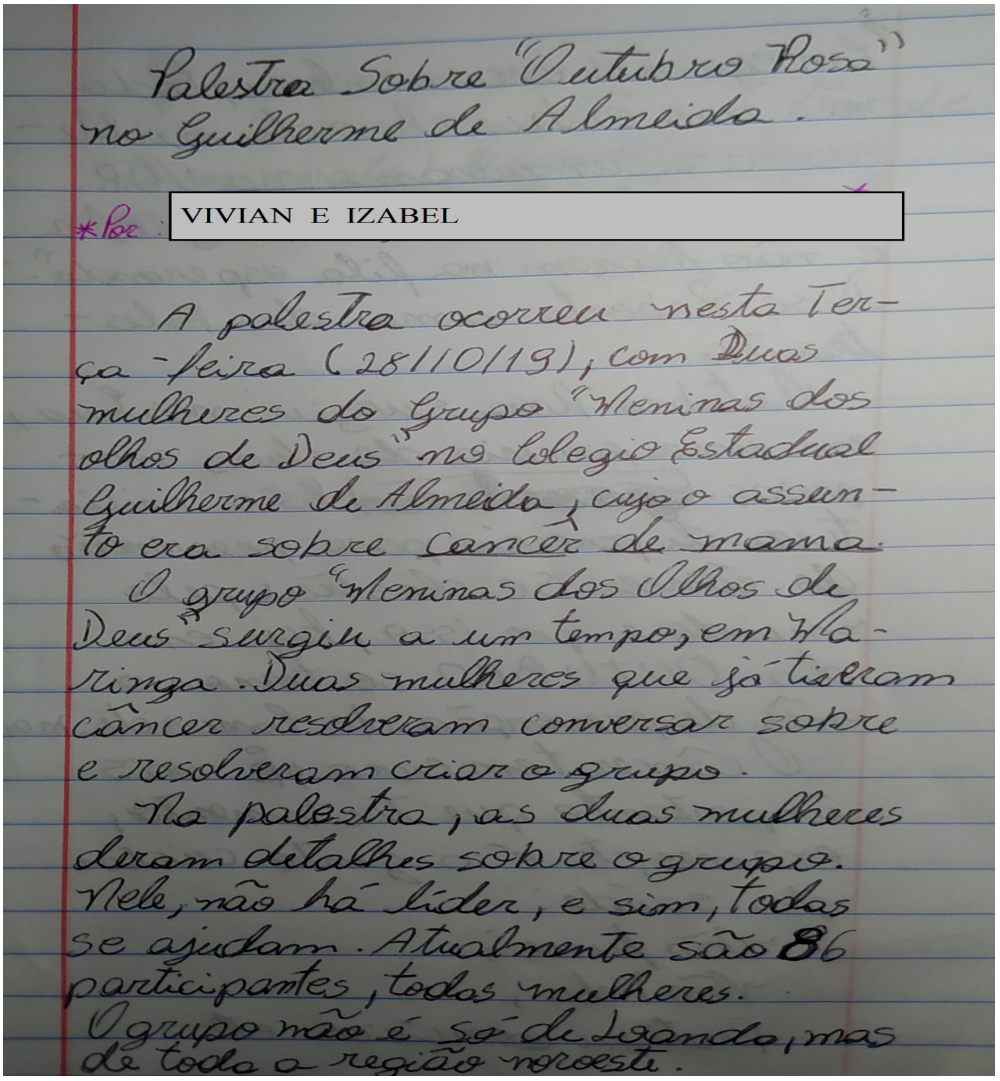
> *André*: Professora, tem que falar também que elas estão pensando em criar um grupo de homens
> *Pesquisadora*: Elas não estão pensando, foi proposto, e é super legal, foi um aluno, né?
> *André*: Aham
> *Pesquisadora*: Então, vamos colocar que um aluno questionou e sugeriu. O que acha?

Sendo assim, ficou demarcado na notícia que o evento foi além do planejado e que os meninos também foram alvo da conversa em meio ao tema "Outubro Rosa". O último período da notícia, “L.F. fez um alerta aos alunos: ‘Não fume, não beba, pratique exercícios, pois isso previne o câncer. Cuide de sua saúde! **O câncer tem cura, e mais importante que tratamento é a gente cuidar da saúde, prevenir!**’, transgrediu o gênero, devido ao contexto extraverbal dos cuidados necessários que se deve ter pelas e com as mulheres, por conta de uma doença grave. o texto da notícia ganhou, ao final, contornos de gêneros mais propícios da esfera da comunicação publicitária, como anúncio, fôlder, panfleto etc. em que há a estratégia

argumentativa, nesses casos de conteúdo temático da área da saúde, de procurar conscientizar a população sobre os cuidados necessários para evitar doenças. Estratégia, claro, que não cabe no texto noticioso.

Dessa forma, compreendemos que ao reenunciarem o discurso sobre a importância de as mulheres realizarem o autoexame e a mamografia periodicamente, o desejo de aconselhar as mulheres foi tal que houve um desvio das características do gênero discursivo notícia, como se percebe na versão inicial.

Figura 8 - Versão inicial da notícia *Conversa sobre Outubro Rosa movimenta COLEGA*.



Palestra Sobre "Outubro Rosa" no Guilherme de Almeida.

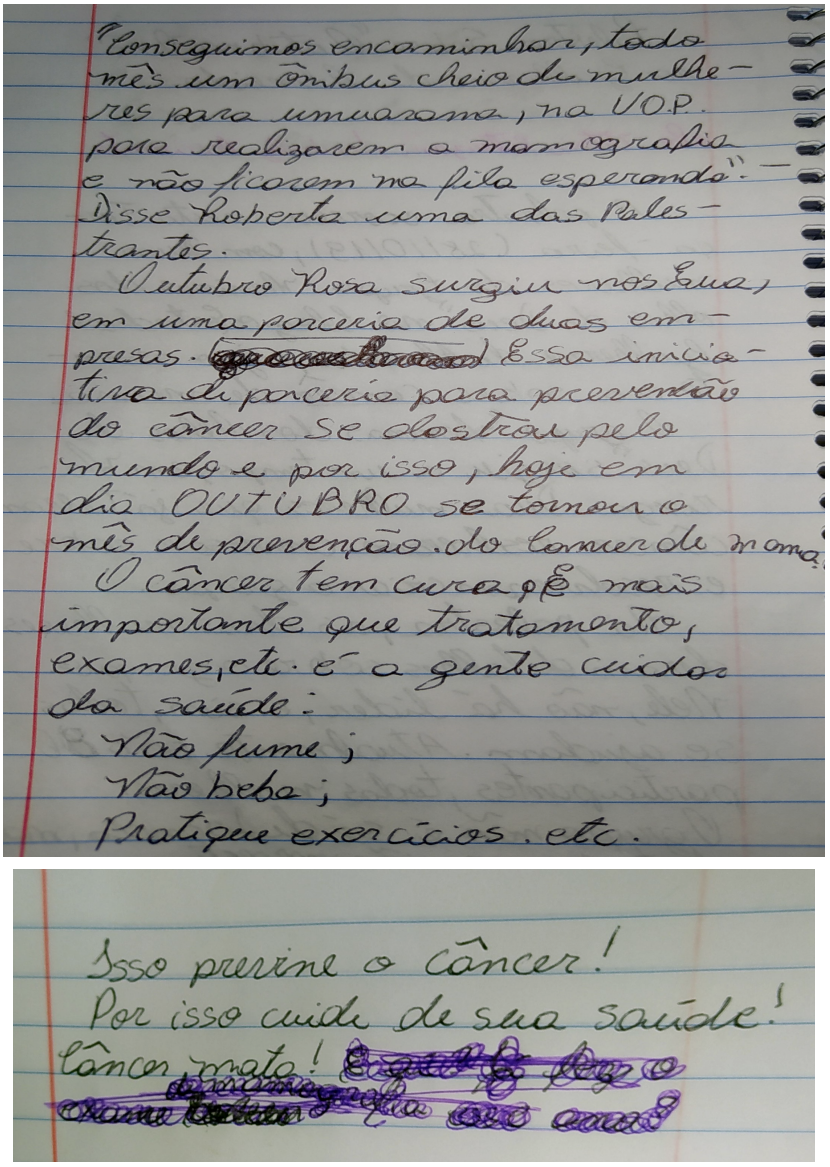
*Por: VIVIAN E IZABEL

A palestra ocorreu nesta Terça-feira (28/10/19), com Duas mulheres do Grupo "Meninas dos olhos de Deus" no Colegio Estadual Guilherme de Almeida, cujo o assunto era sobre cancer de mama.

O grupo "Meninas dos Olhos de Deus" surgiu a um tempo, em Valinga. Duas mulheres que já tiveram câncer resolveram conversar sobre e resolveram criar o grupo.

Na palestra, as duas mulheres deram detalhes sobre o grupo. Nele, não há líder, e sim, todas se ajudam. Atualmente são 86 participantes, todas mulheres.

O grupo não é só de Leanda, mas de toda a região noroeste.


Conseguimos encaminhar, todo mês um ônibus cheio de mulheres para umuarama, na U.O.P. para realizarem a mamografia e não ficarem na fila esperando". — Disse Roberta uma das Palestrantes.

Outubro Rosa surgiu nos Eua, em uma parceria de duas empresas. Essa iniciativa de parceria para prevenção do câncer se alastrou pelo mundo e por isso, hoje em dia OUTUBRO se tornou o mês de prevenção do câncer de mama.

O câncer tem cura e é mais importante que tratamento, exames, etc. é a gente cuidar da saúde:

Não fume;

Não beba;

Pratique exercícios. etc.

Isso previne o câncer!

Por isso cuide de sua saúde!

Câncer mata!

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Considerando a importância do trecho final para as autoras da notícia, indaguei como poderíamos dizer de maneira adequada ao estilo do gênero.

> *Pesquisadora*: "O câncer tem cura e mais importante que a gente cuidar da saúde [...] por isso cuide da sua saúde". Jóia! Tudo muito legal. Mas está no estilo de uma notícia?
> *Vários*: Não.
> *Pesquisadora*: Mas podemos colocar no estilo da notícia. Como podemos falar?
> *Pesquisadora*: Ficou "Foi feito um alerta sobre a prevenção do CA". E se falarmos que foram as dicas delas?
> *Vários*: Pode ser.
> *Pesquisadora*: Discurso indireto ou querem colocar entre aspas a fala dela?
> *Vários*: Sim, fica bom! [as aspas]

Expliquei a importância da voz alheia na notícia e, retomando o que havíamos discutido durante a etapa de leituras de notícias, o uso do discurso direto e do discurso indireto no corpo do texto-enunciado.

> O projeto discursivo da notícia pode ser considerado como o autor e seu querer-dizer; é a vontade, a intenção a proposição do falante mediada pelo discurso e saturada de posições ideológicas e orientações valorativas. [...] Nas diversas situações de interação, o autor, tendo em vista seu projeto (intenção), regulariza seu discurso (posto que este se constrói perpassado por outros discursos, por posicionamentos ideológicos e orientações axiológicas), projeta seu leitor (constrói uma visão ou uma posição de leitor ideal, isto é, arquiteta um leitor previsível para seu querer-dizer) e se apropria de sentidos plausíveis e coerentes à situação e seu projeto (sentidos relativos ao seu objeto de discurso) (ACOSTA-PEREIRA, 2008, p. 122-123).

Finalizando a reescrita desse período, uma aluna sugeriu que a palavra "alerta" fosse negritada. Os demais alunos concordaram e pediram que fosse negritado parte do discurso direto, do recado às mulheres. Esse destaque confirmou a intenção comunicativa da dupla: conversar com outras mulheres sobre os cuidados consigo mesmo, especificamente, a prevenção do câncer.

Quadro 9 - Notícia *Alunos do Guilherme de Almeida participam de pesquisa de mestrado*

ALUNOS DO GUILHERME DE ALMEIDA PARTICIPAM DE PESQUISA DE MESTRADO
31/10/2019
Por Alunos do Projeto Linhas e entrelinhas da notícia.

Um grupo de alunos dos 6º anos A e B participaram do projeto "Linhas e entrelinhas da notícia" que aconteceu nos meses de setembro e outubro, no Colégio Guilherme de Almeida.

Durante 13 encontros foram feitas leitura, análise e escrita de notícias, para essa última atividade, também foram realizadas entrevistas. Os alunos noticiaram fatos da escola e da cidade, um total de 8 notícias, algumas escritas pelo grupo todo, outras por grupos menores, duplas ou individualmente. Conforme A.C, aluno do projeto, foi importante a experiência de escrita em equipe.

Para a diretora A.R., o projeto obteve um resultado além do esperado, pois os alunos se destacaram na hora da escrita das notícias.

"Eu comecei a gostar e sentir vontade de escrever e agora estou lendo os textos com pensamento mais crítico, analisando", disse I.. "Me interessei mais pelas outras aulas, foi divertido e me desenvolvi mais na escola", relatou A.M.

O projeto faz parte da pesquisa de mestrado "Produção textual escrita no ensino fundamental: o gênero notícia na interação verbal do aluno sujeito do dizer", que está sendo desenvolvida pela professora Flaviane Moraes, sob orientação do professor Dr. Neil Franco (UEM). Conforme a professora pesquisadora, a participação dos alunos e as produções escritas superaram as expectativas dela configurando-se em um excelente material para a sua pesquisa.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Essa notícia confirma uma das asserções que tínhamos desde o início de nossa pesquisa: que a notícia seria um caminho para os alunos poderem falar sobre o mundo que

estava ao seu redor. Querer dizer sobre a pesquisa em que estava inserido o projeto "Linhas e entrelinhas da notícia" foi uma avaliação do momento em que estavam vivendo. Relataram porque o gênero proposto era a notícia, provavelmente se fosse outro gênero, de caráter argumentativo, posicionariam-se de maneira mais aberta sobre o momento deles de escrita, de participar de um projeto escolar, de uma pesquisa acadêmica.

Com alguma frequência os alunos perguntavam-me sobre a Universidade e não demorou para mostrarem o desejo de noticiar a participação deles em um projeto de pesquisa. Inferimos, a partir dessa vontade discursiva, que não só perceberam a singularidade da situação vivida, como quiseram expô-la à comunidade, sugerindo a produção e a publicação de uma notícia no jornal regional impresso. A intenção era mostrar a eles mesmos, o momento deles, e isso ficou evidente na notícia pela seleção das informações, da sequência frasal, da topicalização no título. Primeiro eles escrevem sobre os alunos, as impressões sobre o projeto e, por último, da pesquisa que estava sendo realizada. Observem que chamar a atenção para eles próprios ficou linguisticamente marcado nas palavras iniciais no título do texto: "*Alunos* do Guilherme de Almeida participam de pesquisa de mestrado"

No momento da escrita, os alunos empolgaram-se tanto em falar sobre seus atos de escrita que precisaram ser lembrados de falar do projeto, o tema que haviam sugerido. Após escrevermos o lide e o segundo parágrafo sinalizei aos alunos que estava faltando falar sobre algo.

> *Pesquisadora*: Ninguém percebeu o que está faltando informar?
> [...]
> *Maria*: O porquê?
> *Pesquisadora*: Pode ser, quase…
> *Izabel*: O porquê aconteceu?
> *João*: Porque a professora Flaviane está fazendo mestrado.
> *Pesquisadora*: A gente ainda não falou do projeto.
> *Izabel*: Falou do que a gente escreveu e do que publicou… (risos)

André pontuou que estavam faltando as vozes e ainda destacou que deveriam ser vozes de autoridade. Representando os alunos, cada um falou sobre o projeto e depois escolheram os discursos de Maria, André e Izabel para comporem a notícia.

> *André*: Professora, precisa pedir a opinião de alguém.
> *Pesquisadora*: Vamos pegar a opinião de vocês.
> *André*: Não, professora, da coordenadora, da diretora, da professora.
> *Pesquisadora*: Vamos perguntar.

Mesmo falando de si mesmos, os alunos escreveram, coletivamente, o texto em terceira pessoa de modo a atender o estilo do gênero, comprovando que também compreenderam essa característica, a do uso da pessoa do discurso característico do gênero em questão.

Quadro 10 - Notícia *Prova SAEB é aplicada no colega.*

PROVA SAEB É APLICADA NO COLEGA
5/11/2019
Por Maria e Isadora.

A Prova SAEB foi aplicada no dia 4/11, no Colégio Guilherme de Almeida, para os 9º anos do ensino fundamental II e 3º anos do ensino médio. Essa prova acontece a cada dois anos em todas as escolas do Brasil e é um dos instrumentos utilizados pelo MEC para avaliar a qualidade da educação brasileira. O resultado dessa avaliação integra o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Na semana anterior à prova, a diretora A.R. foi até as salas dos 9º e 3º anos e fez uma fala aos alunos explicando o que é a Prova SAEB e a importância da presença deles.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Para a produção dessa notícia, as alunas Maria e Isadora acompanharam a fala da diretora aos alunos e pesquisaram sobre a Prova Saeb. O texto inicial teve pouquíssimas alterações, primeiro porque as alunas fizeram refletindo sobre as perguntas básicas do lide e a necessidade de contextualizar ao leitor o tema escolhido, segundo porque os alunos não fizeram sugestão durante a reescrita, como se não tivessem o que discutir sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção textual escrita seria (e foi) o fim da aplicação do nosso procedimento didático, mas, no processo, muito deveria ser (e foi) indicado aos alunos, visto que nossa proposta de pesquisa não era simular repórteres, mas, sim, contribuir com a constituição dos sujeitos participantes da pesquisa como leitores que extrapolassem a sala de aula e, assumindo o papel de produtores de texto, escrevessem sobre o que os cercava e o fizessem para um leitor real.

Considerando que o grupo era formado por 11 alunos e os encontros aconteceram em horário contraturno, a possibilidade de trabalho com gênero discursivo em sala de aula apresentada nesta dissertação aponta para a necessidade de deslocar o aluno da sala de aula em algumas situações de escrita. Também ficaram evidentes a importância de pensar e propor projetos de produção escrita na educação básica e a necessidade do engajamento da gestão.

Nosso objetivo geral foi investigar de que maneira os alunos de 6º ano de uma escola pública responderiam a um procedimento didático visando à produção textual escrita de notícias. Especificamente, buscamos analisar: i) se à medida que fossem conhecendo as dimensões da notícia, os alunos desejariam "tomar a palavra" respondendo a situações próximas à sua realidade, dialogando com seu entorno; ii) se os alunos contemplariam as dimensões desse gênero discursivo em suas produções textuais.

Talvez o silêncio inicial dos educandos (p.57) seja reflexo não só de quem ainda não tem um olhar mais atento para os acontecimentos ao redor e possíveis fatos a serem transformados em notícia, o que é natural para a pouca idade e, consequentemente, por uma imaturidade de várias ordens: física, psicológica, cognitiva, social etc, e por uma necessidade de responder às diversas situações do cotidiano de maneira mais imediata. Não se descarta, também, em se tratando mais especificamente do ambiente escolar, a própria postura de esperar que as respostas sejam apresentadas pelo professor. No decorrer da incursão em sala, com nossas intervenções, os alunos tomaram a palavra e dialogaram com seu entorno, noticiando acontecimentos da própria escola (apenas uma notícia "extrapolou" o espaço escolar). Sem nenhuma obrigatoriedade ou imposição, eles escolheram os temas que noticiariam e formaram os grupos para a escrita.

O aluno Lucas, de maneira autônoma, desejou falar sobre as finais do tênis de mesa e, sozinho, planejou sua notícia, entrevistou os jogadores e escreveu, ou seja, a vontade de dizer e a liberdade para concretizar seu projeto de dizer ficaram evidentes. O emergir do fato Edinho pode apontar que a discussão em torno do esporte, nas notícias anteriores, suscitou

sentidos relacionados à vivência de João, que o estudante buscou algo da sua realidade a partir da provocação de uma prática escolar. João viu-se diante da oportunidade de falar sobre o mundo, sobre seus gostos e assim o fez. Talvez tenha projetado em sua escrita um sonho particular, afinal, ele é um dos jogadores que treinam na escola de futebol.

Portanto, podemos concluir que houve um engajamento discursivo dos sujeitos participantes do projeto, o que resultou na responsividade deles, na escrita de notícias. Sem a adesão dos alunos, o diálogo não seria estabelecido, nem com a pesquisadora, nem com os interlocutores.

Os encontros com os alunos constituíram-se em acontecimentos, cada aula era uma enunciação única, momentos únicos e irrepetíveis, e cada um deles agiu como ser único e irrepetível expondo seus gostos, suas compreensões na leitura, seu projeto de dizer, assumindo-se como sujeito do dizer. A notícia *Alunos do Guilherme de Almeida participam de pesquisa de mestrado* nos leva a concluir que os sujeitos participantes da pesquisa perceberam e assumiram essa situação especial e única.

Na dimensão extraverbal, a materialidade linguística dos textos-enunciados marcaram a esfera social e o momento histórico de produção desses e a atitude valorativa que tiveram diante do tema. Os sujeitos da pesquisa, ao tomarem a palavra, consideraram o veículo e suporte de circulação das notícias, sua finalidade (informar com precisão, por meio da seleção do jornalista). A partir de um papel social definido (alunos do Colégio Guilherme de Almeida, sujeitos participantes de um projeto de produção escrita) “lançaram a ponte” a um interlocutor “previsto”, moldando seu discurso de acordo com a imagem que fizeram desses interlocutores e de seu projeto discursivo.

Na dimensão verbal, percebemos o conteúdo temático típico desse gênero discursivo (o que era “dizível” em notícias), o uso da terceira pessoa do discurso, verbos no pretérito, variedade linguística intermediária, norma “padrão”, sinais de pontuação típicos da notícia (em especial as aspas), verbos declarativos, atenção à construção dos títulos, topicalização do termo/ideia que se pretende evidenciar e a presença dos três elementos razoavelmente estáveis da construção composicional da notícia: título, lide, e o corpo (desenvolvimento).

Como descrito no capítulo 3, os valores, avaliações sociais e emoções dos alunos mostraram-se nas notícias, seja pela escolha do tema, pela seleção lexical ou apagamento de discursos. Ao analisar os textos-enunciados produzidos pelos alunos, podemos concluir que contemplaram as principais dimensões da notícia, considerando o leitor, moldando seu discurso de acordo com o público e com o gênero solicitado.

Respondendo ao que era “dizível” pelo gênero discursivo notícia, os alunos falaram sobre fatos verdadeiros, novos e relevantes, e, respondendo à esfera educacional, de onde emergiram nossos dados, os temas abordados relacionavam-se à educação (com exceção de 1 que falava sobre escola de futebol).

Os alunos escreveram de maneira objetiva fazendo uso da terceira pessoa do singular, mesmo nos textos iniciais, antes da reescrita, não houve o uso de outra pessoa, e verbos no pretérito perfeito, marcando que a notícia é de um fato já ocorrido. Fizeram uso de uma linguagem intermediária, terceira pessoa do discurso, verbos no pretérito, verbos elocutivos e outros recursos linguísticos, como as aspas. As notícias apresentavam título conciso e coerente, durante a reescrita os alunos também buscavam deixá-los “atraentes” para o leitor . O lide respondia às questões principais e a seleção das informações também se mostrou de acordo com o projeto enunciativo dos autores.

Usaram coerentemente vozes de autoridade no corpo da notícia, demonstrando que assimilaram que esse é um recurso para dar credibilidade ao que está sendo informado. Optaram pela inclusão ou apagamento dessas vozes, de acordo com a intenção comunicativa do sujeito. Havia verbos introdutórios no discurso direto e indireto.

Esses resultados indicam que os sujeitos da nossa pesquisa, alunos de 6º ano da Educação Básica, à medida que foram estudando as dimensões da notícia, tomaram a palavra e falaram a partir de suas realidades, dialogando com o que acontecia na escola; também indicam que, ao serem envolvidos em aulas que contemplaram a análise das dimensões do gênero, os alunos mobilizaram o seu dizer de modo a também contemplar essas dimensões no processo de produção textual.

Nosso percurso de pesquisa não se finaliza, apenas damos a ele o acabamento final de um diálogo que se iniciou no final de 2018. Reproduzimos e, mais ainda, ressignificamos a pergunta e resposta feita por Faraco (2021[71]): “É possível fazer um ensino de Português inspirado no pensamento de Bakhtin, considerando que ele era um filósofo e não um pedagogo?”. O pesquisador afirma que sim, desde que “o professor aprenda a olhar a linguagem e os sujeitos com ela e nela envolvidos de forma a permitir que vozes sejam valorizadas no que se quer dizer e que se paute por esse olhar ao pensar em suas ações didático-pedagógicos”.

[71]Conferência proferida no dia 19/11/2020, no 1º Webinário promovido pelo ProfLetras da UNESP(Assis) e noticiada pelo O Consoante, PLE/UEM. Notícia disponível em: <https://www.facebook.com/oconsoante/posts/1281096858904613>.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. **O Gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração**. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Programa de Pós-Graduação em Linguística (PGLg).Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ACOSTA-PEREIRA, R. **A análise de textos-enunciados como atividade precedente à elaboração didática.** Revista Intersecções (Jundiaí), v. 07, n.14, 2014.

ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas do leitor no ensino**. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas [1959-1961]. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra.6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1992]. p. 307-336.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso [1952-53]. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra.6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1992]. p. 261-306.

_____. O autor e a personagem na atividade estética [1920-1930]. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra.6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1992]. p. 3-186.

_____. Apontamentos de 1970-1971[1970-71]. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Trad. Paulo Bezerra.6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1992]. p. 367-392.

_____. Metodologia das ciências humanas [1959-61]. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1992]. Tradução: Paulo Bezerra. Coleção Biblioteca Universal. pp. 393-410.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, N.V. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014[1929].

BAKHTIN, M. M./VOLOCHÍNOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética sociológica)**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1976 [1926].

BARBOSA, J. P. **Trabalhando com os gêneros do discurso: relatar: notícia**. São Paulo: FTD, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2019[2008].

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BELOTI, A.; HILA, C.; RITTER, L.; FERRAGINI, N. Conceito de valoração em perspectiva enunciativo discursiva: proposta teórico-metodológica para a prática de leitura. In: FRANCO, N; PEREIRA, R. A.; COSTA-HUBES, T. (Orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p.109-135.

BENITES, S. A. L. **Abordagem do texto jornalístico na escola: uma proposta de oficina**. Acta Scientiarum, Maringá, v. 23, n. 1, p. 33-42, 2001.

BRAIT, B; PISTORI, M.H.C. 2012. **A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo.** *Alfa, São José do Rio Preto,* v. 56, n. 2, p.371-401, 2012.

BRITTO, L. P. Sobre a produção de textos na escola. In: GERALDI, J.W. (org.). **O texto na sala de aula.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1999[1984].

CAVALCANTI, J. R. **Professor, leitura e escrita**. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA-HUBES; T. C. **A pesquisa em ciências humanas sob um viés bakhtiniano**. Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.5, n.9, p. 552-568, dez. 2017.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA, J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, P. **Entrevista concedida à Nova Escola.** Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo. Acesso em 1 set. 2020.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: GERALDI, J.W. (org.). **O texto na sala de aula.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1999[1984], p.39-45.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013[1991].

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015[2010].

GERALDI, J. W. O mundo não nos é dado, mas construído. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da Enunciação e Outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.7-27

GRILLO, S.; VÓLKOVA, E. **Valentín Nikoláievitch Volóchinov: detalhes da vida e da obra encontrados em arquivos**. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v.61, n.2, p.255-281, 2017.

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

MEDVIÉDEV, I. P.; MEDVIÉDEVA, D. A. **O Círculo de M. M. Bakhtin: sobre a fundamentação de um fenômeno.** Bakhtiniana, São Paulo, Número Especial: 26-46, Jan./Jul. 2014.

MENEGASSI, R. A revisão de textos na formação docente inicial. In: GONÇALVES, A; BAZARIM, M. (Orgs.). **Interação, Gêneros e Letramento: A (re)escrita em foco**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

MENEGASSI, R. **Processos de revisão e reescrita de texto**. Palestra proferida durante a programação da Formação Docente da "Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro", no Estado do Pará. Veiculada no canal de youtube AVACefor Seduc PA em 11 set. de 2020.

MIOTELLO, V. Palestra proferida em Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul. In: SCHERMA, C.; OLIVEIRA, E. GUARDA, G. (et al) (Orgs.) **Por uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MOITA LOPES, L. P. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução**. D.E.L.T.A., Vol. 10, nº2, 1994 (p.329-338)

MOURA, M. I.; MIOTELLO, V. A escuta da palavra alheia. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 129-140.

OHUSCHI, M. A responsividade docente na didatização dos gêneros notícia e reportagem. In: PERFEITO, A.; RITTER, L.; KRAEMER, M. (Orgs). **Gêneros discursivos: possibilidades e reflexões de abordagens pedagógicas em práticas linguageiras**. São Carlos: Pedro e João, 2016.

OLIVEIRA, M. B. Linguagem e sujeito: revisitando escritos do Círculo de Bakhtin. In: FRANCO, N; PEREIRA, R. A.; COSTA-HUBES, T. (Orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p.47-62

POLATO, A.; FRANCO DE OLIVEIRA, N. A. Produção textual escrita e gêneros jornalísticos: um percurso dialógico na formação inicial em Letras. In: PERFEITO, A.; RITTER, L.; KRAEMER, M. (Orgs). **Gêneros discursivos: possibilidades e reflexões de abordagens pedagógicas em práticas linguageiras**. São Carlos: Pedro e João, 2016.

RIBEIRO. P. B. **Funcionamento do gênero do discurso**. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 2010.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

ROMUALDO, E; SANTANA, S.C. A notícia. In: DESIDERATO, J; NAVARRO, P. (orgs). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: EDUEM, 2017.

SANTANA, S. C. **O gênero notícia nas coleções didáticas indicadas pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos. Maringá, 2012.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, UEM, 2012.

SARMENTO, C. A.; BESSA, J. C. **Uma análise da proposta de trabalho com o gênero do discurso notícia em plano de aula de língua portuguesa do portal do professsor**. Revista Trama, v. 16, n.37, 2020, p. 34-46

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, A., DE PAULA, L., FRANCO, N. Entevista com Adail Sobral, uma conversação inacabada. In: FRANCO, N; PEREIRA, R. A.; COSTA-HUBES, T. (Orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p.243-286

SOUZA, S. J.; ALBUQUERQUE, E. D. P. **A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

SUASSUNA, L. **Entrevista Especial V**. O Consoante, Maringá, 6 dez. 2018. Disponível em: http://oconsoante.com.br/2018/12/06/entrevista-especial-v/

VOLOCHÍNOV, V. N. As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental. In: _____ **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013[1928]. p.101-130

VOLOCHÍNOV, V. N. Para além do social. Um ensaio sobre a teoria freudiana [1925]. In: _____ **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.29-70.

VOLOCHÍNOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica [1926]. In: _____ **A construção da Enunciação e Outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.71-100.

VOLOCHÍNOV, V. N. As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental [1928]. In: _____ **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.101-129.

VOLOCHÍNOV, V. N. Que é a linguagem? [1930]. In: _____ **A construção da Enunciação e Outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.131-156

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação [1930]. In: _____ **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p.157-188.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018[1929].